

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

LUANA ARIS STELLA DAL PRA

**A INCORPORAÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS NAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO
NOS CONCURSOS VESTIBULARES DA UNICAMP**

CURITIBA

2023

LUANA ARIS STELLA DAL PRA

**A INCORPORAÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS NAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO
NOS CONCURSOS VESTIBULARES DA UNICAMP**

**The incorporation of digital genres in writing proposals in Unicamp's college
entrance exams**

Trabalho de Dissertação apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador(a): Roberlei Alves Bertucci.

CURITIBA

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es). Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba**



LUANA ARIS STELLA DAL PRA

A INCORPORAÇÃO DOS GÊNEROS DIGITAIS NAS PROPOSTAS DE REDAÇÃO NOS CONCURSOS VESTIBULARES

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 07 de Agosto de 2023

Dr. Roberlei Alves Bertucci, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Fernanda Rosa Da Silva, Doutorado - Universidade Federal de Minas Gerais (Ufmg)

Dra. Paula Avila Nunes, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 12/09/2023.

Dedico este trabalho aos meus amores, que me
incentivam diariamente.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao meu orientador Roberlei Alves Bertucci, que desde o primeiro contato me tranquilizou quanto à jornada. Agradeço pela oportunidade de partilha de conhecimentos e pela paciência em me guiar neste trabalho. Agradeço à professora Paula Ávila Nunes e à professora Nize Paraguassu pelas contribuições na qualificação, e também à professora Fernanda Rosa da Silva, que participou da minha banca de defesa. Assim como aos demais professores das disciplinas, que foram generosos e gentis com tantas demandas e leituras.

Gostaria também de registrar meu reconhecimento à minha família, especialmente aos meus filhos e marido, pela compreensão e apoio nas horas de estudo. Agradeço aos meus pais, que sempre me incentivaram a nunca parar de estudar. Agradeço à minha irmã, por inúmeras vezes se dispor a ler meus textos, mesmo sem entender do assunto.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos, os poucos que sabiam, e que contribuíram de alguma forma, com palavras de incentivo para que eu não desistisse, com respostas às minhas dúvidas que surgiram ao longo do caminho. Obrigada, Milian, Solange, Mateus, Renata, Tati, Maísa, Lennon, Ana Cláudia, Camila, Daniela, Josiani e Suelen.

Saibam que todos, por algum motivo, contribuíram para a realização desta pesquisa.

Somos todos escritores, só que alguns escrevem
e outros não
(SARAMAGO, 2017).

RESUMO

Os gêneros textuais digitais fazem parte do cotidiano atual, em que o uso de meios eletrônicos, como celular, *tablet* e computadores se faz cada vez maior. Dessa forma, torna-se natural que diariamente estejamos produzindo textos nesses suportes, o que faz com que tais gêneros sejam de grande circulação social. Assim, compreende-se por que as escolas estão se propondo a incorporar esses formatos de textos no ensino da Língua Portuguesa. Observado esse cenário, verificamos também um movimento das comissões organizadoras de vestibular de incorporar os gêneros textuais digitais em suas provas. Esta pesquisa visa, portanto, a analisar as propostas de redação que abordam gêneros textuais digitais nos concursos vestibulares da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) a partir de 2019, com o advento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para isso, primeiramente, foram levantados os gêneros textuais exigidos nas provas de vestibular da instituição citada para averiguar de que forma os gêneros digitais se integram no contexto de produção textual no vestibular, sobretudo no que diz respeito ao conhecimento do candidato (estudante) quanto ao gênero e às características que o texto sob análise pode apresentar. Com base nos critérios de avaliação da Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest) e nos estudos de gêneros na perspectiva sociorretórica, analisamos as redações que compõem os arquivos da Comvest com comentários da banca das provas de 2019 e 2020 e também as redações que constam nos “cadernos de redações” de 2020 e 2022, que compilam quinze textos de candidatos considerados nota alta. Buscamos observar como ocorreu a produção desses gêneros por parte dos candidatos e quais foram as expectativas da banca avaliadora, sobretudo, no que diz respeito às características que tais gêneros exigem. A partir dos estudos de Swales, Bazerman e Miller, focamos em elementos como retórica, estratégias de leitura, propósito comunicativo e tessitura textual (coesão e coerência), para verificar a estrutura os elementos linguísticos dos textos produzidos no contexto de vestibular. Com base em Marcuschi e Xavier (2010), abarcamos conceitos de gêneros digitais, e com a perspectiva dos estudos de Ribeiro (2021; 2018) fundamentamos as mudanças de produção de sentidos na era da informação, assim como a formação de leitores e autores de textos. Apesar de os elementos funcionais e formais serem ponto indissociável dos gêneros, considerando a singularidade de cada gênero, observamos que os candidatos com notas acima da média cumprem as exigências básicas que caracterizam os gêneros solicitados, o que acarreta em uma boa avaliação pela banca examinadora.

Palavras-chave: gêneros textuais digitais; propostas de redação; concurso vestibular; Unicamp.

ABSTRACT

Digital textual genres are part of everyday life, in which the use of electronic media, such as cell phones, tablets and computers, is increasing. In this way, it becomes natural that we are producing texts on these supports on a daily basis, which makes such genres of great social circulation. Thus, it is understandable why schools are proposing to incorporate these text formats in the teaching of the Portuguese language. Observing this scenario, we also noticed a movement by the organizing committees of entrance exams to incorporate digital textual genres in their tests. This research therefore aims to analyze the writing proposals that address digital textual genres in the entrance exams of the University of Campinas (Unicamp) from 2019, with the advent of the National Common Curricular Base (BNCC). For this, first, the textual genres required in the entrance exams of the aforementioned institution were raised to find out how digital genres are integrated in the context of textual production in the entrance exam, especially with regard to the knowledge of the candidate (student) regarding the genre and the characteristics that the text under analysis may present. Based on the evaluation criteria of the Permanent Commission for Unicamp Entrance Examinations (Comvest) and on gender studies from a socio-rhetorical perspective, we analyzed the essays that make up the Comvest archives with comments from the 2019 and 2020 exams and also the essays that are included in the “newsroom notebooks” for 2020 and 2022, which compile fifteen texts by candidates considered high marks. We sought to observe how the production of these genres by the candidates occurred and what were the expectations of the evaluating board, especially with regard to the characteristics that such genres require. Based on studies by Swales, Bazerman and Miller, we focus on elements such as rhetoric, reading strategies, communicative purpose and textual texture (cohesion and coherence), to verify the structure and linguistic elements of texts produced in the context of university entrance exams. Based on Marcuschi and Xavier (2010), we cover concepts of digital genres, and with the perspective of Ribeiro's (2021; 2018) studies, we base the changes in the production of meanings in the information age, as well as the formation of readers and authors of texts. Although the functional and formal elements are inseparable from the genres, considering the uniqueness of each genre, we observed that candidates with above-average grades meet the basic requirements that characterize the requested genres, which leads to a good evaluation by the examining board.

Keywords: digital textual genres; writing proposals; contest entrance exam; Unicamp.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Grade analítica de avaliação da redação da Comvest.....	63
Figura 2 - Enunciado da proposta de 2019.....	74
Figura 3 - Enunciado da proposta de 2020.....	83
Figura 4 - Explicação de podcast da prova de redação da Unicamp 2020	84
Figura 5 - Enunciado da proposta da prova de 2022.....	96
Quadro 1 - <i>Ranking</i> de qualidade das universidades brasileiras e gêneros solicitados nas últimas provas de redação.....	15
Quadro 2 - Gêneros textuais nas propostas da Unicamp (2018-2022).....	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
Cefet-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
Comvest	Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Base
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TIDCs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Unesp	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: AS MOTIVAÇÕES DESTA PESQUISA	13
2 TECNOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS	19
2.1 Diferença(s) entre <i>técnica</i> e <i>tecnologia</i>	21
2.2 Linguagem e língua	25
2.2.1 A língua escrita como tecnologia da linguagem.....	30
2.3 Delimitação do que é gênero textual	37
2.3.1 Noção de gênero na perspectiva sociorretórica.....	42
<u>2.3.1.1 Propósito comunicativo no gênero textual digital das propostas da Unicamp</u> <u>46</u>	
3 GÊNERO TEXTUAL DIGITAL E AS PROPOSTAS DA UNICAMP	49
3.1 O gênero digital na BNCC	49
3.2 Especificidades das provas de redação	58
3.2.1 Propostas de redação no vestibular da Unicamp.....	60
<u>3.2.1.1 Comentário em fórum da internet</u>	<u>64</u>
<u>3.2.1.2 Podcast</u>	<u>65</u>
<u>3.2.1.3 Post</u>	<u>66</u>
3.3 Ampliando a visão sobre gênero textual	67
4 PROBLEMA E OBJETIVOS: ESPECIFICANDO A ANÁLISE	69
4.1 Metodologia (procedimentos)	70
4.1.1 Levantamento de dados e análise	71
4.1.2 Análise dos aspectos linguísticos e textuais	73
<u>4.1.2.1 Proposta da prova de 2019</u>	<u>74</u>
<u>4.1.2.2 Proposta da prova de 2020</u>	<u>83</u>
<u>4.1.2.3 Proposta da prova de 2022</u>	<u>96</u>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	114
ANEXO 1 – PROPOSTA 2 DE REDAÇÃO UNICAMP 2019	117
ANEXO 2 – PROPOSTA 1 DE REDAÇÃO UNICAMP 2020	118
ANEXO 3 – PROPOSTA 1 DE REDAÇÃO UNICAMP 2022	119
ANEXO 4 – REDAÇÃO 2 2020	120
ANEXO 5 – REDAÇÃO 3 2020	122
ANEXO 6 – REDAÇÃO 4 2020	124
ANEXO 7 – REDAÇÃO 5 2020	126

SUMÁRIO

ANEXO 8 – REDAÇÃO 6 2020	128
ANEXO 10 – REDAÇÃO 8 2020	131
ANEXO 11 – REDAÇÃO 9 2020	133
ANEXO 12 – REDAÇÃO 10 2020	134
ANEXO 13 – REDAÇÃO 11 2020	136
ANEXO 14 – REDAÇÃO 12 2020	138
ANEXO 15 – REDAÇÃO 13 2020	140
ANEXO 16 – REDAÇÃO 14 2020	142
ANEXO 17 – REDAÇÃO 15 2020	144
ANEXO 18 – REDAÇÃO 2 2022	146
ANEXO 19 – REDAÇÃO 3 2022	148
ANEXO 20 – REDAÇÃO 4 2022	149
ANEXO 21 – REDAÇÃO 5 2022	151
ANEXO 22 – REDAÇÃO 6 2022	152
ANEXO 23 – REDAÇÃO 7 2022	154
ANEXO 24 – REDAÇÃO 8 2022	155
ANEXO 25 – REDAÇÃO 9 2022	157
ANEXO 26 – REDAÇÃO 10 2022	159
ANEXO 27 – REDAÇÃO 11 2022	161
ANEXO 28 – REDAÇÃO 13 2022	163
ANEXO 29 – REDAÇÃO 15 2022	165

1 INTRODUÇÃO: AS MOTIVAÇÕES DESTA PESQUISA

Este trabalho surgiu a partir de observações feitas, em 2019, durante a produção de um livro didático para o componente curricular de Produção de Texto para a 3.^a série do Ensino Médio – etapa de preparação para exames que permitem o ingresso no ensino superior. O material em questão destinava-se a alunos de uma rede de ensino privada de Curitiba (PR), que, atentando-se para a necessidade de se adequar ao que propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – publicada no fim de 2018 para o ensino médio –, buscou atualizar as propostas de redação, alinhando-as às demandas dos exames de avaliação ao fim da educação básica.

Nessa busca pela atualização do material foi observado o surgimento de propostas de redação diferentes daquelas chamadas tradicionais¹. Um dos exemplos que chamaram a atenção foi o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2019 para a escrita de um “textão”, ou seja, um *post* a ser publicado em uma rede social; outro exemplo foi o da proposta da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), também de 2019, em que foi solicitada uma postagem em um fórum no ambiente virtual. Com isso, suscitou-se o interesse para verificar como os exames de vestibulares têm incorporado os gêneros textuais digitais e o que a banca examinadora espera, nos aspectos linguísticos, dos candidatos ao solicitar tal tipo de produção.

Ao ler a BNCC para compreendê-la e aplicá-la em produções de materiais didáticos ou encaminhamentos metodológicos para o ensino básico, pode-se encontrar nas habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa a produção de *podcasts*, enciclopédias colaborativas, livros digitais, comentários em *sites* ou redes sociais, roteiros escritos para *blogs* – prevendo tempo de fala e adequação à linguagem comunicativa. O documento prevê também que o currículo englobe o desenvolvimento da habilidade de reconhecer – nesses novos gêneros digitais – novas formas de escrita, as quais se apresentam por meio de abreviações, palavras com combinação de letras e números, símbolos gráficos, pictogramas, entre outras.

Considerando, então, que são novas formas de produção textual, observa-se, a necessidade, por parte dos educadores, de elaborar estratégias de orientação,

¹ Consideramos, neste trabalho, os gêneros tradicionais aqueles já consagrados no contexto de sala de aula, previstos em todo e qualquer plano curricular, como o dissertativo-argumentativo, a carta, a crônica, a notícia, o artigo de opinião.

organização e estruturação desses formatos de texto. Além disso, outros questionamentos podem ser levantados a partir dessa observação, pensando nos estudos que apresentam novas formas de alfabetizar, em que se considera o multiletramento ou multiletramentos e que vêm direcionando as produções escritas para além de formatos engessados de textos.

Nos últimos anos, foi possível observar também o surgimento de diferentes estudos e análises da incorporação dos meios digitais na, e para a, produção de livros didáticos. Constata-se que o trabalho com livros didáticos para o ensino da língua é complexo e não pode ser desenvolvido baseando-se em ideias de que é algo natural do ser humano, algo que nasce com ele. Assim, é compreensível que a produção de didáticos – materiais que partem do conhecimento prévio dos estudantes, que privilegiam o contexto em que seu público-alvo está inserido e que não os coloca todos sob a mesma perspectiva – exija leituras e mais leituras profundas, além de grandes debates e pesquisa constante.

Ponderando a preocupação, dentro da função de elaborar materiais, de formar leitores e escritores eficientes, e que para isso os estudantes precisam ter acesso a elementos culturais diversificados, observou-se também que os processos vestibulares vêm apresentando diferentes gêneros ao longo das provas – não somente nas produções textuais – para que os estudantes se capacitem a ler, interpretar e produzir diversos sistemas.

Luiz Antônio Marcuschi (2010, p. 19) considera que os gêneros são criados em razão das necessidades e das atividades socioculturais, atreladas às invenções tecnológicas, justificando, assim, o aparecimento da grande quantidade de gêneros textuais existentes atualmente. Não há dúvidas de que a comunicação escrita vem passando por um processo de mudança no modo de transmissão e construção do conhecimento, já que o suporte impresso não é a única ferramenta para isso e que as tecnologias de informação e comunicação ganharam rápido espaço na sociedade do século 21.

Assim, ao se deparar com propostas de redação que solicitam gêneros textuais digitais para a produção e avaliação de conhecimento dos estudantes, surgiram dúvidas de como e se seria possível verificar nessas redações características que indicassem que elas pertencem a gêneros que são previstos a serem produzidos em meio digital e virtual. Além disso, questionou-se se com essa “inovação” a banca

avaliadora aceitaria certas informalidades da língua portuguesa que fogem ao português considerado padrão e qual seria a intenção da comissão organizadora ao propor tal inovação e não trazer o tão aguardado texto dissertativo-argumentativo. Podemos pensar também se tal “inovação” é mesmo inovadora, ou se as produções acabaram por trazer elementos linguísticos já esperados em qualquer produção textual. Essas foram algumas questões que permearam este trabalho.

Em uma pesquisa prévia, foi possível constatar que poucas universidades públicas incorporaram os gêneros chamados digitais em suas provas de redação. Foi selecionado, primeiramente, o nome de dez universidades brasileiras tidas como as melhores em *ranking* de qualidade no Brasil, segundo a QS World University Rankings²; entre elas verificou-se que, nas provas de 2019 a 2022, a maioria seguiu a linha tradicional de solicitar a escrita de um texto dissertativo-argumentativo, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 1 - *Ranking* de qualidade das universidades brasileiras e gêneros solicitados nas últimas provas de redação

1º	Universidade de São Paulo – USP	Dissertativo-argumentativo
2º	Universidade Estadual de Campinas – Unicamp	Texto de um abaixo-assinado e postagem em um fórum (2019)
		<i>Podcast</i> e crônica (2020)
		Discurso político e texto entrada para diário (2021)
		<i>Post</i> e manifesto (2022)
3º	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	Considera a nota do Enem
4º	Universidade Federal de São Paulo – Unifesp	Dissertativo-argumentativo
5º	Universidade Estadual Paulista – UNESP	Dissertativo-argumentativo
6º	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio	Dissertativo-argumentativo
7º	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	Considera a nota do Enem
8º	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	Dissertativo-argumentativo
9º	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP	Dissertativo-argumentativo
10º	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	Conto, carta aberta e dissertação (2019)
		“Textão”, conto e dissertação (2020)

² QS World University Rankings são classificações universitárias publicadas anualmente pela Quacquarelli Symonds (QS), do Reino Unido. Compreendem tabelas classificativas mundiais e regionais, que são independentes e diferentes umas das outras em razão das diferenças de critérios e ponderações utilizadas para gerá-los.

		Manifesto, carta do leitor e dissertação (2022)
--	--	---

Fonte: QS World University Ranking (2022) e autoria própria

Assim, as provas de redação da Unicamp e conseqüentemente as produções feitas a partir do ano 2019 surgiram como a melhor opção para o *corpus* de análise, em virtude de ser uma das poucas universidades a se permitir solicitar propostas diferentes das tradicionais, além de dispor com facilidade o acesso às redações comentadas em um material com informações esclarecedoras tanto para pesquisadores quanto para professores e estudantes, o qual permite compreender (e se preparar para) o que o exame exige.

A cada ano desde 2019, a Comissão Permanente para os Vestibulares da Unicamp (Comvest) inseriu ao menos uma proposta em gênero digital, o que demonstra que a organização da prova privilegia para a escrita a vivência do dia a dia dos candidatos, mobilizando não só os textos de apoio oferecidos na proposta como também seu repertório discursivo. É possível observar também que os temas apresentados nas provas são sempre atuais – decorridos de fatos ou casos do ano em questão ou imediatamente anterior ao ano do vestibular – e pertinentes à vida de toda sociedade. Essas duas características mostram a intenção de estabelecer um diálogo com os estudantes, considerando a faixa etária da maioria dos candidatos. Dessa forma, é possível entender que a comissão considera a escrita uma ação situada socioculturalmente, visando pontos importantes como: para quê, para quem, em que suportes/mídias, em que gênero e sob quais circunstâncias se escreve um texto. Destaca-se ainda que as coletâneas dispostas nas provas apresentam conceitos e dados para subsidiar a produção, mas é preciso que o candidato compreenda e interprete adequadamente essas informações, pois não é permitido simplesmente copiá-las e inseri-las sem objetivo específico no texto a ser produzido, o que acarretaria em anulação do texto.

Pensando nesses aspectos identificados nas propostas, pretende-se nesta pesquisa observar o uso da linguagem em sua forma escrita, compreendendo sua utilização como aparato tecnológico (COULMAS, 2014) para interagir e comunicar algo. Por isso, os estudos de Álvaro Vieira Pinto e Alberto Cupani sobre o conceito filosófico de tecnologia foram necessários para o entendimento de que a escrita e a produção de um gênero textual são habilidades desenvolvidas pelo ser humano e que

quanto melhores as estratégias desenvolvidas, ou escolhas linguísticas, resultarão em melhores produtos finais.

Antes de iniciar as análises das produções textuais previamente selecionadas pela Comvest, a discussão foi embasada em alguns pontos relevantes para esta pesquisa: a ideia filosófica de tecnologia, para compreender em quais aspectos os gêneros digitais são vistos como avanços; a teoria de John M. Swales sobre gêneros textuais; o que indica a BNCC quanto aos gêneros digitais; e os estudos atuais da professora e pesquisadora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG) Ana Elisa Riberio sobre como é escrever em tempos de redes sociais, tecnologias digitais e textos hipermidiáticos.

Com essa fundamentação, estabeleceu-se um ponto em comum, focando em elementos como retórica, estratégias de leitura, propósito comunicativo e tessitura textual (coesão e coerência) dentro do gênero solicitado pela banca avaliadora.

Uma vez realizada essa etapa inicial de conceitos definidos, foi feita uma breve explicação do que a banca examinadora avalia e espera do candidato em qualquer produção textual, seja ela de gênero textual digital ou não. A Comvest propõe, em cada uma de suas provas de vestibular, duas opções de gêneros para a produção da redação e fica a critério do candidato discorrer sobre aquela que ele se sente mais confortável e apresenta maior domínio. Ao buscar pelas provas de redação do vestibular da Unicamp é possível verificar que há anos a instituição se propõe a apresentar gêneros que fogem aos tradicionais, e que isso é um dos diferenciais desse exame classificatório – ponto que, como já dito, contribuiu para que se delimitasse o *corpus* de análise desta pesquisa.

Observando uma crescente reflexão sobre as delimitações do que são os gêneros textuais, quais são suas estruturas composicionais e o que se caracteriza por “escrever bem”, considera-se que o texto é elemento importante para o ensino e a aprendizagem da língua e que tem sido cada vez mais ponto central entre diferentes pesquisadores da linguagem.

Ressalta-se ainda que há muito a ser estudado, lido, debatido e reavaliado. Nesta pesquisa, propõe-se um pequeno recorte nesse infinito de teorias e estudiosos e, mesmo que minimamente, contribuir para a análise dos gêneros textuais digitais como forma de avaliação dos estudantes que se preparam para ingressar no ensino superior. Tal reflexão pretende lançar um olhar mais apurado para as dificuldades de

escrita, e também de leitura, dos estudantes, de modo a observar estratégias para o desenvolvimento das competências linguísticas e contribuir com as metodologias de ensino de língua portuguesa, especialmente de produções textuais.

2 TECNOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre alguns conceitos-chave para os estudos linguísticos que contribuem para o embasamento das análises que serão feitas nesta pesquisa. Tais conceitos-chaves dizem respeito aos termos *tecnologia*, *técnica*, *linguagem*, *língua* e *gêneros textuais*. Dessa forma, o capítulo perpassa por teorias que convergem para o entendimento do que são esses pontos no decorrer da história da humanidade, de que forma estão relacionados entre si e quais são as peculiaridades que poderão fundamentar a compreensão do que se trata os gêneros textuais digitais.

Partimos da premissa de que a escrita é uma tecnologia – sendo este o ponto central desta pesquisa –, seguindo na óptica que ultrapassa o senso comum sobre o termo “tecnologia”. Para este estudo, compreendemos a tecnologia além de aparatos eletrônicos, aprofundamos o entendimento do termo a partir de estudos filosóficos sobre ele, sem descartar também a perspectiva sobre tecnologia da informação e comunicação, já que os gêneros digitais – tema desta pesquisa – são oriundos dos meios eletrônicos utilizados atualmente para interagir, como computadores, celulares, *tablets* etc. Conforme afirma Cupani (2016, p. 10), tecnologia é “uma realidade bem maior do que a sugerida pela costumeira associação da tecnologia com a engenharia, porque a tecnologia nos afeta e desafia qualquer que seja nossa atividade”.

Com base nos estudos de Vieira Pinto (2005), acreditamos que não vivemos atualmente em uma “era tecnológica”, pois, desde sempre, estivemos inseridos num contexto tecnológico, não havendo sucessões de eras e invenções, mas exigindo da sociedade reformulações compatíveis com a sua utilização, no tempo em que está inserida. Ou seja, cada tecnologia surgiu na época em que precisava surgir, não “ultrapassando” a necessidade histórico-econômica prévia de outra tecnologia. O autor cita:

O transporte ferroviário só veio a se constituir em alvo da pesquisa inventiva quando se tornou patente a insuficiência da tração animal para movimentar volumosas e pesadas cargas, principalmente o carvão inglês destinado à navegação e à exportação (PINTO, 2005, p. 244).

Consideramos que a tecnologia é toda produção artificial que o ser humano tem propensão em pensar para, inicialmente, sobreviver, como a confecção da lança,

dos ossos como agulhas, forjados pela sociedade pré-histórica, até – a partir da Idade Moderna –, de acordo com Ortega y Gasset (1965), a produção do artificial para o bem-viver. Por isso, entendemos que as produções artificiais abarcam o necessário, mas, para além disso, especialmente o supérfluo: além de sobreviver, o ser humano quer bem viver.

De toda forma, o ser humano tende a ter preferências por instrumentos que facilitem e agilizem sua vivência, e sejam cada vez mais rápidos e eficientes, poupando-nos tempo e esforço. Temos uma preocupação em controlar o futuro, em evitar ou adiar tragédias e também programar tudo o que precisamos/necessitamos fazer. Todas essas ações, mesmo que irrefletidas, demonstram nossa mentalidade tecnológica. Apesar de não estarmos a todo tempo criando meios e formas tecnológicas, somos usuários delas. Assim, tecnologia se refere a todas as formas de alterar o mundo para facilitar e melhorar a nossa vivência como espécie humana.

Os seres humanos têm uma capacidade inata de “fazer” coisas, e toda produção humana, seja técnica, seja tecnológica, prevê a manifestação de um saber. Assim, é possível concluir que os seres humanos não vivem apenas instintivamente para manterem-se vivos, como os demais animais que preocupam-se apenas com as necessidades básicas para se manterem vivos. Ao fazer, eles desenvolvem objetos, artefatos ou processos artificiais. Os termos *artefato* e *artificial* denotam arte; conforme pontua Cupani (2016, p. 14), arte remete ao termo grego *techne*, que significa a habilidade que envolve um saber específico. Para o autor, “tanto a produção quanto a utilização dos artefatos supõe a aquisição de habilidades”. Ressalta-se, porém, que

a intervenção da *ciência* na produção de artefatos é vista geralmente como geradora de uma diferença importante entre a técnica tradicional, baseada no conhecimento empírico do mundo, e a tecnologia, resultante da aplicação do *saber teórico* (CUPANI, 2016, p. 14).

Entende-se que, quando a ciência é incorporada ao processo de criação de artefatos, percebe-se uma diferença com a criação que utiliza saberes práticos e experiências acumuladas ao longo do tempo para isso. A aplicação de conhecimentos teóricos e científicos em um processo de criação de artefato permite alcançar avanços mais complexos, o que caracteriza o conceito de tecnologia.

Além disso, “o fazer que a técnica (ou a tecnologia) implica é um produzir socialmente moldado” (CUPANI, 2016, p. 15), tudo o que produzimos em termos

técnicos ou tecnológicos respondem a anseios culturais. Essa questão social para a produção de tecnologia também a diferencia da técnica tradicional, aquela desenvolvida por conhecimentos empíricos, já que a sua produção não é apenas para uso próprio, e sim pretende solucionar questões que permeiam a sociedade como um todo.

O enfoque analítico de Cupani sobre a filosofia da tecnologia propõe que se compreenda a tecnologia como uma atividade planejada, que possui métodos, utiliza conhecimentos e também os desenvolve, de forma orientada por valores, regras e normas.

Os termos *técnica* e *tecnologia* já foram muito utilizados como sinônimos e sua aplicação em diferentes contextos pode causar confusão. Dessa forma, pretendemos esclarecer brevemente a diferença entre eles no próximo tópico.

2.1 Diferença(s) entre *técnica* e *tecnologia*

Muitas perguntas permeiam os estudos sobre tecnologia. Diferentes filósofos em diferentes épocas seguem pesquisando e analisando as variáveis que rodeiam o termo.

A técnica e a tecnologia estão relacionadas entre si, mas não as usamos como sinônimos. Com base em Ortega y Gasset (2009) e Álvaro Vieira Pinto (2005) – ambos desenvolveram seus estudos no século passado, quando ainda não existia nem a internet como se tem atualmente, mas trouxeram inúmeras reflexões que se aplicam aos tempos atuais –, procuramos nesta pesquisa definir o que são esses dois termos, para subsidiar o entendimento de que gênero textual é uma ferramenta tecnológica, além do suporte digital, em que os gêneros foco de estudo desta pesquisa se desenvolveram, sendo assim a combinação de duas tecnologias.

Para Ortega y Gasset (2009), desde o início da humanidade criamos meios para combater tudo que ameace a nossa sobrevivência, como o frio, a fome e a distância. Fazemos o fogo para nos aquecer, cultivamos no campo para nos alimentar, fazemos automóveis para andarmos em velocidade e encurtar as distâncias. Todos esses atos de “fazer” algo para modificar nossas circunstâncias possuem uma estrutura em comum: “pressupõem e acarretam a invenção de um procedimento” (ORTEGA Y GASSET, 2009, p. 31).

Esse procedimento consiste na criação de algo cujo funcionamento proporcionará aquilo de que precisávamos. Porém, a técnica não é desenvolvida para suprir necessidades básicas de sobrevivência dos seres humanos, ela é a adaptação do meio ao sujeito, e não o contrário. O autor se pauta no tecnicismo como um “método intelectual que opera na criação técnica” (ORTEGA Y GASSET, 2009, p. 90).

A técnica se propõe a diminuir e até mesmo quase eliminar o esforço imposto pela circunstância. “Na poupança de esforço que a técnica proporciona podemos incluir, como um dos seus componentes, a segurança” (ORTEGA Y GASSET, 2009, p. 43). As circunstâncias ou natureza que rodeiam o ser humano é o que o filósofo chama de sistema de facilidades e dificuldades, e isso varia de forma individual.

De acordo com o filósofo, podemos destacar três estágios evolutivos da técnica – evolutivo no sentido de que dizem respeito à sua continuidade, e não necessariamente à sua qualidade. O primeiro remete às técnicas simples e escassas em que todos os membros da comunidade os dominavam, era como fazer a fogueira para se aquecer. Nesse momento, o ser humano ainda não tinha consciência do seu poder de inventar. A invenção é diferente da descoberta. A primeira se refere à geração de algo que até então não existia, a segunda é quando “se encontra” algo existente na realidade, mas que ainda não havia sido detectado. O segundo estágio de evolução da técnica remete à Grécia Clássica, Roma e Idade Média, em que havia o artesão que dominava um dote fixo. Ainda não se tinha consciência da técnica, mas os técnicos-homens (mestres e aprendizes) repassavam seus saberes como uma tradição. O terceiro estágio remete ao século XX, em que já se tem a consciência do inventar, e a técnica é aplicada como fonte das atividades humanas, em princípio, segundo Ortega y Gasset, ilimitadas.

Com essa ideia, consideramos que, conforme o ser humano adquire mais conhecimento e também mais consciência acerca das circunstâncias, mais tecnologias ele cria para ludibriar, de alguma forma, as leis naturais. Para que meios e/ou instrumentos tecnológicos sejam desenvolvidos, o ser humano utiliza-se do que chamamos técnica, ou seja, são estruturados procedimentos vinculados a determinadas regras. Concluímos com o que explica Cupani (2016, p. 15), a técnica se refere a algo “produzido mediante algum procedimento sujeito a regras”.

A palavra *tecnologia* foi usada com bastante frequência ao longo dos anos e em diferentes contextos. Sobre sua abrangência, são pertinentes as constatações de

Vieira Pinto (2005), em que é possível destacarmos “quatro significados principais” para o termo no decorrer dos anos: ciência da técnica, técnica propriamente, conjunto de técnicas e ideologização da técnica.

Em seu primeiro significado, o termo se refere à teoria, ao estudo, seriam as habilidades do “fazer”. No segundo significado, é o sentido mais popular, como se as duas palavras pudessem ser usadas como sinônimo. No terceiro significado, Vieira Pinto (2005, p. 220) aponta que o termo é “entendido como o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento”. E o quarto significado é pelo qual o autor se dedica com mais profundidade, referindo-se à ideologia da técnica.

Em seu primeiro significado, Vieira Pinto considera a possibilidade de uma ciência com o nome de tecnologia cujo objeto seria a técnica. O segundo significado proposto pelo autor se refere, basicamente, à confusão entre os dois termos: técnica e tecnologia. Para o filósofo, é importante fazermos as distinções para evitarmos julgamentos sociológicos e filosóficos suscitados pela intenção de compreender a tecnologia, e para a qual ramos da economia têm interesse em manter os termos como sinônimo – ponto que converge para o quarto significado sobre a ideologização da tecnologia.

No terceiro significado apontado por Vieira Pinto, encontram-se duas interpretações, uma que considera a tecnologia das áreas mais desenvolvidas do mundo como sendo o único modelo tecnológico existente. Para o filósofo, este pensamento é problemático, pois a tecnologia é desenvolvida de acordo com as condições de tal sociedade, e assim não há como uma sociedade em desenvolvimento “copiar” modelos tecnológicos de sociedades desenvolvidas, é preciso considerar seu contexto social e histórico. Consideremos, assim, que a tecnologia é variada, diversificada e, conseqüentemente, não singularizada. A outra possibilidade de interpretação para o terceiro significado reconhece a multiplicidade de projetos tecnológicos existentes, em qualquer que seja a sociedade.

O quarto significado de tecnologia para Vieira Pinto se aproxima do termo tecnocentrismo, estabelecendo uma relação entre o estado de desenvolvimento das técnicas e a elevação delas à ideologia social. Para o filósofo, a sociedade tende a enaltecer aquilo que ela mesma se viu em condições de criar:

O homem maravilha-se diante do que é produto seu porque, em virtude do distanciamento do mundo, causado pela perda habitual de prática de transformação material da realidade, e da impossibilidade de usar os resultados do trabalho executado, perdeu a noção de ser o autor de suas obras, as quais por isso lhe parecem estranhas. Outrora, na pobreza de uma civilização tecnicamente “atrasada”, o homem só podia com efeito maravilhar-se com aquilo que encontrava feito; agora, na época da “civilização tecnológica”, extasia-se diante do que faz. (PINTO, 2005, p. 35)

Essa ideologização da tecnologia faz com que não enxerguemos a nossa capacidade de fazermos, de produzirmos, faz com que percamos a compreensão da técnica, nos impedindo de enxergar que é isso que nos tira da condição de animal comum, sendo este o ponto de contato do ser humano entre o mundo natural com o artificial. Para Vieira Pinto (2005, p. 672), “a tecnologia não pode ser por si mesma fator revolucionário pela simples razão de estar sempre em modificação e consistir na introdução de puras mediações que irão criar condições novas para o desempenho da atividade social dos homens”.

A técnica se caracteriza pela transformação do que é natural a partir de elementos pré-científicos, isto é, é preciso de um conjunto de regras eficientes que orientem de forma eficaz o desenvolvimento de uma atividade. Porém, não é apenas isso, uma característica essencial da técnica é que depois de inventada há um processo de melhoria de suas formas e usos.

Com isso, a partir do que é técnica, conceituamos a tecnologia como um conjunto de conhecimentos teóricos que permite, por meio da técnica, desenvolver ferramentas para suprir as necessidades supérfluas da sociedade. Ressaltamos que não são os aparatos técnicos que implicam as mudanças no modo de ser, pensando no conceito que vimos de que as tecnologias são criadas a partir de condições sociais que as exigem; portanto, foram criadas com um fim, que pode ser desvirtuado.

Para ilustrar esses dois conceitos, podemos citar exemplos, como a agricultura tradicional e a agricultura de precisão. Na agricultura tradicional, os agricultores utilizam métodos e práticas, que foram transmitidos de geração a geração, com base na observação do clima e do comportamento das plantas no momento de plantar e colher, sem depender de análises científicas, assim usou-se uma técnica para atender a essa demanda do ser humano. Já na agricultura de precisão, os agricultores têm acesso a informações mais detalhadas sobre o solo, o clima e cada espécie de planta, quais fertilizantes e pesticidas usar, e para se chegar a essas informações foram

necessários estudos científicos, o que acarretou no desenvolvimento tecnológico para essa prática.

Portanto, a técnica depende mais de habilidades práticas e conhecimentos acumulados adquiridos ao longo dos tempos, e a tecnologia se baseia nos conhecimentos científicos e sistemas mais complexos para atingir determinados objetivos.

E qual seria o elemento importante para que a técnica e a tecnologia se desenvolvessem? Com base nos estudos de Vargas (2009), consideramos que a linguagem é tal fator imprescindível para que existissem esses dois conceitos. Para explicarmos essa relação entre linguagem e tecnologia, apresentamos a seguir algumas noções pertinentes ao tema desta pesquisa.

2.2 Linguagem e língua

Poderíamos atrelar a linguagem à tecnologia do mundo atual baseando-nos apenas em questões óbvias, como as formas de interagir por meio de celulares, em que com a tecnologia encontramos a função que sugere a complementação das palavras de forma automatizada ou às inteligências virtuais que obedecem aos comandos da voz humana e até interagem conosco. Porém, propomos aqui a linguagem, assim como a tecnologia, em sua dimensão ontológica e cultural.

A tecnologia se apresenta de forma plural e ambígua: plural porque pode ser não apenas em forma de objetos, mas também em forma de processos, sistemas, modos de produção e até mesmo como mentalidade. E ambígua, em razão dos benefícios ou malefícios que a sua criação pode gerar.

Assim, a tecnologia é criada no âmbito da cultura. A cultura e a tradição social e histórica em que estamos inseridos ligam-se à linguagem, dependendo dela para se difundir na sociedade. O antropólogo Stuart Hall (2016), que focou seus estudos na cultura, na identidade e na representação, destaca que a representação por meio da linguagem é central para os processos pelos quais produzimos significado:

[...] a linguagem nada mais é o meio privilegiado pela qual 'damos sentido', às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem. Assim, esta se torna fundamental para os sentidos e para a cultura e vem sendo

invariavelmente considerada repositório-chave de valores e significados culturais. (HALL, 2016, p. 17)

Com isso, nossos sentidos, memória, experiência, imaginação e razão são ligados por um vínculo em comum: são estágios e expressões diferentes que nos seres humanos atingem a mais alta perfeição.

Cupani (2016) destaca que a tecnologia é neutra em sua função técnica e em seu propósito, mas sua utilização efetiva determina uma valoração positiva ou negativa.

Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus 'impactos', mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explodiriam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela (LÉVY, 1999, p. 26).

É a partir do simbolismo do ser humano que a tecnologia adquire tal valoração – positiva ou negativa. Ou seja, é o ser humano – um animal simbólico que tem a capacidade de representar – quem determina essa valoração.

Trazemos então as ideias de Cassirer (2021) para explicar que consideramos que todas as espécies de animais possuem um sistema chamado receptor – que recebe estímulos externos – e um sistema efetuator – que reage aos estímulos externos. Entretanto, o animal homem difere dos demais animais não só por ser “racional”, e sim por possuir um terceiro sistema: o simbólico. Somente nós somos capazes de compreender, de interpretar e de vivenciar o sistema simbólico, o qual é composto, entre outros, pelo mito, pela religião, pela arte e, o que nos interessa aqui, pela linguagem. Para Cassirer (2021), a linguagem é o primeiro e maior sistema simbólico, pois é ela que explica qualquer sistema simbólico.

Para o filósofo,

Todo o progresso humano em pensamento e experiência é refinado por essa rede, e a fortalece [...] [O homem] Envolveu-se de tal modo em formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos míticos ou ritos religiosos que não consegue ver ou conhecer coisa alguma a não ser pela interposição desse meio artificial. (CASSIRER, 2021, p. 48-49)

Algo para ser simbólico tem de ser cultural e estar inserido em um tempo e espaço. Dessa forma, o ser humano produz a partir desse sistema simbólico, criando

e adaptando sua realidade às suas necessidades e, especialmente, às suas vontades.

Mesmo que a cultura nos atravesse de formas singulares, por meio da atribuição de sentidos que lhes damos, ela é construída com base nos significados compartilhados.

Assim, seriam então os indivíduos, a sociedade, que refletem suas linguagens no uso dos aparatos técnicos e não há como dissociar um do outro. Para Lévy (1999, p. 22) “a distinção traçada entre cultura (a dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual”.

Há muito tempo, inúmeros pesquisadores buscam explicar de que forma se organizam os mecanismos de linguagens para os seres humanos. Como linguagens – dessa forma, no plural –, entendemos por toda estrutura que usamos para produzir sentido, para representar algo real. É importante destacar que há muitas divergências quanto à definição de linguagem, há quem defenda a existência de outras linguagens, como as diferentes manifestações artísticas: dança, teatro, artes plásticas, música etc., e há também as vertentes de estudo sobre linguagem animal – que não humana.

Para esta pesquisa, consideramos a linguagem a realização da nossa capacidade simbólica e, de acordo com Benveniste (1988), algo que nos é inerente e nos constitui como sujeitos. A linguagem pode ser considerada a ligação do ser humano com o mundo, é por meio dela que ele segue se adaptando e sobrevivendo às condições naturais, é com ela que ele estabelece relação com o outro, expressa-se e organiza seus pensamentos.

E foi a partir da nossa capacidade de simbolizar que elaboramos um sistema que nos permite materializar a linguagem, que é a língua. É por meio da linguagem que o ser humano é capaz de projetar, planejar e planificar, e é por meio da língua que ele pode se comunicar e expor seu sistema simbólico para interagir com os outros seres humanos. De acordo com Cupani (2016, p. 13),

O homem pode exprimir-se mediante o alfabeto, pintando (com um pincel ou uma pena) palavras sobre um pergaminho, ou pode fazê-lo utilizando o teclado de um computador e enviando sua mensagem pela rede mundial: aparentemente, em ambos os casos ele recorre a meios técnicos (secundários) para transmitir o que formula nessa técnica simbólica básica que é a linguagem.

Concluimos que os seres humanos conseguem se expressar por diferentes formas por meio das linguagens. Sabemos que o alfabeto é uma das mais antigas técnicas utilizadas para transmitir ideias, e que depois do desenvolvimento dele

diferentes formas de nos expressarmos foram elaboradas também, especialmente com o avanço das tecnologias, que propiciaram novas técnicas para isso. Cupani cita o uso do teclado do computador, que apresenta as letras do alfabeto e podem ser digitadas. Apesar das diferenças tecnológicas entre as duas ferramentas (pincel e pergaminho e teclado), a essência do uso do alfabeto é a mesma: transmitir o que é formulado por meio da linguagem. Em ambos os casos, o ser humano recorre a meios técnicos secundários, ou seja, ferramentas e dispositivos, para ampliar a comunicação e a disseminação da linguagem. Assim, independentemente do meio técnico utilizado, a linguagem é a base da expressão humana feita por meio de aparatos técnicos que auxiliam a materialização da linguagem.

A língua é a convenção utilizada socialmente para expressar a linguagem, e não consideramos que os termos se confundem.

[A língua] não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 2006, p. 17)

A língua faz parte da cultura e das tradições de todas as sociedades e se apresenta como um fator de socialização. Precisamos dela para interagir, nos aproximar e nos fazer entender dentro das relações humanas.

Ela é regulamentada por códigos, escolhidos de forma aleatória, e se apresenta como um “objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 22). É por meio dela que podemos elaborar classificações, combinações e formar frases. Além disso, toda e qualquer língua é dotada de regras que regem os falantes, ela é um sistema complexo que exige reflexão para que possa ser compreendida e sofre influência constante de todos os seus falantes, situando-a em um tempo e exposta a uma determinada sociedade.

É fato que a modernidade trouxe inúmeras mudanças para os estudos da linguagem, e atrelado ao fato de que a língua está constantemente se transformando, modificando-se e adequando-se a diferentes formas de interação, que levam em consideração a construção individual dos saberes e a vida social de seus falantes, observamos, assim, que se desenvolveram diferentes formas de produzir linguagens.

as capacidades de memória e de transmissão aumentam, quando são inventadas novas interfaces como corpo e o sistema cognitivo humano (a “realidade virtual”, por exemplo), quando se traduz o conteúdo das antigas mídias para o ciberespaço (o telefone, a televisão, os jornais, os livros etc.), quando o digital comunica e coloca em um ciclo de retroalimentação processos físicos, econômicos ou industriais anteriormente estanques, suas implicações culturais e sociais devem ser reavaliadas sempre. (LÉVY, 1999, p. 25)

Por ser adaptada e apropriada à forma de viver do ser humano, de acordo com o tempo e o espaço histórico em que se está inserida, por pressupor uma técnica para que possa ser aprendida e ensinada, a língua é entendida como tecnologia, servindo como um instrumento da linguagem, mesmo que não palpável, capaz de facilitar o modo de comunicação entre os indivíduos e permitindo a abstração, quando falamos de diferentes tempos ou de algo que não existe. Conforme afirma Vieira Pinto (2005), é um meio necessário para o desenvolvimento e a proteção dos seres humanos, além de ser o meio mais eficaz para se atingir objetivos cognitivos, como aprender, lembrar, refletir e também ler e escrever.

Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem – o que pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes –, melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecno-social. (LÉVY, 1999, p. 29)

Portando, sendo nós, seres humanos, uma das interfaces entre linguagens e tecnologia, que adaptamos ou apropriamos algo que nos é inerente – a linguagem – à nossa forma de viver; e em uma de suas manifestações, que é a língua, se estabelece, assim, uma tecnologia, já que intervimos para adaptá-la à nossa necessidade situada de acordo com o nosso meio social, cultural e histórico vivido. É a linguagem, ainda, que fornece elementos para a criação de outras tecnologias e que produz sentido ao universo em que estamos inseridos, inventando e reinventando nossa realidade.

Apesar de aprendermos a falar (língua oral) naturalmente, por meio de um sistema de qual dispomos, quanto mais compreendemos a língua mais desenvolvemos estratégias que levam a finalidades cognitivas.

De acordo com Jakobson (2007), nas diferentes línguas os signos linguísticos podem ser explicados por outros signos linguísticos na mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos. O autor destaca também que a tradução de

um signo não se dá por unidades de códigos separadas, mas, sim, pela mensagem completa que se pretende transmitir.

Em sua função cognitiva, a linguagem depende muito pouco do sistema gramatical, porque a definição de nossa experiência está numa relação complementar com as operações metalinguísticas – o nível cognitivo da linguagem não só admite mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução. A hipótese de dados cognitivos inefáveis ou intraduzíveis seria uma contradição nos termos. Mas nos gracejos, nos sonhos, na magia, enfim, naquilo que se pode chamar de mitologia verbal de todos os dias, e sobretudo na poesia, as categorias gramaticais têm um teor semântico elevado. (JAKOBSON, 2007, p. 69)

Nesse sentido, a linguagem em sua função cognitiva apresenta uma relação interdependente com as operações metalinguísticas para interpretar outros códigos, é preciso analisar a mensagem como um todo, e não meramente aspectos gramaticais.

2.2.1 A língua escrita como tecnologia da linguagem

O saber da língua escrita não é inato ao ser humano, como cita Maryanne Wolf (2007 apud 2019, p. 9): “os seres humanos não nasceram para ler”. Isto é, nós não nascemos já sabendo ler ou escrever, precisamos adquirir essa habilidade por meio de técnicas que foram desenvolvidas ao longo dos tempos. Assim, a escrita foi desenvolvida a partir de uma técnica, que necessitou reflexão para sua construção, dispondo de diferentes possibilidades a partir da língua. Por isso, tal habilidade nos exige desenvolver estratégias tanto para aprendê-la quanto para ensiná-la.

A escrita é uma das formas de o ser humano interagir muitíssimo utilizada em diferentes contextos sociais, temporais e em diferentes instituições, e o seu saber impacta enormemente a vida dos indivíduos. Para o autor Florian Coulmas (2014, p. 134), “o domínio da escrita, mais do que uma mera habilidade técnica, sempre foi e continua sendo um marcador de distinção social. A língua escrita é um atributo de poder, escrever é potencialmente um meio de empoderamento”. Nesta pesquisa não pretendemos enveredar a discussão para as questões políticas do domínio da escrita, justamente porque o intuito do trabalho é analisar os recursos linguísticos avaliados em produções de texto, observando quais são as flexibilizações do uso da língua e de

que forma esse movimento pode ampliar o alcance e maior disseminação dessa competência na sociedade, pois acreditamos que aumentar o número de usuários, aumenta também a utilidade da língua e as possibilidades de desenvolvimento de tecnologias – no sentido filosófico do termo.

Em todos os períodos da história, as mudanças e transformações de produção de linguagem ocorreram paulatinamente, e a cultura da escrita, constituída há milênios, acompanha essas transformações:

Como ferramenta desenvolvida num dado momento da história para certos objetivos, todo sistema de escrita estará sempre sujeito a demandas por seu aperfeiçoamento em termos de adequação linguística, facilidade de ser aprendido ou correção política. (COULMAS, 2014, p. 139).

Há também as mudanças dos diferentes suportes utilizados para a escrita, desde argila, couro, pedras, tecidos, até chegarmos ao papel e atualmente diferentes suportes digitais – espaços onde encontramos a cibercultura e o hipertexto –, os quais quebram a linearidade até então estruturada para a produção de texto. Essas diferentes invenções de produção de escrita não ocorreram necessariamente em sequência; por exemplo, o pergaminho não sucedeu ao papiro, nem seu uso substituiu outros modos de escrever. Assim, não consideramos aqui que as novas e/ou atuais formas de produção de linguagem substituam ou deixem em defasagem formas anteriores. Conforme afirma a professora Ana Elisa Ribeiro (2018, p. 13), essas formas de produção de linguagem “[...] são reposicionadas [...] em um sistema de mídias que se reconfigura, tecnológica e socialmente”. A professora ainda expõe os dados referentes aos períodos de tempo que se levou para que os modos de escrever se alterassem:

Foram cerca de quatrocentos anos para o livro em forma de rolo ceder lugar ao códice, que nunca cedeu lugar a outro objeto. Mesmo o tablet ou a tela do computador gostam de emular essa invenção romana do ano I a.C., atribuída a Júlio César (FISHER, 2006 apud RIBEIRO, 2018, p. 26)

Tais informações corroboram a ideia de que os gêneros aparecem conforme as demandas sociais: alguns surgiram após a invenção do papel, outros depois do telefone e da televisão e, mais recentemente, há aqueles que surgiram a partir das mídias sociais. Assim, a relação entre língua, textos e gêneros com diferentes

tecnologias proporciona novas formas de produção linguística, bem como novos gêneros.

Com base nos estudos do pesquisador Sylvain Auroux (2014), entendemos que a escrita foi a primeira revolução tecnolinguística, porque transformou de forma significativa a forma que a linguagem humana passou a ser registrada e transmitida. Anterior ao desenvolvimento da escrita, a interação entre os humanos era predominantemente oral, com a elaboração da escrita passamos a ter um novo meio de comunicação, permitindo que as ideias pudessem ser transmitidas ao longo do tempo e do espaço. Alguns dos pontos importantes que surgiram com esta revolução são: a preservação do conhecimento e conseqüentemente o acúmulo dele, pois as gerações futuras podem ter acesso ao que foi descoberto e escrito no passado; a comunicação a distância (envio de cartas e documentos); o desenvolvimento do pensamento abstrato, ou seja, passamos a poder representar pela escrita conceitos e ideias abstratas, expandindo nossa capacidade cognitiva; e por último a padronização da linguagem, que levou à padronização das línguas e gerou a segunda revolução tecnolinguística, a gramatização. Foi possível então estabelecer regras gramaticais, ortográficas e vocabulários comuns, facilitando a comunicação entre diferentes pessoas e regiões. A gramatização é também uma técnica desenvolvida com muita reflexão sobre modos de organização e interpretação de cada língua. Tal técnica gerou artefatos, como as gramáticas e os dicionários, que possibilitam que estudemos a língua cientificamente e são importantes instrumentos de ensino e aprendizagem.

Por isso, são chamadas de revoluções, porque trouxeram mudanças profundas nas formas de transmitirmos a linguagem, causando impactos significativos na sociedade, nas formas de interação, no desenvolvimento da cultura, na formação de identidades linguísticas e na forma de transmissão de conhecimento.

Destacamos três domínios importantes, segundo o pesquisador citado, para que se estabeleçam as técnicas que vão ajudar a desenvolver habilidades linguísticas necessárias para que a comunicação seja mais efetiva:

a. o *domínio da enunciação* que entendemos como a capacidade de um locutor tornar sua fala adequada a uma finalidade dada, convencer, representar o real etc.; b. o *domínio das línguas*: falar e/ou compreender uma língua, que se trate da língua materna ou de outras; c. o *domínio da escrita*. Os domínios dão lugar à constituição das técnicas, isto é, de práticas codificadas que permitem obter [...] um resultado desejado [...] (AUROUX, 1992, p. 17).

O primeiro domínio se refere à capacidade de ajustar a fala de acordo com a finalidade comunicativa, podendo ser para convencer, representar a realidade ou atingir outros objetivos comunicativos. Ao ter esse domínio, somos capazes de adequar a nossa fala a diferentes contextos. O segundo domínio permite a comunicação intercultural e interação com diferentes contextos sociais, ampliando nossas possibilidades de estudo, de lazer e de trabalho, ainda mais considerando nosso mundo cada vez mais globalizado. E o terceiro domínio nos permite compreender e produzir textos escritos, esse domínio nos proporciona organizar as ideias de forma clara e coerente, revisá-las e reescrevê-las, de maneira a aprimorar o que pretende expressar por meio de textos.

De acordo com as ideias vistas em Cupani (2016), o ser humano tem uma propensão a agir tecnologicamente, isto é, olhamos o mundo natural e pensamos de que forma ele poderia ser diferente. O planejamento é, então, um dos itens essenciais para que organizemos nossos pensamentos com o objetivo de inventarmos algo tecnológico. Por isso, com base nessa definição, consideramos que ao produzir um texto precisamos organizá-lo e planejá-lo, por meio da linguagem, em nossos pensamentos, atentando-se para o fato de que quando produzimos um texto precisamos ter em mente a imagem de quem será o interlocutor, assumindo as duas posições, tanto de autor quanto de leitor. Portanto, é sob esses aspectos que observamos que a escrita é uma tecnologia da linguagem.

Para Vieira Pinto (2005), não há outro caminho para a sociedade a não ser a evolução, o progresso, precisamos estar constantemente aprimorando e melhorando as tecnologias. Sabemos que não temos a capacidade de produzir tecnologias para o futuro, mas que as produzimos para o tempo em que vivemos, pensando em produções que melhorem nossas condições de bem-viver nesse espaço de tempo.

A escrita é uma dessas invenções, que surgiu para intercambiar as relações humanas e para fins de registro. De acordo com Aurox (1992, p. 20),

O processo de aparecimento da escrita é um processo de objetivação da linguagem, isto é, de representação metalinguística considerável e sem equivalente anterior. Ele precisa do aparecimento de técnicas autônomas e inteiramente artificiais; ele produz o aparecimento de um dos primeiros ofícios da linguagem na história da humanidade, e provavelmente (faltam-nos informações) o aparecimento das tradições pedagógicas.

Por meio da escrita, narramos quem – seres humanos – somos, e atualmente, mais do que nunca, buscamos registros permanentes, apesar da efemeridade. Foi graças à escrita que passamos a ter uma memória da humanidade, em que conseguimos resgatar acontecimentos ocorridos séculos antes. A permanência dos signos gráficos e o fato de cada vez mais pessoas poderem acessar informações fez com que a sociedade passasse a se desenvolver e evoluir de forma cada vez mais rápida. A escrita é um saber-fazer em que o sujeito produz e pratica uma técnica para dizer e se relacionar com o outro, e a cada momento que produzimos e praticamos uma técnica para nos relacionar provocamos alterações na estrutura da língua. A sociedade, a cultura e a técnica estão interligadas, são indissociadas, por isso, quando o sujeito se afeta pelas produções de sentido de uma determinada tecnologia, observamos impreterivelmente repercussões na língua.

A língua escrita não é uma transposição da língua falada, mas, sim, uma abstração da fala. Criamos um sistema simbólico (escrita) para simbolizar outro sistema simbólico (fala). A abstração é uma capacidade cognitiva do ser humano, criada a partir da faculdade da linguagem no cérebro humano. Conforme afirma Coulmas (2014, p. 153), “a escrita é um artefato que, além de ser um instrumento de comunicação visual, também se presta facilmente a propósitos simbólicos (emblemáticos) e, conseqüentemente, é muitas vezes empregada para tal fim”. Por isso, com base no autor, consideramos que quaisquer mudanças na escrita apresentam elementos instrumentais e simbólicos.

Coulmas (2014) conclui em suas pesquisas que a fala e a escrita seguem gramáticas diferentes, porém “investigações detalhadas das diferenças entre fala e escrita revelaram traços tidos como característicos de uma podiam também ser detectados na outra” (BIBER, 1988 apud COULMAS, 2014, p. 71). Assim, entendemos que tanto a fala quanto a escrita mantêm um modelo contínuo de manifestação.

Como foco principal desta pesquisa, consideramos que as escolhas linguísticas na escrita podem impactar em diferentes produções de sentido, e que para isso precisamos de nossos conhecimentos epilinguístico³ (inato e inconsciente) e

³ Refere-se ao conjunto de saberes do uso cotidiano da língua e envolvem um domínio das estruturas, regras e significados linguísticos para proporcionar uma comunicação efetiva entre os falantes.

metalinguístico⁴ (reflexivo e consciente). É por meio do uso de diferentes recursos linguísticos que pretendemos analisar a capacidade linguística utilizada na produção de gêneros textuais digitais em produções para o vestibular da Unicamp. Entendemos que tais escolhas são feitas de forma consciente, já que, por exemplo, há certo rigor e prestígio por certas variações da língua em detrimento de outras e há a preferência por determinados elementos a depender do gênero textual proposto. O próprio fato do uso de pontuação e de algumas pontuações mais específicas e menos usuais na escrita demonstra apropriação e domínio de conhecimentos metalinguísticos.

Com a escrita produzimos textos, e para isso, diferentemente da língua falada em que para aprendê-la precisamos apenas estar expostos a ela, na língua escrita necessitamos aprender um sistema específico para utilizá-la.

A ação de nos expressarmos por meio de textos exige uma relação de interação entre os envolvidos via uso da língua. De um lado, encontramos o autor/produtor, e, do outro, está a figura de leitor, em uma dinâmica interativa que exige estratégias de compreensão para se interpretar o que foi escrito e conhecimentos prévios sobre o tema/assunto de ambos os envolvidos. Ou seja, o autor/produtor do texto precisa dominar habilidades da língua escrita para que se faça compreendido ao transpor para o texto aquilo que está em seus pensamentos. Por sua vez, o leitor precisa também ter domínio de estratégias para identificar as palavras, fazer inferências e ser capaz de analisar o contexto. Os conhecimentos prévios do leitor desempenham papel importante nessa dinâmica, pois são eles que permitem que se façam conexões e atribuam significados às informações apresentadas no texto.

Com base em Ribeiro (2018), observamos que a escrita atual se pauta em utilizar diferentes ferramentas para ampliar nosso poder de expressão.

A adesão a novas máquinas, novos modos de produzir texto, novos gêneros textuais são 'criações' sociais, menos ou mais inusitadas, inovadoras, que correm conosco na história da leitura e dos modos de escrever. As técnicas e tecnologias da escrita de que dispomos hoje são mais uma fase dessa história, que não despreza nenhuma outra anterior. (RIBEIRO, 2018, p. 85)

⁴ Refere-se às habilidades que envolvem a capacidade de analisar, refletir e compreender o funcionamento das estruturas linguísticas, a partir da própria língua.

Podemos citar também, como bem pontuam Barton e Lee (2015), que no meio acadêmico a produção escrita foi reformulada em muitos aspectos em virtude do surgimento das tecnologias digitais. Para trabalhos específicos, solicitados em instituições de ensino, considera-se que os estudantes entregarão digitados, e não manuscritos. Assim, vemos que há constantes inovações quanto às formas de escrever; de algumas décadas para agora, escuta-se bastante falar sobre a cultura digital, que vem proporcionando novas formas de escrever, alterando os letramentos e as nossas relações com a escrita e com a leitura e os formatos de textos.

A escrita tem sido um instrumento valioso de organização social e ousamos dizer que ela contribui para moldar o mundo tal como é. Para Coulmas (2014), aliás, ainda não há nenhuma inovação tecnológica que possa superá-la.

Ribeiro (2018, p. 12) explica que “[...] a cultura escrita é abrangente, isto é, conforma-se às contingências, às práticas sociais etc. E é dentro dessa cultura que ocorrem mudanças de caráter técnico e tecnológico que a transformam e mesmo a subdividem”. Assim, compreendemos que atualmente, em virtude da “cultura eletrônica”, vivemos um novo período de produção e criação de textos.

É importante ressaltar que mesmo que estejamos nos pautando nesta pesquisa em analisar gêneros textuais digitais, não é o aspecto digital que observamos aqui como tecnologia, e sim a produção de gêneros textuais como aspectos tecnológicos. Ou seja, este trabalho não pretende lidar com a tecnologia pelo fato de ser digital, mas pela ideia de projeto e planejamento a qual o ser humano apresenta como capacidade para produzir e inovar. Não tiramos aqui o mérito das implicações que os aparatos digitais proporcionam à sociedade para que se torne cada vez mais letrada. Sabemos da relevância das tecnologias digitais para as mudanças de nossa cultura e conseqüentemente para a sociedade em termos políticos, econômicos e até mesmo linguísticos, e assim entendemos o desenvolvimento de novos gêneros textuais, especificamente, o digital, que se configuram como novas formas de produzir sentidos:

Novas mídias e ferramentas de escrita sempre instigam inovações linguísticas para além do ritmo incessante da mudança linguística, inovações que de algum modo são específicas à mudança tecnológica. É de se esperar que o e-mail, os fóruns eletrônicos, os blogues, as mensagens de texto, os tuítes e outras formas eletrônicas de escrita façam surgir novos registros e nova variação estilística (COULMAS, 2014, p. 162).

Trataremos aqui a escrita de textos como artefatos culturais com funções específicas, que implicam ações e que envolvem antes dos leitores seus autores, os quais precisam fazer escolhas quanto às linguagens utilizadas, aos formatos de estrutura, às estratégias e formas de planejamento de texto. Citando a professora Ivete Walty, da PUC-Minas, este trabalho, assim como os demais estudos mais atuais dessa linha de pesquisa,

pretende romper com as abordagens que tratam a tecnologia em seu aspecto instrumental, objetivando focar-se na “relevância do papel da tecnologia no contexto social contemporâneo, em sua utilidade no próprio ato de enunciação de discursos, nas potencialidades para o ensino e outros usos sociais, propondo-se a abrir uma nova perspectiva no campo das linguagens” (WALTY, 2010, p. 17).

Dessa forma, nos propomos a olhar para uma nova perspectiva, ampliando o entendimento sobre a relação entre tecnologia, sociedade e produção textual. O intuito é analisar a utilidade da tecnologia não apenas como um meio de facilitar a nossa interação, mas como um meio intrínseco ao próprio ato de enunciações e como uma ferramenta com potencialidades para o ensino e outros usos sociais.

2.3 Delimitação do que é gênero textual

Entendendo a escrita como um artefato tecnológico desenvolvido pelo ser humano, em razão de uma necessidade específica para bem-viver, podemos nos aprofundar no estudo sobre de que forma esse dispositivo veio se aperfeiçoando com o tempo para chegar à estrutura composicional de texto.

Os signos gráficos são arbitrários, não há relação entre as letras e o som que elas designam. O valor das letras é essencialmente diferencial e negativo, podemos traçá-las de diferentes formas desde que elas não se confundam com outro signo gráfico. Os valores da escrita só funcionam pela sua oposição recíproca dentro de um sistema definido, composto por um número determinado de letras – o alfabeto –, que pode variar nos diferentes sistemas. E o meio de produção que optamos em utilizar para escrever é algo indiferente para a significação, podemos utilizar papel e caneta, computador, ou até mesmo um muro na rua.

Para Saussure (2006, p. 140), “Todo o mecanismo da linguagem [...] se funda em oposições de gênero e nas diferenças fônicas e conceptuais que implicam.” Posto

isso, relacionamos o que Benveniste (2005) pontuou sobre os significantes do signo linguístico que operam o processo de valoração encaminhado por Saussure (2006). Além disso, verificamos, com base em Benveniste, que o processo de constituição do significado se dá quando ocorre o encadeamento sequencial no enunciado, formando uma relação semântica entre os signos escolhidos pelo falante, resultando no sentido da frase. Observamos, assim, a relação de segmentação apontada em Benveniste com a segmentação sintagmática pontuada por Saussure (2006). Ou seja, no discurso, os termos estabelecem entre si relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois sintagmas ao mesmo tempo. E tudo isso só fará sentido e terá valor, porque cada sintagma se opõe ao anterior ou ao seu posterior, ou a ambos. Tais explicações de valor serão importantes para fundamentar as análises que serão feitas posteriormente das propostas e produções de texto a qual esta pesquisa se propõe.

Dessa forma, entendemos que o que temos a dizer uns aos outros não são apenas palavras ou termos isolados, mas sim uma constituição de ideias que formulamos por meio de textos. Segundo Maria da Graça Costa Val (2016, p. 3),

antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. Tem papel determinante em sua produção e recepção uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilitam que seja reconhecido como um emprego normal da língua.

O sentido se difere do significado. O sentido é o que direciona, para onde aponta e depende de condições enunciativas e enquadramento cultural. Enquanto o significado é uma das possibilidades de sentido. Para isso, há elementos necessários a serem levados em conta, como a intencionalidade do autor do texto e o repertório referencial dos envolvidos na produção e leitura do texto, além também do contexto sociocultural e a condição dessa elaboração.

A discussão sobre o que é texto atravessa tempos e é debatida por linguistas e estudiosos sem que se conclua em definitivo o termo. Isso porque os textos mudam em suas formas e concepções a depender dos meios publicados e como circulam socialmente. De acordo com Marcuschi e Xavier (2010, p. 11),

As inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua são reflexos incontestáveis das mudanças

tecnológicas emergentes no mundo e, de modo particularmente acelerado nos últimos 30 anos, quando os equipamentos informáticos e as novas tecnologias de comunicação começaram a fazer parte da vida das pessoas e das instituições.

Posto isso, salientamos que a análise de gêneros também tem sido tema de pesquisa de críticos literários, retóricos, sociólogos, linguistas, professores de línguas, jornalistas, especialistas em comunicação e *marketing*, entre outros. Sabemos que há variadas linhas de pesquisa sobre as linguagens e as línguas, e dentro delas encontramos diferentes pesquisas que trazem diferentes pontos de vista sobre o assunto.

Por isso, vemos a necessidade de definir o que é texto e gênero, para que não se interprete de maneira errada quando cada termo for utilizado no decorrer do trabalho e para que os conceitos possam ser aplicados adequadamente.

De acordo com Bezerra (2017), o termo “gêneros” se tornou, por assim dizermos, mais popular a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1990, quando ele passou a ser inserido nos materiais de ensino de Língua Portuguesa na educação básica. O autor ressalta, entretanto, que os gêneros já eram parte do currículo nos “círculos” de pós-graduação. Apesar da popularidade se dar a partir desse momento, os gêneros já eram estudados há muito mais tempo, a citar, por exemplo, Bakhtin na década de 1960.

Marcuschi (2008, p. 154 apud BEZERRA, 2017, p. 36) afirma que: “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto”. As definições de um ou de outro estão próximas e podem muitas vezes se confundir. Porém, consideramos aqui a relevância de não usarmos um termo pelo outro. O texto se refere a uma unidade linguística comunicativa autônoma. É visto como uma manifestação concreta da linguagem, um produto linguístico específico que pode ser analisado em termos de suas propriedades textuais, como organização estrutural, uso de elementos coesivos, relações semânticas e pragmáticas, entre outras. O gênero é considerado uma categoria sócio-histórica que se refere a práticas sociais discursivas recorrentes, caracterizadas por determinados propósitos, estruturas definidas e características linguísticas específicas.

O autor destaca que os gêneros são reconhecidos e adquiridos pelos falantes conforme o conhecimento sociocultural e interacional, sendo influenciados por

normas, convenções e expectativas sociais. Assim, podemos entender que o texto é uma unidade linguística específica que pode ser analisada em termos de organização interna, e o gênero é uma categoria mais ampla, que engloba práticas comunicativas recorrentes e compartilhadas socialmente.

Portanto, a comunicação verbal é uma necessidade humana inerente, e não há como evitá-la. Ela é uma ferramenta fundamental para a transmissão de ideias e informações, seja por meio de conversas informais, seja por meio de textos formais. Portanto, é crucial que as pessoas desenvolvam suas habilidades de comunicação verbal e escrita, a fim de se expressarem de forma clara e eficaz em diferentes contextos profissionais e pessoais. O uso adequado dessas habilidades pode ser determinante para um desenvolvimento bem-sucedido em diversas áreas da vida em sociedade.

Para Marcuschi e Xavier (2010), a nossa relação com a escrita, a partir dos novos letramentos, mudou nossa noção de texto, mudando também a ideia de autor, de leitor e também de processos de construção de sentidos. Os autores afirmam que

os novos meios eletrônicos não estão atingindo a estrutura da língua, daí que sua interface com a linguística não se dá precisamente no que toca aos aspectos nucleares do sistema, como a fonologia, a morfologia e a sintaxe. Mas estão atingindo o aspecto nuclear do uso pela manifestação mais importante que é o texto. (MARCUSCHI, XAVIER, 2010, p. 79)

Consideramos aqui o texto como materialidade linguística. Ele não é simplesmente um conjunto de frases dispostas seguidas umas das outras. Há inúmeras “regras” que regem uma organização textual, para cada texto consideramos que há uma funcionalidade, e a linguagem é a estrutura significativa, e não normativa, que permite essa produção de sentido com o qual podemos interpretar a própria língua, sendo a matéria-prima dos gêneros textuais. O texto deve ser compreendido em seu contexto como um todo, e não pode ser visto apenas por meio da observação de seus elementos linguísticos. De acordo com Bezerra (2017, p. 37)

[...] ao invés de se afirmar que os “gêneros textuais são textos”, seria mais adequado ressaltar que o texto, tal como construído em cada situação de interação, remete às convenções de um ou mais gêneros, sendo, na maioria das vezes, identificado com aquele gênero cujos propósitos comunicativos predominam na situação específica. Em outras palavras, o que é construído ou “materializado” em dada situação comunicativa é o texto, orientado pelas convenções do gênero (“acordo social”) cabível naquela situação.

E, para isso, voltamos às análises deste trabalho aos gêneros, pois é o conceito de gênero que traz essa visão para além do texto, sendo ferramenta fundamental para esta pesquisa, uma vez que, são peças-chave para a aprendizagem e avaliação no ensino de língua portuguesa.

Outro ponto importante de ressaltar é que os gêneros não podem ser reduzidos a uma forma e estrutura determinada. Podemos identificar que no ensino de Língua Portuguesa nas escolas ocorre muito essa relação, entretanto isso se refere muito mais à materialidade linguística do que ao gênero. Bezerra (2017, p. 42) comenta, por exemplo, que

[...] encontramos uma definição do gênero carta, cuja ênfase se concentra decididamente na estrutura formal dos textos que o instanciam. Assim, o gênero é definido ora pela extensão do texto (“quando é pequeno, é considerado bilhete”), ora por uma sequência preestabelecida de informações aparentemente obrigatórias.

Ou seja, para o autor, tal descrição consideraria apenas o aspecto estrutural e desconsideraria qualquer possibilidade de flexibilidade na configuração do texto. Bezerra (2017, p. 43 apud MARCUSCHI, 2008, p. 154) explica ainda que “quando dominamos um gênero textual não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Por esse motivo, os textos são formas de interlocução tanto no ensino e aprendizagem quanto na avaliação em Língua Portuguesa e na língua em geral.

Concordamos com Bezerra (2017) com o fato de que a estrutura é a forma pela qual conseguimos identificar a tipificação textual, porém consideramos tal aspecto insuficiente para definir os gêneros textuais. E isso contribui para outro equívoco comum quando falamos em gêneros: o uso de tipo textual por gênero textual. De acordo com o autor (2017, p. 44), “os tipos textuais são aspectos da composição de textos pertencentes a diferentes gêneros, não constituindo, eles mesmos, gêneros como tais nem participando das convenções sócio-históricas que definem os gêneros”. Isto é, os tipos textuais se referem muito mais aos aspectos discursivos ou sequenciais, podendo ser categorizados em narração, exposição, descrição, injunção e argumentação.

É importante também que não confundamos o suporte ou portador “físico” do texto com gênero. Entendemos que, assim como o livro (suporte) pode abarcar

inúmeros textos de diferentes gêneros, consideramos que os suportes em que os textos de gêneros digitais são produzidos também variam, assim como suas finalidades.

Estabelecidas tais explicações sobre a confusão do uso do termo “gêneros”, partiremos para os esclarecimentos mais específicos sobre a noção de gênero para as análises desta pesquisa.

Consideramos os gêneros textuais fenômenos sociais e históricos, ou seja, surgem em determinados momentos da humanidade. E por isso observamos uma crescente reflexão acerca dos gêneros, suas definições e estruturas como noção central do que é a linguagem. Os gêneros textuais são uma manifestação da linguagem que se desenvolve em resposta a atividades socioculturais. Com os avanços tecnológicos, novos gêneros surgem para atender às novas demandas comunicativas. A reflexão sobre os gêneros é crucial para entendermos como a linguagem funciona em diferentes contextos e situações. As definições e estruturas dos gêneros são elementos centrais para a compreensão da linguagem e sua utilização efetiva. Por isso, consideramos importante que os profissionais da área de linguagem se dediquem a estudar os gêneros e suas características, a fim de aprimorar as técnicas de comunicação e produção textual.

2.3.1 Noção de gênero na perspectiva sociorretórica

Como já comentado, assumimos que o gênero é uma forma de realizar, linguisticamente, objetivos específicos, ligados a situações discursivas/sociais particulares. Numa perspectiva sociorretórica, esclarecemos com base nos estudos de Swales, Bazerman e Miller a noção de gênero como ação social. Para Swales (1990), o gênero não pode se resumir apenas a uma fórmula textual, pois isso limita o ensino de gêneros e não é produtivo. A partir da perspectiva filosófica, social e também etnográfica da escrita, entendemos a relação entre textos e cultura. Por isso, para esta pesquisa, a ideia de gênero transcende à forma e estrutura textual e considera o sujeito que o produz, em determinado grupo social e conforme uma necessidade específica. Assim se faz importante observar pontos como as escolhas

linguísticas e a organização textual, para analisar tais escolhas em um determinado contexto sociocomunicativo.

Entre os aspectos importantes dos estudos de Swales, vamos destacar elementos como retórica, estratégias de leitura, propósito comunicativo e tessitura textual (coesão e coerência), os quais, entendemos, são aqueles que fundamentam a estrutura e a avaliação de textos produzidos no contexto de vestibular, objeto desta pesquisa.

Para o pesquisador citado, os gêneros textuais são entendidos pela sociedade como meios que apresentam uma finalidade. Os propósitos comunicativos, conforme pontua Swales, definem as características dos gêneros, constituindo um repertório de estratégias que cada gênero põe em ação para chegar a determinado fim e cumprir sua função como prática social.

Swales entende que um texto que ilustra um tipo de discurso é categorizado de acordo com o elemento que recebe maior destaque no processo comunicativo, levando em consideração o contexto. Com base nos estudos do autor citado, para nós, o gênero é um evento comunicativo “constituído do discurso, dos participantes, da função do discurso e do ambiente onde o discurso é produzido e recebido” (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 113). A partir desse evento comunicativo, entendemos que há um propósito para ele, um objetivo. Esse é o ponto mais importante para o autor, pois é o propósito que determina a ação do gênero textual e está vinculado ao poder.

Outra característica na qual nos baseamos para nossos estudos é a referente às semelhanças dos traços dos gêneros, podendo ser agrupados de acordo com tais familiaridades. Ainda de acordo com Swales (1990), o gênero deve apresentar uma lógica “subjacente”, ou seja, a sociedade reconhecerá tal gênero porque apresenta uma lógica própria, servindo a um propósito específico.

Concluindo as ideias de Swales (1990, p. 58 apud HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 115),

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério que é privilegiado e que faz com que o escopo do gênero se mantenha

enfocado estreitamente em determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo.

Swales admite, assim, que o contexto é tão importante quanto o texto em si, uma vez que os traços do gênero são articulados ali. Assim, entendemos que, ao escrever um texto, é preciso se preocupar tanto com a estrutura dele, com os traços de gêneros e o conteúdo, quanto com o contexto, incluindo o aspecto social, ou seja, quais as práticas e as expectativas da comunidade discursiva. O evento comunicativo se baseia na junção dos participantes do evento, com o discurso e o contexto produzido, e a linguagem tem papel indispensável e significativo nesse processo. Os gêneros são reconhecidos por membros experientes de uma comunidade linguística e servem para trazer consistência e previsibilidade a eventos comunicativos similares. A razão subjacente, que dá o contorno da estrutura esquemática do discurso, é o que define o propósito comunicativo dos exemplares, guiando tanto a escolha de conteúdo quanto de estilo. Dessa forma, na compreensão e produção de qualquer discurso é fundamental identificar a razão subjacente do gênero ao qual ele pertence para garantir efetividade comunicativa.

Para Swales em seus primeiros estudos, o propósito comunicativo é um dos principais critérios que guiam a construção dos gêneros textuais. É ele que determina a ação retórica a ser realizada e mantém o escopo do gênero focado em um objetivo específico. Além disso, os exemplares do gênero apresentam padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Para entender melhor as particularidades de cada gênero, é necessário analisar cuidadosamente suas características e explicar como elas se relacionam com o propósito comunicativo. Dessa forma, é possível compreender como cada gênero se adapta às diferentes situações de comunicação e como pode ser utilizado de forma eficiente para atingir seus objetivos.

Ao analisar a relação entre gênero e protótipo na comunidade discursiva, é importante explicar que, geralmente, um exemplar que representa um determinado gênero será visto como um protótipo pelos membros dessa comunidade. Isso significa que o exemplar será considerado como uma referência para outros exemplares do mesmo gênero, e será utilizado como um modelo para avaliar sua adequação ou

desvio em relação a esse protótipo. Essa relação entre gênero e protótipo é fundamental para a compreensão da construção e negociação de identidades sociais e culturais, e pode ser observada em diversos contextos discursivos.

Para Bazerman (1994, p. 81 apud CARVALHO, 2005, p. 135), “uma forma textual que não é reconhecida como sendo um tipo, tendo determinada força, não teria *status* nem valor social como gênero. Um gênero existe apenas à medida que seus usuários o reconhecem e o distinguem”. Para nossas análises, baseamo-nos na visão de Bazerman sobre a noção de regularidade observada no conjunto de textos em determinado gênero, regularidades tanto na produção quanto na percepção dos textos e também dos papéis sociais de seus produtores e dos avaliadores.

Nos estudos mais recentes de Swales em conjunto com Askehave (apud HEMAIS e BIASI-RODRIGUES, 2005), os autores propõem uma abordagem de dois procedimentos para a identificação dos gêneros: o primeiro deles é de natureza textual/linguística e o segundo é contextual. A análise contextual considera o propósito comunicativo e explora elementos como a comunidade discursiva à qual pertence o gênero.

Consideramos os gêneros textuais⁵ sistemas discursivos complexos, construídos socialmente pela linguagem, com padrões de organização e configurados pelo contexto sócio-históricos.

Como explicado anteriormente, na teoria de Swales proposta em 1990, o propósito comunicativo era visto como o ponto principal que embasaria o gênero, determinando a ação retórica e organizando os eventos comunicativos em gêneros. A ação retórica nos gêneros textuais se refere ao uso estratégico da linguagem e de recursos persuasivos para influenciar, convencer ou persuadir o interlocutor. Nesse campo, podemos citar recursos como argumentos, figuras de linguagem, estrutura discursiva e estilo, que são usados de forma estratégica para alcançar determinados objetivos comunicativos. Assim, a ação retórica envolve a escolha de palavras, organização de ideias, uso de estratégias persuasivas e adaptação do discurso ao contexto e às características do público-alvo. Cada gênero textual exige ações retóricas específicas, e é ponto importante das propostas de redação que são objeto de análise desta pesquisa.

⁵ Não entraremos aqui na discussão sobre diferenciar o uso de “gêneros textuais” ou “gêneros discursivos”, utilizando o termo “gêneros textuais”, conforme os estudos de Swales.

Posteriormente à teoria de 1990, Swales reformulou o conceito inicial de propósito comunicativo, com base em novos estudos e outros pesquisadores. Para o autor, o propósito comunicativo não seria mais um critério essencial e de determinação de um gênero, mas continuaria sendo ponto importante para análise do gênero. O autor enfatiza que o propósito comunicativo não é apenas transmitir informações, mas, sim, realizar ações específicas, como persuadir, informar, solicitar, entre outras. O propósito de um gênero pode ser identificado por meio de análises das características estruturais e funcionais, bem como das expectativas e necessidades da comunidade discursiva em que é empregado.

Por exemplo, em uma comunidade discursiva acadêmica, o propósito comunicativo do gênero artigo científico é fornecer uma análise completa de uma pesquisa, apresentar novos conhecimentos e contribuir para o avanço do campo acadêmico. Já em uma comunidade discursiva jurídica, o propósito comunicativo de um contrato é estabelecer direitos e obrigações legais entre as partes envolvidas.

Assim, o entendimento de propósito comunicativo, de acordo com a teoria de Swales (1990, 2001, 2004), refere-se ao objetivo principal de um gênero textual em uma comunidade discursiva específica, considerando a natureza textual/linguística e a contextual. Em sua natureza textual/linguística, o propósito é analisado em conjunto com o conteúdo, a estrutura e o estilo do gênero. E em sua natureza contextual, observam-se a identificação da comunidade, suas expectativas, seus valores e seu repertório de gêneros. Por isso, o propósito desempenha um papel fundamental na determinação das características e convenções de um gênero, ajudando a alcançar as metas de comunicação em uma determinada comunidade.

2.3.1.1 Propósito comunicativo no gênero textual digital das propostas da Unicamp

Ainda que Swales tenha desenvolvido sua teoria sobre gêneros textuais antes da popularização dos gêneros digitais, podemos aplicar os princípios para compreender o propósito comunicativo desses novos gêneros. Observando que o propósito pode variar dependendo do contexto e do gênero em questão, pois está relacionado à interação, ao compartilhamento de informações, à expressão de opinião e também à construção de relacionamento virtual, por exemplo.

No contexto de redes sociais, por exemplo, o propósito comunicativo pode ser o de compartilhar atualizações pessoais, expressar sentimentos, compartilhar

notícias, interagir com amigos e familiares, ou até mesmo promover produtos e serviços. Nas trocas de *e-mails*, o propósito comunicativo pode variar de comunicações profissionais, encaminhamento de documentos ou informações pessoais.

É importante observarmos que, nos gêneros textuais digitais, o propósito comunicativo pode ser influenciado pela natureza das plataformas digitais, suas limitações técnicas e convenções de uso. Além disso, a identificação do propósito comunicativo em gêneros digitais pode exigir uma análise mais detalhada das características estruturais, linguísticas e interativas de cada gênero em particular.

No contexto das propostas de redação do vestibular da Unicamp, podemos identificar, mesmo que em gêneros distintos, há pelo menos um propósito comunicativo comum: demonstrar à banca de avaliação que são capazes de compreender a proposta e produzir um texto conforme o solicitado. É isso o que basicamente caracteriza a produção de textos em situação de avaliação, seja ela qual for. Para que sejam avaliadas essas habilidades de escrita dos candidatos, eles devem produzir textos coerentes e com boa base argumentativa (no sentido de persuadir a banca sobre sua capacidade de escrita), atentando-se à situação de produção e à máscara discursiva⁶ solicitada. Suas ideias devem estar organizadas de forma clara, apresentando uma síntese da questão temática, com reflexão crítica, sendo compreendida pelos “membros mais experientes da comunidade discursiva original” (SWALES, 1990, p. 58), a qual podemos dizer que é a banca avaliadora das produções textuais dos candidatos. É essa comunidade que vai avaliar se os candidatos reconhecem os traços principais dos gêneros solicitados, o que também é parte do propósito comunicativo exigido na situação de avaliação.

Entendendo que a produção de textos é uma atividade social e que se realiza conforme convenções específicas de determinado grupo, consideramos a banca avaliadora os membros “originais e experientes” e os candidatos são os novos membros, que são estimulados a compreender e usar de forma apropriada as noções de gêneros solicitados para garantir sua inserção na comunidade discursiva pretendida.

⁶ A máscara discursiva se refere, conforme explica a teoria de Swales, a um conjunto de características linguísticas, como vocabulário específico, padrões de organização textual e formas de argumentação, utilizadas por membros de determinada comunidade para facilitar a compreensão e a interação entre eles.

De acordo com a teoria de Swales (1990), não é tarefa fácil reconhecer uma comunidade discursiva, o autor apresentou seis características básicas para que se faça essa identificação. A primeira delas se refere ao conjunto de objetivos que os usuários de tal gênero têm em comum. Outras duas características dizem respeito à informação compartilhada entre o grupo, em que uma cita a comunicação efetiva e a outra sobre os mecanismos que viabilizam essa troca de informações. Além dessas três características citadas, Swales aponta a preocupação da comunidade discursiva com os tópicos levantados para a produção do gênero e os elementos formais que seriam preferidos e mais utilizados para a ação retórica em determinado gênero. Por fim, em seus estudos, Swales considera que alguns membros da comunidade seriam mais experientes, com maior repertório discursivo, e outros seriam membros novatos que “procuram construir o próprio conhecimento das convenções discursivas que permitirão a sua participação plena nas atividades da comunidade.” (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES; ARAÚJO, 2009, p. 24).

Não limitamos neste trabalho o conceito de comunidade discursiva à primeira versão da teoria elaborada por Swales, e sim à revisão do conceito feito por ele, em que se delimita que o grupo que forma a comunidade não é estável, podendo comportar divergências entre os membros do grupo. Ao mesmo tempo, entendemos que a banca avaliadora também terá o papel de avaliar se o texto produzido pelo candidato dialoga com a comunidade discursiva para a qual ele deveria ser direcionado. Ainda que em situação de simulação, por ser avaliativa, a ideia é que os candidatos deixem claro que sabem quem é a comunidade para a qual se dirigem e conseguem fazê-lo com propriedade.

3 GÊNERO TEXTUAL DIGITAL E AS PROPOSTAS DA UNICAMP

O pesquisador Don Tapscott (2010) considera que a geração nascida na década de 1990 é tida como a primeira geração global da história, em razão do manejo das tecnologias digitais nas quais estão imersas desde o nascimento. Essas crianças se depararam com novas formas de produzir sentido por meio da língua em virtude dos contextos de cultura eletrônica que permeiam a sociedade. Assim, observa-se inúmeras pesquisas que se propõem a analisar as mudanças ocorridas nas produções de sentido a partir da popularização dos computadores. A exemplo disso, podemos citar termos como *e-mail*, *chat*, mensagem de texto, *post*, *blog*, comentários e *podcast* que passaram a fazer parte do cotidiano contemporâneo e que são manifestações multissemióticas da língua nos mostrando as adaptações pelas quais o ser humano as tem produzido.

A multissemiose pode ser definida “por viabilizar a absorção de diferentes aportes sígnicos e sensoriais (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais, etc.) numa mesma superfície de leitura” (KOCH, 2007, p. 25). Com isso, muitos estudos têm se dedicado para compreender quais implicações linguísticas são possíveis analisar a partir desses novos formatos de interação por meio da linguagem. Tais mudanças levaram os documentos oficiais de ensino a considerarem novos gêneros e novos formatos como essenciais no processo educacional no país. É o caso da BNCC.

3.1 Gênero digital na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um dos documentos que norteiam as propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas do Brasil. Ela foi homologada em 20 de dezembro de 2017 para as etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental e, em 14 de dezembro de 2018, para a etapa do Ensino Médio. O documento foi desenvolvido por uma ampla equipe multidisciplinar após inúmeros debates com educadores de todo o país e sociedade. Sua organização se propõe em alinhar as aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas pelos estudantes

durante a educação básica. Tais aprendizagens devem assegurar o desenvolvimento de competências⁷ estabelecidas pela BNCC.

O documento tem como principal objetivo definir que as competências, as habilidades e os temas de estudo sejam os mesmos para todo o país, de acordo com cada uma das etapas da educação básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio. Entende-se que a BNCC por si só não muda o cenário de desigualdade existente na educação básica do Brasil, considerando tanto as regiões do país (Sul, Centro-Oeste, Sudeste, Nordeste e Norte) quanto interior dos estados e capitais ou grandes cidades. Porém, ela é o documento que propõe que uma mudança nesse aspecto se inicie, alinhando a formação continuada dos educadores, as produções de materiais didáticos e as matrizes de avaliação dos exames classificatórios.

É importante destacar que não é um documento que deve ser visto como currículo, mas, sim, como um conjunto de orientações que norteia a elaboração dos currículos.

[...] a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho) [...] (BNCC, 2018, p. 13)

As habilidades a serem desenvolvidas previstas no documento expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos estudantes nos diferentes contextos escolares, priorizando uma formação cidadã integral. Ou seja, a BNCC, junto de outros documentos normativos da educação – como PCN e LDB – preconizam o ensino com a formação e o desenvolvimento global dos estudantes, nas diferentes dimensões físicas, afetivas, sociais, morais, simbólicas e intelectuais. A BNCC não descreve quais são as ações que os educadores devem tomar para que se alcance as habilidades propostas, essa escolha cabe aos encaminhamentos

⁷ “Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BNCC, 2018, p. 8).

pedagógicos estabelecidos pelas instituições de ensino. No documento, as habilidades são dispostas com um código alfanumérico sequencial, mas isso não é uma forma hierarquizada para que ocorra a aprendizagem.

Considerando o atual cenário global, o documento prevê que os estudantes se reconheçam em seu contexto histórico e cultural, que eles possam ser criativos, críticos, participativos, colaborativos, produtivos e não meros acumuladores de informações. Além disso,

Há que se considerar, ainda, que a cultura digital tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas. Em decorrência do avanço e da multiplicação das tecnologias de informação e comunicação e do crescente acesso a elas pela maior disponibilidade de computadores, telefones celulares, tablets e afins, os estudantes estão dinamicamente inseridos nessa cultura, não somente como consumidores. Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. (BNCC, 2018, p. 61)

Assim, pretende-se desenvolver habilidades que os ajudem a lidar com as informações a que têm acesso, que sejam responsáveis ao tratarem de questões no ambiente digital, que busquem soluções e aprendam com as diferenças e diversidades. Com isso, foca-se na aplicação desses aprendizados na vida real, dando sentido ao que se aprende na escola e colaborando para a construção de um projeto de vida para os estudantes. Para a BNCC (2018, p. 61), é importante também que sejam incorporadas ao ensino “as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação)”. Assim, acredita-se que será possível desenvolver o potencial de comunicação dos estudantes, promovendo aprendizagem, interação e compartilhamento de significados. Dialogando com a ideia de que as atividades humanas acontecem por meio das diferentes linguagens, o documento destaca práticas de linguagem verbal (oral ou visual-motora, como Libras e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital.

A BNCC propõe que as metodologias e estratégias didático-pedagógicas sejam diversificadas, contemplando as diversas necessidades específicas dos diferentes grupos de estudantes e que elas incentivem a aprendizagem contínua, para

isso ela propõe que a contemporaneidade seja o foco tanto quanto aos temas quanto as formas de se expressar.

Para esta pesquisa, nos ateremos às especificações que a BNCC traz sobre gêneros textuais, principalmente, digitais.

Desde a Educação Infantil, a BNCC propõe ações que considerem a escrita, mesmo que saibamos que não é nessa fase que somos tradicionalmente alfabetizados. As crianças acompanham leituras de textos, observam textos que fazem parte do cotidiano, reconhecem “diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores” (BNCC, 2018, p. 42). No decorrer do Ensino Fundamental, diferentes gêneros são apresentados, com características, formatos, especificações e indicações de quais suportes podem ser produzidos.

O documento salienta que

Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (BNCC, 2018, p. 67)

Quando chegam ao Ensino Médio, muitos dos gêneros já não são mais novidades para os estudantes, entretanto é nessa fase que se percebe uma maior interatividade com a cultura digital, tornando-se importante ampliar e aprofundar as aprendizagens construídas nas etapas anteriores, considerando-se que nessa etapa eles se tornam mais atuantes e protagonistas, e não meros consumidores da cultura digital.

Portanto, na BNCC dessa etapa, o foco passa a estar no reconhecimento das potencialidades das tecnologias digitais para a realização de uma série de atividades relacionadas a todas as áreas do conhecimento, a diversas práticas sociais e ao mundo do trabalho (BNCC, 2018, p. 474).

A BNCC direciona em seu texto a importância da abordagem integrada da linguagem com as tecnologias no ensino e na produção de materiais didáticos. Propõe que os textos sejam a unidade de trabalho em Língua Portuguesa, abordando-os em suas perspectivas enunciativas-discursivas e relacionando-os aos contextos de produção. Assim, destacamos que a BNCC se preocupa com a formação escrita como

prática social, conectando-se à teoria sociorretórica, em que se explicita que os gêneros surgem em contextos sociais e históricos.

É preciso garantir que as juventudes se reconheçam em suas pertencas culturais, com a valorização das práticas locais, e que seja garantido o direito de acesso às práticas dos letramentos valorizados. Não são somente novos gêneros que surgem ou se transformam (como *post*, *tweet*, meme, *mashup*, *playlist* comentada, reportagem multimidiática, relato multimidiático, vlog, videominuto, *political remix*, tutoriais em vídeo, entre outros), mas novas ações, procedimentos e atividades (curtir, comentar, redistribuir, compartilhar, taguear, seguir/ ser seguido, remidiar⁶¹, remixar, curar, colecionar/descolecionar, colaborar etc.) que supõem o desenvolvimento de outras habilidades (BNCC, 2018, p. 487).

Ressalta-se que o documento não prioriza esses formatos de texto desconsiderando gêneros já consagrados no ensino escolar e próprios do letramento impresso, como artigo de opinião, charge, entrevista, notícia, conto etc., e sim incorpora os novos letramentos. Para a BNCC (2018, p. 69), “Compreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um *gif* ou meme”.

A oralidade, a leitura e escuta, a produção escrita e também multissemiótica e a análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses) correspondem às práticas de linguagem previstas na BNCC e que conversam com demais documentos curriculares de Língua Portuguesa.

O intuito dessas questões se refere à preocupação em formar cidadãos que compreendam e analisem as situações e os contextos de produção de sentido em práticas sociais de linguagem, atentando-se para a recepção e produção de discursos, observando os conflitos e as relações de poder que caracterizam tais práticas. Dessa forma, segue-se na direção oposta à anterior didatização dos gêneros, que ignorava o texto como forma de interação, como prática social, e focava apenas num propósito interno à instituição escola, para uma aprendizagem específica, sem considerar a circulação e função comunicativa dos textos.

Considerando a contemporaneidade, entende-se que as práticas de linguagem têm envolvido cada vez mais gêneros diversos e textos multissemióticos e multimidiáticos, além de contemplar novas formas de produzi-los, configurá-los, disponibilizá-los e até de interagir com eles. As gerações atuais crescem e se

desenvolvem tendo acesso a ferramentas de edição, de imagens, fotos, vídeos, entre outras, que contribuem para potencializar suas competências linguísticas. Nos objetivos estabelecidos pela BNCC quanto à prática leitora, destacam-se a relação do texto com suas condições de produção, a circulação do gênero em questão, suas funções e usos, seus diferentes agentes, suas intenções e as relações de determinação desses elementos sobre a construção composicional, as marcas linguísticas ligadas ao estilo e o conteúdo temático dos gêneros. Tudo isso refletindo as transformações de formatação e função pelas quais os textos podem passar.

Como mencionado, na perspectiva da BNCC, as habilidades devem ser desenvolvidas por meio de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana, e não de forma genérica e descontextualizada. O papel da escola, nesse caso, é orientar quanto às dimensões éticas e políticas do uso que os estudantes fazem desse ambiente.

Quando se propõe analisar produções textuais, elaboradas por um grupo em que a maioria dos produtores nasceu depois dos anos 2000, é preciso ponderar inúmeros fatores, além da definição de texto e de como foi a construção desse autor do texto. Citamos que, de acordo com Coulmas (2014, p. 16), “[a] língua na modalidade escrita é parte do comportamento comunicativo diário de todas as pessoas, ativa e passivamente.” O autor pontua também que, “no caso dos analfabetos, ela os coloca diante de uma barreira intransponível. Por causa disso, defende-se hoje em dia que o letramento é um direito humano universal”. Ainda, considerando o que afirma Coulmas (2014) que, em quase “todo lugar a divisão do trabalho comunicativo entre modos oral e escrito corresponde a contextos sociolinguísticos específicos que atribuem diferentes funções a diferentes línguas”, atentamos para as diferentes situações comunicativas existentes hoje, incluindo as plataformas digitais, que são amplamente usadas diariamente e contribuem para os constantes estudos sobre língua, as mudanças nas linguagens e os impactos do livre acesso às diferentes tecnologias pela sociedade.

Constantemente, somos expostos a diversificadas práticas de linguagem que envolvem textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, com possibilidade de novas formas de produzir, editar, publicar, replicar e interagir.

Para Ribeiro (2018, p. 79, grifos da autora),

hoje, graças a invenções tecnológicas por nós apropriadas, menos ou mais, temos mais modos de expressão e de circulação de textos, informação e conhecimento do que em outras épocas. Não cabe mais discutir *se vamos* usar. O debate se nutre de questões sobre *como* e *quais* ferramentas ou linguagens empregar, para tais ou quais objetivos e funções. Na aula expositiva ou no uso de computadores, o importante é os recursos nos servirem para a ampliação a expressão e do ‘poder semiótico’, na expressão de Kress (2003), com vistas à nossa ação cidadã na escola, na comunidade, no mundo.

A partir dessa visão de ampliação de acesso às tecnologias digitais, podemos constatar que a produção de textos foi multiplicada no meio virtual. A cultura digital proporciona novos modos de escrever, por meio de computadores, celulares e outras máquinas, alterando as relações dos seres humanos com a escrita, com a leitura e produções de sentido.

Destacamos que, conforme explica Lévy (1999, p. 17 apud RIBEIRO, 2018, p. 14), “a cibercultura também entendida como cultura digital é um ‘conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço (rede)”. Por essa razão, Ribeiro ressalta que se inserir na cibercultura não é apenas ter acesso a um eletrônico, é necessário que se pense e aja, construindo – o que muitos autores vêm estudando – um *ethos*⁸. Com base nisso, entendemos que o autor do texto assume diferentes papéis sociais a depender do gênero produzido, da argumentação que pretende sustentar e até mesmo da relação com o outro, o leitor: “[...] o sujeito é constituído pela soma de suas próprias interações e pelos códigos semióticos em funcionamento nas comunidades de que participa” (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 15). Por isso, é importante definir e delimitar os papéis sociais nesse circuito comunicativo, para compreender os posicionamentos discursivos em que o autor incide estratégias de influência sobre o outro, e o leitor traz seu repertório de posicionamento.

Seguindo esse raciocínio, é importante considerar nesse contexto os propósitos comunicativos citados por Swales, pois os gêneros perdem algumas de suas características quando incorporados ao meio digital, formando novos gêneros

⁸ O termo provém da retórica aristotélica, sendo revisto e reformulado a partir de estudos contemporâneos da Nova Retórica. Com base em Maingueneau (1993 apud AMOSSY, 2016, p. 80), “O *ethos* [do locutor] está [...] vinculado ao exercício da fala, ao papel que corresponde ao seu discurso, e não ao indivíduo “real”, independentemente de sua eficiência oratória: é, portanto, o sujeito da enunciação enquanto enuncia que está em jogo aqui.

com ações sociorretóricas diferentes. Em alguns casos, podemos observar a questão das semelhanças entre alguns gêneros tradicionais e os digitais. Marcuschi (2010, p. 15) comenta que “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita”. Porém, ressaltamos que eles se desenvolveram a partir de um novo contexto social e cultural, apresentando propósitos comunicativos específicos.

Tais gêneros serão incorporados na sociedade a partir do uso cotidiano por um período de tempo considerável e, por isso, entendemos que os propósitos comunicativos sofrem alterações quando aplicados em mídias digitais ou quando alteram seu suporte, apresentando assim diferentes propósitos ou gêneros diferentes que apresentam os mesmos propósitos – ponto que será analisado nos gêneros digitais solicitados nas propostas de redação de vestibular.

Pontuadas todas essas variáveis, consideramos imprescindível amparar o multilinguismo e potencializar os recursos disponíveis atualmente, configurando-se como um processo essencial no que tange ao ensino de Língua Portuguesa. A educação básica já vem se ocupando de questões como produzir e organizar gêneros além dos já sistematizados até então, como bilhetes, cartas e narrativas. Visa-se, assim, à importância de que o ensino e a aplicabilidade do estudo dos gêneros textuais em Língua Portuguesa acompanhem essa realidade, incorporando às práticas pedagógicas os recursos – hipertextuais e hipermediáticos – que fazem parte do universo dos estudantes da atual geração. Marcuschi e Xavier (2010, p. 22) citam que “fato inconteste é que a internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita. Na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e de som”.

Retomando as ideias de Coulmas (2014, p. 181), entendemos que

Na era da internet e da comunicação mediada por computador, a escrita e o letramento adquirem novas formas e funções com diversas implicações para a língua e a cultura, bem como para a economia e a política. [...] conforme o número de usuários da internet no mundo, em 2011, ultrapassava a marca dos 2 bilhões,⁹ mais pessoas e uma porção maior da população geral em muitos países tiveram de lidar ativamente com símbolos escritos em lugar de ser apenas receptores passivos. Com isso, mais pessoas do que nunca antes contribuem para moldar a(s) língua(s) escrita(s).

⁹ Dados de 2022 apontam para mais 5 bilhões de usuários de internet no mundo. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/09/1801381>. Acesso em: 5 jul. 2023.

Certamente, nesse contexto, o ensino na educação básica pode inovar e ousar com a intenção de captar o caráter múltiplo e plural do fenômeno do letramento, no qual as relações de sentido se definem pela multiplicidade de sistemas semióticos envolvidos e pelas constantes transformações que originam e que os afetam. Como bem pontua Ana Elisa Ribeiro (2021, p. 14), “a ideia é que o empoderamento semiótico de cidadãos e cidadãs passa também, necessariamente, pela mobilização de muitas linguagens, modos semióticos e recursos tecnológicos, [...] no sentido da emancipação e da cidadania”. Levando em consideração a mudança que o mundo sofreu com o advento das tecnologias digitais e as vivências que acontecem no dia a dia dos estudantes, destacamos a importância de incorporar práticas de acordo com tais vivências desse grupo no ensino de Língua Portuguesa.

Sendo o vestibular a conexão entre os estudantes da educação básica com a universidade, e também atualmente a principal forma de avaliação quanto aos conhecimentos e às habilidades dos estudantes, entendemos a relevância de observarmos as expectativas dos exames classificatórios e as referências analisadas por eles. É notável que no ensino de Língua Portuguesa inúmeras propostas e práticas de trabalho venham tentando estabelecer um diálogo entre as condições reais dos estudantes desta geração, visando à perspectiva de sujeitos constituídos na e pela linguagem.

Pontuamos que a produção de textos está atrelada também à leitura de outros textos para sua composição e, assim como a escrita hoje é diferente de outros tempos, a leitura também é diversa de tempos atrás. É preciso considerar as mudanças de tecnologia – manuscrita, impressa, digital. “A leitura se move em relação a outras formas de extensão de memória e em diálogo intenso com mídias e linguagens não verbais: TV, cinema, rádio, *web*.” (RIBEIRO, 2021, p. 22). As novas técnicas de leitura não substituem as antigas, elas coexistem, muitas vezes por milênios. É possível observar, por exemplo, páginas na *web* formatadas com as notícias como se fosse um jornal impresso, ao passo que se podem ler revistas eletrônicas que com um clique se vê na tela a página sendo virada até mesmo com o som do papel como se estivesse sendo manipulado.

De acordo com Chartier (2002, p. 112 apud RIBEIRO, 2021, p. 24),

De um lado, a longa história da leitura mostra com firmeza que as mutações na ordem das práticas são geralmente mais lentas do que as revoluções das técnicas e sempre em defasagem em relação a elas. Da invenção da imprensa não decorreram imediatamente novas maneiras de ler. Do mesmo modo, as categorias intelectuais que associamos ao mundo dos textos perdurarão diante das novas formas do livro.

Ainda citando Chartier, Ribeiro (2021) aponta que a “ordem dos discursos” será alterada com a “textualidade eletrônica”. Para o historiador francês, o fato de lermos todos os diferentes tipos de textos em uma tela gera indistinção de categorização de textos e de leituras. Outro ponto a se considerar é que os gêneros textuais digitais tendem a certa informalidade, pois no meio digital há uma menor monitoração e cobrança pela fluidez. Com base nesses pressupostos, avaliamos que ao eger o gênero a ser produzido é preciso fazer algumas escolhas e ajustar outras, pensando na seleção de elementos que serão necessários para compor o texto.

Posto tais considerações sobre as mudanças na língua e inovações nas linguagens, observaremos três gêneros surgidos a partir do atual contexto sócio-histórico, sendo eles comentários em fórum de internet, *podcast* e *post*, e que foram prática de avaliação nas provas da Unicamp nos anos de 2019, 2020 e 2022.

3.2 Especificidades das provas de redação

Compreendemos, assim, que a produção textual acompanha as mudanças sociais. Entretanto, modelos tradicionais de texto ainda são exigidos, mesmo que não façam parte do cotidiano dos estudantes além do espaço da sala de aula para exames específicos. Por esse motivo, estamos em consonância com as ideias de Ribeiro, ao pontuar que,

[...] [o] ENEM e sua ‘redação’, penso, às vezes que eles me tiram o fôlego para fazer projetos assim, preocupados com outros gêneros textuais e outras modulações de linguagem. Os famosos ‘três parágrafos’, ou quatro, de um texto dissertativo-argumentativo tornam-se uma espécie de meta única de grande parte dos jovens, o que me parece medíocre, em uma sociedade que lida, cada vez mais, com modulações textuais muito mais sofisticadas (RIBEIRO, 2018, p. 96).

Entendemos aqui a importância de observar de que maneira os diferentes gêneros textuais digitais estão sendo vistos e contemplados nas provas de um dos vestibulares mais renomados do país nos últimos anos.

Destacamos a significativa representação que o concurso vestibular tem na sociedade brasileira desde 1911, tendo um papel essencial na educação,

considerando que é um exame que pretende avaliar as habilidades dos estudantes que concluíram o ensino médio e objetivam ingressar no curso superior, tanto privado quanto público. A partir de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) definiu que cada instituição de ensino superior poderia definir os critérios de avaliação. E, em 1998, surgiu o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que, a princípio, era uma ferramenta de avaliação da qualidade do ensino no país, e a partir de 2009 passou a ser mais uma forma de ingresso no ensino superior.

Tendo em vista a etapa de ensino em que os alunos se encontram ao prestarem o vestibular, é esperado que eles tenham, de certo modo, internalizado e apreendido o uso de diferentes gêneros textuais. E, por isso, entendemos que, com as mudanças ocorridas na sociedade com os avanços das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TIDCs) e a incorporação das novas formas de produção textual dentro da escola, os processos seletivos para ingresso no curso superior passaram a incorporar outras práticas de leitura e escrita, de acordo com gêneros textuais mais contemporâneos.

As provas de produção textual constituem uma das partes principais e mais relevantes para a nota do vestibulando. Por meio da escrita, que, como já dissemos, consideramos uma ação sociocultural, a avaliação requer muito mais que apenas “saber escrever”. Na maioria das provas, os textos devem apresentar algumas peculiaridades, como escrita formal, função referencial dominante, serem compostos de introdução, desenvolvimento e conclusão e exporem as ideias do candidato, com alguma argumentação sobre determinado tema.

Entretanto, essa prática exige que os candidatos demonstrem conhecimento das condições de produção do texto, eles precisam explicitar domínio sobre o gênero, qual o suporte, para quem e, principalmente, para que estão escrevendo. Tal ponto vai ao encontro da teoria de Swales junto de Askehave, quando os autores reviram o conceito de propósito comunicativo e citaram Bhatia (1993), em que o gênero deve manipular ao longo do texto elementos de “intenção, posicionamento, forma e função *para as suas intenções pessoais*, e o fazem dentro dos propósitos socialmente reconhecidos” (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005, p. 118, grifos das autoras). Além desses pontos, há também a habilidade quanto à capacidade leitora, pois os candidatos precisam interpretar corretamente os textos motivadores da coletânea sobre o tema a ser abordado e o comando da proposta.

Apesar de a dissertação ser o tipo textual mais cobrado nos exames classificatórios, constando nos principais concursos vestibulares do país, como Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e, especialmente, no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), podemos perceber que há um movimento para incorporar diferentes gêneros nos processos seletivos.

A dissertação é um tipo textual de caráter argumentativo, isto é, por meio de textos de apoio e com base nos conhecimentos prévios e repertório do candidato, é preciso desenvolver seu ponto de vista, um problema ou um questionamento, e finalizar com uma consideração em conformidade com os argumentos expostos pelo próprio autor do texto. Na prova de redação do Enem, é necessário, ainda, que o candidato apresente uma proposta de solução do problema para concluir.

Os critérios de avaliação da produção textual, geralmente, baseiam-se na coerência do candidato em manter o foco do texto no tema sugerido, na estrutura do desenvolvimento do texto que deve atender ao gênero indicado e na coesão textual e domínio da língua portuguesa.

Os critérios que podem levar o candidato a zerar na prova de redação são, basicamente, fugir do tema proposto, deixar a folha de redação em branco, escrever em outra língua que não a portuguesa, escrever menos linhas que o estipulado nas orientações, apresentar letra ilegível, inserir cópias integrais dos trechos da coletânea ou qualquer outra parte da prova e, principalmente, produzir um texto que não esteja condizente com o gênero proposto.

3.2.1 Propostas de redação no vestibular da Unicamp

A universidade escolhida para analisarmos os objetivos desta pesquisa foi pensada de acordo com seu grau de importância no país. Segundo a QS World University Rankings, a Unicamp em 2021 se encontrava entre as 10 universidades mais cotadas e com as maiores notas de linha de corte do país. Além desse quesito, consideramos também para a pesquisa a variação de gêneros textuais exigidos nas provas de concursos vestibulares dessa universidade. A Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, apesar de estar em diferentes pesquisas como a primeira

universidade do país, solicita em todas as suas provas apenas a dissertação como produção textual.

A Unicamp fornece a grade de avaliação, de forma a subsidiar o ensino de produção textual, orientando educadores e estudantes e provendo informações que auxiliem em estudos e pesquisas. Outro diferencial da instituição é que a Comvest publica para acesso à comunidade externa todas as suas provas desde 1987, com comentários e expectativas da banca examinadora, assim como relatórios estatísticos de cada vestibular, com os índices de acertos e erros. A partir desses critérios, foi possível analisar quais os elementos linguísticos necessários levados em conta para que entendamos de que forma os textos dos candidatos são avaliados.

A prova de redação do vestibular Unicamp apresenta como principal objetivo a avaliação das capacidades tanto de leitura quanto de escrita dos estudantes, deixando isso explícito em seu edital:

A prova de Redação busca avaliar a habilidade do candidato no emprego de recursos que são necessários à produção de textos pertencentes a diferentes gêneros discursivos. Cada tarefa é acompanhada de um ou mais textos que irão subsidiar o seu desenvolvimento, além de instruções que indicarão a proposta temática, o gênero, os interlocutores e a situação de produção. A prova procura, dessa forma, reproduzir o funcionamento do discurso do mundo real. [...] o candidato deve atender a requerimentos relacionados [...] ao gênero: o texto elaborado pelo candidato em cada uma das propostas deve ser representativo do gênero solicitado e considerar os interlocutores nele implicados e a situação de produção (Edital Vestibular da Unicamp 2019, p. 1-2).

As provas atuais propõem a produção de dois textos de gêneros diferentes para diferentes finalidades, com base em temáticas específicas para cada uma das propostas. Desde 2011, a prova de redação da Unicamp exige gêneros diversos, e não mais gêneros “estritamente escolares”, e, a partir de 2020, a Instituição passou a oferecer duas propostas em que o candidato pode escolher uma delas para a produção – até então era preciso produzir até três gêneros textuais. A Comvest é a responsável pela organização dos exames da Unicamp e demonstra estar atenta à escolha de gêneros que circulam efetivamente na sociedade e fazem parte das práticas e vivências cidadãs, com o propósito de, conforme a própria comissão (Comvest, 2019, p. 1) cita, “avaliar habilidades e competências de leitura e de produção de textos significativos para a atuação do jovem na vida pública, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)”.

As provas da Unicamp são conhecidas pela constante atualização tanto de temas quanto de práticas requeridas, que se propõem em avaliar o aprendizado dos estudantes considerando as alterações, as dinâmicas e os impactos da trajetória escolar. O coordenador executivo da Comvest, José Alves de Freitas Neto (2020, p. 12), pontua que “numa época em que muitos afirmam que as pessoas leem pouco ou que os estudantes não têm o domínio necessário para produzir textos, [devemos] evitar o senso comum e pensar leitura e escrita como resultado de experiências sociais e históricas”.

Para a correção dessas redações, a Comvest conta com muitos corretores, e por isso é preciso homogeneizar o processo de avaliação, delimitando uma base teórica que fundamente tais critérios a serem visto. Entretanto, acreditamos que seja um tanto quanto desafiador estabelecer essa homogeneização em razão da subjetividade da tarefa. Em grande parte, a correção depende dos conhecimentos prévios, da capacidade de pressuposição e inferência e da adesão ao discurso por parte do leitor. Assim, de acordo com Costa Val (2016, p. 35),

A necessidade de preestabelecer parâmetros para orientar a avaliação técnica de um texto pode ser atendida através da definição de critérios qualitativos (e não quantitativos) que busquem captar e sistematizar as condições naturais de aceitabilidade dos discursos.

A escrita e os recursos coesivos são pontos avaliados nas redações também, entretanto, em virtude de a modalidade de gêneros digitais ser mais flexível, precisamos atentar-se para o equilíbrio entre a formalidade do uso da norma-padrão e a informalidade que demonstre pouco domínio da língua escrita. Assim, verificamos a pertinência de estudos e análise dos elementos linguísticos utilizados nessas produções, que operem como conectivos e operadores argumentativos para a elaboração da materialidade do texto.

A grade de correção da Unicamp segue os elementos definidos em quatro quadros, dispostos à comunidade para conhecimento: proposta temática (Pt), gênero (G), leitura do(s) texto(s) (Lt) e convenções da escrita e coesão (CeC). Vejamos:

Figura 1 - Grade analítica de avaliação da redação da Comvest

GRADE ANALÍTICA			
GÊNERO E LEITURA (0 a 8)			GÊNERO E ESCRITA (1 a 4)
Proposta temática (Pt)	Gênero (G)	Leitura do(s) texto(s) (Lt)	Convenções da escrita e Coesão (CeC)
0 1 2	0 1 2 3	0 1 2 3	1 2 3 4
	3 <i>Desenvolve bem</i> G: explora S e I e C de acordo com o projeto de texto.	3 Uso <i>produtivo</i> do(s) texto(s): <i>leitura crítica</i> que caracteriza uma <i>apropriação</i> de acordo com o projeto de texto / <i>Compreensão global e inferências</i> / Ausência de erros de leitura.	4 Escolhas lexicais e sintáticas <i>produtivas</i> / Recursos coesivos que <i>contribuem</i> para o texto, ainda que com eventuais erros.
2 <i>Cumpriu plenamente.</i> A ser detalhado com a prova (GRADE ESPECÍFICA)	2 <i>Desenvolve</i> G: configura S e/ou I e C de acordo com o projeto de texto.	2 Uso <i>adequado</i> do(s) texto(s): <i>leitura mediana</i> que caracteriza um <i>aproveitamento</i> de acordo com o projeto de texto / <i>Compreensão global</i> ainda que com <i>erro pontual</i> que <i>não comprometa</i> o projeto de texto.	3 Escolhas lexicais e sintáticas <i>adequadas</i> / Recursos coesivos que <i>não contribuem para</i> o texto nem o <i>comprometem</i> .
1 <i>Cumpriu parcialmente.</i> A ser detalhado com a prova (GRADE ESPECÍFICA)	1 <i>Desenvolve mal</i> G: apresenta C, mas <i>não I nem S</i> OU apresenta problemas em C, ainda que configure I e/ou S OU apresenta apenas traços de T, ainda que configure I e/ou S.	1 Uso <i>inadequado</i> do(s) texto(s): <i>leitura superficial</i> E/OU <i>erro(s) de leitura</i> que <i>compromete(m)</i> o projeto de texto E/OU uso do(s) texto(s) <i>desvinculado</i> de um projeto de texto.	2 Escolhas lexicais e sintáticas <i>simples</i> / Recursos coesivos <i>simples</i> ou que <i>comprometem pontualmente</i> o texto / Poucos erros de ortografia e acentuação.
0 <i>Não cumpriu.</i> A ser detalhado com a prova (GRADE ESPECÍFICA)	0 Configura <i>outro</i> G: <i>não</i> apresenta sequer traços de T do gênero da prova, ainda que configure I e/ou S.	0 Uso <i>insuficiente</i> do(s) texto(s): realiza <i>simples menções</i> ou <i>paráfrase</i> E/OU <i>cópia(s) justaposta(s)</i> do(s) texto(s) OU <i>Não</i> uso do(s) texto(s).	1 Escolhas lexicais e sintáticas <i>inadequadas</i> / Recursos coesivos <i>inadequados</i> ou que <i>comprometem globalmente</i> o texto / <i>Variados</i> e recorrentes erros de ortografia e acentuação / <i>Prevalência</i> de <i>simples paráfrase</i> e/ou <i>cópia(s) justaposta(s)</i> do(s) texto(s).
Descrição	<ul style="list-style-type: none"> S: Situação de produção dada no enunciado da prova e de acordo com o gênero; I: Interlocução solicitada e construção de <i>máscara</i> entre os interlocutores; C: Construção composicional, isto é, progressão característica do gênero; T: Tipologia(s) textual(is) predominante(s) do gênero. 		
Anulação	<ol style="list-style-type: none"> O candidato terá sua redação anulada (zero) se abordar <i>outro tema</i> que não o da prova; O candidato terá sua redação anulada (zero) se não cumprir nem a Pt nem o G; O candidato terá sua redação anulada (zero) se <i>apenas</i> copiar o enunciado e/ou o(s) texto(s) da prova. 		

COMVEST (Comissão Permanente para os Vestibulares). Grade analítica para correção de redações do Vestibular Unicamp. Campinas/SP, 2018.

Fonte: <http://www.comvest.unicamp.br/vestibular-2021/grade-da-redacao/>

Entre os anos de 1999 e 2005, os critérios definidos para avaliação se pautavam em tipo de texto, coletânea, tema, coerência, coesão e modalidade. A partir do ano de 2006, os critérios estipulados passaram a ser tipo de texto, coletânea, consistência temática e coesão/modalidade. Podemos entender o tipo de texto como a estrutura composicional, e a coesão e a modalidade como elementos de estilo linguístico. A consistência temática engloba elementos de coerência quanto ao tema definido. Neste trabalho, nos ateremos a dois deles, que apresentam critérios para os quais focamos a nossa análise: gênero (G) e convenções da escrita e coesão (CeC). Com base na grade de avaliação citada, a equipe de corretores da Unicamp considera que o candidato precisa contemplar em seu texto os quatro elementos indicados: a situação, a interlocução – que pode ou não ser definida, a depender do gênero –, a construção composicional – que diz respeito à progressão do tema –, e por fim a tipologia textual predominante. É importante ressaltarmos que em cada gênero é possível encontrar mais de um tipo, como narração e explicação ou descrição e argumentação, entre outras combinações.

Quanto às escolhas lexicais e sintáticas, a Comvest (2019, p. 131) aponta que “um candidato pode atingir a nota máxima mesmo tendo ‘errado’ em alguns pontos”. Sendo assim, entendemos que o rigor gramatical não é ponto de análise dos avaliadores, se no contexto esse erro for compreensível.

Os gêneros textuais digitais que serviram de análise desta pesquisa foram os solicitados nas provas de 2019, 2020 e 2022 da Unicamp. Para tal análise, consideramos importante pontuar alguns elementos textuais e características desses gêneros, para que possamos observá-los nas produções analisadas.

3.2.1.1 Comentário em fórum da internet

Na prova da Unicamp de 2019, os candidatos se depararam, entre as opções de propostas de redação, com a produção de um comentário em fórum da internet.

Os fóruns virtuais são “ambientes” democráticos, com temas polêmicos e/ou problemáticos a serem debatidos, sendo específicos de uma comunidade. São plataformas virtuais, em que os usuários interagem por meio de mensagens escritas. Apresentam como objetivo discutir ideias, expor opiniões e encontrar soluções para os temas. São organizados por tópicos específicos, que abordam determinados assuntos, e os usuários contribuem com respostas aos tópicos existentes ou podem criar novos tópicos para serem debatidos. A interação nesse gênero textual acontece de forma assíncrona, ou seja, não é preciso estar on-line simultaneamente para participar das discussões. Assim, as mensagens são publicadas e respondidas em momentos diferentes. Geralmente, há a figura de um moderador, que é a pessoa que administra e organiza os debates, aplicando regras específicas da comunidade e evitando comportamentos ofensivos e inadequados.

A construção de textos nesse formato ocorre num viés argumentativo com uma linguagem mais formal.

Para Costa (2020, p. 132),

análises apontam para um gênero de constituição discursiva híbrida escripto-oral, em que usam recursos tanto verbais quanto paraverbais. É um gênero escrito, constituído multissemioticamente e com muitas marcas discursivas, sociais, etnográficas e culturais da oralidade.

Nessa construção de texto, é preciso avaliar todo o contexto em que o comentário é exigido, pois podemos elaborar comentários para diferentes situações, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. O comentário pode expor uma opinião crítica elogiosa ou não e precisa de argumentos que o embasem, para não ser um texto raso.

Os fóruns apresentam uma ampla variedade de finalidade, pois podem ser utilizados para discussões de *hobbies*, suporte técnico, compartilhamento de informações especializadas, debates acadêmicos, entre outras.

O objetivo principal do comentário em um fórum é interagir com outras pessoas de forma a contribuir para a discussão proposta pelo grupo, expressando a opinião pessoal, fornecendo informações adicionais sobre o assunto, compartilhando experiências próprias, refletindo criticamente sobre o tema.

3.2.1.2 Podcast

Na prova do ano de 2020 da Unicamp, uma das propostas foi a produção de um roteiro para um *podcast*.

O *podcast* é uma das formas de linguagens encontrada atualmente na cibercultura, sendo elaborado a partir de textos, áudio e vídeo. Sua configuração multissemiótica está também atrelada à hospedagem em uma plataforma digital.

Esse gênero tem como objetivo, no geral, transmitir informações, gerar entretenimento, debater questões importantes para a sociedade e apresentar narrativas que exemplifiquem o tema de debate. Ele oportuniza explorar tópicos em maior profundidade, apresentando diferentes perspectivas e criando uma conexão pessoal com os ouvintes.

Ressaltamos que tal formato não se caracteriza por um bate-papo informal entre os participantes, já que envolve gravação de áudio e também de vídeo, o que não impede improvisações pontuais. O *podcast* é geralmente organizado por episódios independentes, que podem ser lançados em uma programação regular (semana, mensal, etc.) ou de forma irregular. Nesses episódios, é utilizada a língua falada, incluindo conversas, entrevistas, debates, narrações e até mesmo monólogos, mas sempre a partir de um roteiro pré-definido. Há a possibilidade de ocorrer interação

e engajamento com os ouvintes, por meio de perguntas enviadas ou participação nas discussões.

Esse gênero permite que os criadores de conteúdo alcancem uma grande audiência e oferece flexibilidade aos ouvintes, que podem consumir o conteúdo quando e onde quiserem.

Embora seja construído na modalidade oral, há uma elaboração prévia de texto, um planejamento do que será tratado, traçando coesão e coerência em seu decorrer para que os ouvintes/leitores compreendam do que se trata o *podcast*. O fato de presumir um planejamento e roteiro pode ser percebido com mais frequência na modalidade escrita. Nesse sentido, o *podcast* permite que ampliemos a discussão sobre as características de gêneros orais explicitadas no ensino, em materiais didáticos e em processos de avaliação.

Sabemos que, apesar de a teoria de Swales se concentrar especificamente na análise de gêneros textuais escritos, podemos considerar o propósito do *podcast* à luz dos princípios gerais dessa teoria, pensando se atendem às necessidades comunicativas e às expectativas da comunidade de ouvintes.

3.2.1.3 Post

Na de edição de 2022 do vestibular da Unicamp, os candidatos poderiam escolher a elaboração de um *post* como texto da redação.

O gênero *post* teve origem na era digital e é amplamente utilizado em plataformas de mídias sociais, *blogs* e fóruns on-line. Tal gênero se difere do comentário em fórum de internet, pois o comentário é uma reação ou resposta a uma postagem inicial (que pode ser uma pergunta, o compartilhamento de um artigo ou um tópico inserido para ser debatido), ou seja, o comentário é uma contribuição a um tema previamente levantado. O *post* é um texto independente que pode gerar muitos comentários como resposta, geralmente é mais elaborado que o comentário em fórum.

Na modernidade, as redes sociais se apresentam como uma importante agência de letramentos, em que diferentes gerações¹⁰ têm acesso e por meio delas

¹⁰ Até o final de 2021, o Brasil somou cerca de 159 milhões de pessoas acessando as mídias sociais diariamente (Dados levantados pela Statista, Banco Internacional de Estatísticas).

interagem e se comunicam. Em diferentes plataformas, os jovens, as crianças, os adultos e também os idosos se expressam, produzem textos, exprimem suas opiniões, debatem e interagem.

Nesse contexto, o *post* se torna um gênero que mescla elementos de diferentes tipos textuais, apresentando um tom pessoal e confessional e também com traços de opinião e até mesmo defesa de uma tese. De acordo com Costa (2020, p. 192), o termo *post* é “forma substantiva do verbo ‘to post’, em inglês, refere-se a uma entrada de texto efetuada num *weblog/blog*. [...] O *post* é geralmente um texto do tipo narrativo (relatos), descritivo, opinativo”.

Ele se caracteriza por ser curto, conciso (quando não é, ganha o apelido de “textão”) e com certa flexibilidade da língua padrão. Apresenta como propósito compartilhar informações, pensamentos e opiniões atrelado a fatos pessoais ou informações com base em notícias. O propósito específico de um *post* é determinado pelo objetivo do autor e pelo contexto em que é publicado.

Esse formato de texto é multissemiótico, pois, nas plataformas digitais, é possível inserir imagens, áudio e vídeo junto da escrita. Além disso, é importante ressaltar que esse gênero está em constante evolução, e suas características podem variar ao longo do tempo e entre as diferentes plataformas. Portanto, a compreensão desse gênero requer análises empíricas e contextuais para capturar suas especificidades em determinado contexto comunicativo.

3.3 Ampliando a visão sobre gênero textual

Delimitamos assim os conceitos e as informações pertinentes a esta pesquisa. O primeiro conceito definido: a tecnologia, que é elemento central da vida humana, fazendo a conexão do mundo natural ao mundo artificial, demonstrando a capacidade humana de criar artefatos que facilitam nossas vidas, incluindo entre essas criações a escrita, que é uma das formas de materialização da linguagem por meio da língua. Com isso, os componentes resultantes da utilização da escrita podem também ser reconhecidos como dispositivos tecnológicos, uma vez que foram desenvolvidos e refinados pelo ser humano.

Assim, incluímos a percepção do que são gêneros textuais, focando na perspectiva sociorretórica da teoria de Swales, que vai ao encontro da nossa visão

sobre as produções de redação no contexto de vestibular, para que possamos entender as transformações na comunicação escrita e nas avaliações educacionais.

Para nós, a ideia de Swales de que os gêneros textuais são estruturas comunicativas reconhecíveis e socialmente construídas, sendo formas de discurso que surgem em contextos específicos com características estruturais e linguísticas distintas e que são elaborados para cumprir determinados propósitos comunicativos, evidencia a relação entre as novas tecnologias digitais e o surgimento de novos gêneros, como *e-mails*, mensagens de textos, *blogs*, *posts* e *podcasts*. Tais gêneros se apresentam com estruturas, estilos e finalidades diferentes entre si e comparados aos gêneros tradicionais, como artigo de opinião, ensaios etc.

Quanto aos vestibulares, acreditamos que essas mudanças no cenário da comunicação escrita também refletem nas provas de redação. A escolha da Unicamp de inserir ao menos uma proposta com gênero textual digital demonstra o reconhecimento da importância de compreender e utilizar gêneros relevantes para a sociedade contemporânea, bem como a valorização das habilidades de escrita compatíveis com a atualidade, abrangendo a capacidade de produzir textos adequados aos contextos digitais. Assim, entendemos que o objetivo da avaliação textual nesse formato não analisa apenas os aspectos gramaticais e ortográficos, mas também a compreensão dos candidatos quanto à sua competência comunicativa e à adaptação deles a diferentes contextos de escrita, priorizando as convenções e características de diferentes gêneros textuais.

Entendemos que o avanço tecnológico das últimas décadas influenciou significativamente a forma como produzimos e interpretamos textos, e isso se estende à ideia de seleção de estudantes para o ingresso no ensino superior. Isso implica reconhecer a diversidade de gêneros textuais atualmente e avaliar a capacidade dos estudantes de se comunicarem de forma eficaz e adequada aos contextos contemporâneos. Essa abordagem mais abrangente e atualizada busca refletir sobre as demandas da sociedade com relação à língua escrita e promover uma formação mais completa e alinhada às necessidades aos tempos que vivemos.

4 PROBLEMA E OBJETIVOS: ESPECIFICANDO A ANÁLISE

Ao observar o movimento feito nos concursos vestibulares nos últimos anos, com o advento da BNCC e também do intenso acesso às tecnologias digitais da sociedade, propomo-nos a aprofundar a discussão sobre os gêneros digitais em propostas de redação. Assim, nos questionamos de que forma um dos principais concursos vestibulares do país tem abordado os gêneros textuais digitais nas provas de redação e quais são os critérios de avaliação, considerando as características dos gêneros exigidos e o conhecimento (linguístico) por parte dos candidatos?

Com base nesse problema, levantamos a hipótese de que os critérios de avaliação perpassem a estrutura do gênero textual exigido e suas características mais marcantes, além de, obviamente, os candidatos precisarem manter a coerência e a coesão ao longo da produção textual.

Dessa forma, pretendemos, a partir das análises da banca examinadora das redações, descrever os elementos característicos de gêneros digitais que são exigidos em propostas de redação da Unicamp, focando no conhecimento do candidato sobre as exigências que os gêneros em questão apresentam. Primeiramente, nos propomos a identificar e apresentar se e quais foram os gêneros textuais digitais propostos nas últimas provas da universidade escolhida para esta pesquisa. A partir dessa identificação, pretendemos observar quais características de gêneros, com base na perspectiva sociorretórica de Swales, são analisadas pela banca e exigidas dos candidatos. Com isso, esperamos verificar os critérios de avaliação da banca examinadora para observar quais os conhecimentos linguísticos exigidos por parte dos candidatos.

Para que os estudantes se tornem críticos quanto aos novos formatos de textos produzidos e para que eles possam desenvolver habilidades para tal, vê-se a necessidade de investigar se e como os gêneros digitais estão sendo incorporados a provas classificatórias para o ingresso no ensino superior.

Partindo do objetivo de analisarmos de que forma os gêneros textuais digitais estão sendo exigidos especificamente no concurso vestibular da Unicamp nas provas de redação, o presente projeto relaciona-se à área de Linguagem e Tecnologia. A pesquisa se propõe a fazer um levantamento dos gêneros textuais digitais contemplados nas provas de uma das universidades renomadas do país, de forma a

averiguar as relações entre tecnologia – além do senso comum de aparatos digitais, mas sem desconsiderar essa perspectiva –, e ensino no contexto hipermediático contemporâneo.

4.1 Metodologia (procedimentos)

Tendo em vista o objetivo formulado, foi realizada uma pesquisa descritivo-interpretativa, de cunho qualitativo.

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso da coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso, experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. (DENZIN; LINCOLN, 2010, p. 17)

A metodologia utilizada para esse tipo de pesquisa, conforme Moita Lopes (1994), é baseada em métodos e procedimentos que visam a interpretar os significados e as ações dos agentes envolvidos na investigação, em uma perspectiva qualitativa.

O *corpus* analisado é constituído por redações produzidas e avaliadas pela comissão nos seguintes anos de vestibular: 2019, 2020 e 2022. São três redações produzidas por candidatos e comentadas pela banca avaliadora do ano de 2019, sendo uma acima da média, uma mediana e uma anulada. Além de mais três redações produzidas por candidatos e comentadas pela banca avaliadora do ano de 2020, sendo também uma acima da média, uma mediana e uma anulada, e outras catorze redações, desse mesmo ano, selecionadas pela comissão de processos vestibulares responsável pelas provas da Unicamp que formam um “livrinho de redação”, publicado pela Comvest. Por fim, são mais quinze redações selecionadas também para o “livrinho de redação” do vestibular de 2022¹¹.

¹¹ Utilizamos as redações disponibilizadas pela banca no *site* da Comvest e adquirimos o “livrinho de redação” dos anos de 2020 e 2022. Entretanto, não encontramos na internet as três redações comentadas do ano de 2020 e não tivemos acesso para esta pesquisa ao “livrinho de redação” da Unicamp com as trinta redações selecionadas pela banca, referentes às duas propostas da prova de 2019. A Editora da Unicamp confirmou que essa obra está esgotada e sem previsão para reimpressão.

Primeiramente, foram selecionadas as provas de redação da universidade escolhida para a pesquisa, do período de 2019 – a partir da BNCC – a 2022. Como o documento citado prevê a inserção de gêneros digitais no processo de ensino-aprendizagem da educação básica, pretendemos checar como esses gêneros aparecem nas propostas e quais conhecimentos linguísticos sobre eles são exigidos pela banca examinadora.

As informações sobre as propostas feitas pela Comvest para o vestibular dos anos citados foram organizadas em um quadro, pontuando os gêneros textuais solicitados em cada uma das provas dos diferentes anos, com o objetivo de sistematizar e visualizar a coleta de dados que se propôs para esta pesquisa.

Em seguida, indo em direção a uma leitura menos quantitativa e mais crítica, foram analisadas a pertinência dos gêneros e sua funcionalidade nas provas. Por fim, foram observados, de acordo com as teorias estudadas, como os gêneros textuais digitais estão sendo contemplados nas atuais propostas, acompanhando o período histórico e as constantes mudanças dos modos de escrita e produção de sentidos.

É importante comentar que as redações selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa provêm das escolhas feitas pela equipe de corretores da própria Comvest: a banca de corretores avalia as redações e, com base nos critérios de avaliação, lhes atribui uma nota. Entre o grupo de redações que receberam maiores notas, uma comissão escolhida pela Comvest seleciona as que vão compor a coletânea. A comissão – que varia todo ano – é formada por professores especialistas na área e que assinam a “Introdução” das coletâneas, dessa forma são pessoas capacitadas e alinhadas com a mesma perspectiva sobre as produções.

4.1.1 Levantamento de dados e análise

Esta pesquisa iniciou com um levantamento quanto às principais universidades do país e melhores índices de aprovação. A Unicamp encontra-se nessa posição de universidade renomada, benquista e de ótima reputação. Como já citamos, está no *ranking* das melhores do país, e por esse motivo se manteve em nosso olhar para a pesquisa. Outro ponto que fez com que a Unicamp fosse escolhida para direcionar este trabalho foi o fato de encontramos em suas últimas provas o que consideramos pertinente ao uso dos gêneros textuais em suas propostas de redação, no que tange ser diferente da maioria das instituições de ensino superior,

contemplando a produção escrita de gêneros digitais na prova de redação. Ressaltamos que a maioria dos exames de vestibulares exigem produções textuais de gêneros chamados tradicionais, como o argumentativo-dissertativo.

Estabelecemos a data das provas a serem analisadas pensando na publicação da BNCC, documento que passou a ser norteador para a elaboração de currículo nas escolas de todo o país. Trouxemos a informação dos gêneros solicitados no ano de 2018, lembrando que em dezembro de 2017 tivemos a publicação da BNCC para o ensino fundamental e apenas em dezembro de 2018 ocorreu a publicação da BNCC para o ensino médio. Para nós, tal informação é importante porque podemos relacioná-la ao fato de que, a partir disso, a Comvest (2019, p. 1) passou a inserir opções de gêneros que fazem parte do ambiente virtual.

Aqui, indicamos as duas propostas que apareceram no ano de 2018 a fim de observarmos o que foi exigido como avaliação nas redações no último ano em que a BNCC ainda não constava como documento oficial para o ensino médio.

Assim, nesse primeiro levantamento encontramos as seguintes informações.

Quadro 2 - Gêneros textuais nas propostas da Unicamp (2018-2022)

Ano	Proposta 1	Proposta 2
2022	<i>Post</i>	Manifesto
2021	Discurso político	Texto entrada para diário
2020	<i>Podcast</i>	Crônica
2019	Texto de um abaixo-assinado	Postagem em um fórum
2018	Texto-base para palestra	Artigo de opinião

Fonte: Autoria própria

A partir dessas informações, podemos observar que a Unicamp se propõe a diversificar os gêneros textuais, não apresentando repetição em suas provas de um ano para o outro. Podemos observar também que, desde a publicação da BNCC para o ensino médio, a instituição se propôs a apresentar ao menos em uma das propostas um gênero textual digital – não apresentando tal opção apenas no ano de 2021¹².

¹² Não encontramos nenhum posicionamento oficial da Comvest sobre os motivos de não ter sido inserido um gênero digital.

Dessa forma, o *corpus* desta pesquisa apresenta as provas comentadas dos anos 2019, 2020 e 2022, em que encontramos gêneros digitais (postagem em fórum, *podcast* e *post*, respectivamente).

Outro levantamento importante a ser mencionado é que na prova de 2019, a porcentagem de candidatos que escolheu o gênero digital foi maior do que o gênero tradicional, assim como a nota média. Na prova de 2020, o gênero *podcast* foi menos escolhido que a crônica, e a média das notas dos candidatos que produziram o *podcast* também foi menor. E na prova de 2022, a porcentagem de alunos que optou pelo gênero postagem foi muito maior que a dos candidatos que produziram um manifesto. Entretanto, a média dos textos sobre manifesto foi um pouco maior que a dos textos *post*. Para analisarmos tais levantamentos, nos basearemos na análise dos aspectos linguísticos e textuais presentes nas produções feitas considerando os gêneros digitais.

4.1.2 Análise dos aspectos linguísticos e textuais

Com base nas publicações feitas pela Comvest, que se propõe em divulgar à comunidade informações que podem contribuir para o ensino-aprendizagem dos estudantes, sobre como a comissão concebe a escrita, qual a expectativa sobre as redações, os critérios de julgamento, entre outras informações, fizemos as análises para este trabalho. Assim, é relevante considerar que tanto os candidatos quanto os professores que preparam esses estudantes têm acesso a essas informações, e podem se preparar de forma a atender ao que é esperado da banca.

Além disso, as informações expostas pela Comvest contribuíram para a investigação de como os gêneros são concebidos, respondendo às perguntas feitas nesta pesquisa: se a adequação dos textos aos gêneros solicitados é significativa e quais aspectos linguísticos contribuem para uma nota acima da média. Como procurávamos, portanto, ver nas redações da Unicamp traços característicos dos gêneros em questão, estabelecemos uma relação entre os critérios formulados pela Comvest para a correção das redações e os elementos formais e funcionais do gênero a partir dos princípios teóricos de Swales. Tal aproximação é conveniente, pois nos

possibilitou examinar os textos da instituição observando-os no âmbito da perspectiva sociorretórica.

De forma cronológica, focaremos primeiramente na proposta de redação solicitada na prova de 2019, em que o gênero postagem em fórum foi uma das opções. Então, passaremos para a análise do gênero proposto na prova de 2020, *podcast*, e por fim verificaremos o gênero *post*, apresentado como opção na prova de 2022.

4.1.2.1 Proposta da prova de 2019

A proposta 2 (Anexo 1) apresentada na prova da Unicamp de 2019 se refere a uma postagem em um fórum virtual, a partir de um tema levantado previamente. Assim, os candidatos deveriam elaborar um comentário dando sequência a uma discussão com um tópico proposto delimitado.

Figura 2 - Enunciado da proposta de 2019

REDAÇÃO	PROPOSTA 2
<p>Sua professora de Geografia abriu um fórum no ambiente virtual da disciplina para discutir o tópico "IDH e crescimento do PIB como indicadores de desenvolvimento" e propôs as seguintes questões: a) Observe a classificação do Brasil nos <i>rankings</i> apresentados nos gráficos 1 e 2; b) Interprete os textos 3, 4 e 5; e c) Indique se haveria diferenças no desenvolvimento social do Brasil caso o país optasse por uma política econômica que tenha como consequência uma melhor classificação no <i>ranking</i> do IDH ou no <i>ranking</i> do crescimento do PIB.</p> <p>Publique uma postagem nesse fórum, na qual, a partir da leitura dos textos indicados abaixo, você deve: a) apontar em qual <i>ranking</i> o Brasil subiria se privilegiasse os aspectos qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social; b) apresentar as consequências de priorizar o consumo para o desenvolvimento social; e c) argumentar em favor do seu ponto de vista.</p>	

Fonte: <https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2019/08/Reda%C3%A7%C3%A3o-2019.pdf>

A contextualização se dava sobre o tópico a ser discutido no componente curricular de Geografia, com a professora e os colegas de turma, sobre o tema "IDH e o crescimento do PIB como indicadores de desenvolvimento". De acordo com a indicação na prova, os candidatos deveriam se ater a observar a classificação do Brasil nos *rankings* nos gráficos apresentados como textos motivadores; interpretar os outros três textos motivadores, que traziam informações sobre o consumismo e trabalho escravo, o aumento do PIB e o índice de desenvolvimento humano na Noruega (que pelo 12º ano consecutivo é eleito o melhor país para se viver, eleito pela ONU), e por fim, analisar os dados de forma a verificar se "haveria diferenças no desenvolvimento social do Brasil caso o país optasse por uma política econômica que

tenha como consequência uma melhor classificação no *ranking* do IDH ou no *ranking* do crescimento do PIB”.

Dessa forma, percebemos que, além da capacidade escrita, o exame avalia também a capacidade leitora dos candidatos, com base na produção de um gênero que efetivamente circula na sociedade atual.

De acordo com as grades de avaliação da Comvest apresentadas anteriormente, podemos observar que, na solicitação da proposta, há o direcionamento da interlocução (I) – a professora de Geografia –, e a situação (S) de produção – a postagem no fórum. Dessa forma, entendemos que esses dois pontos, teoricamente, estariam garantidos ao candidato se bem explorados.

O gênero comentário em fórum virtual prevê duas tipologias (T) textuais predominantes: a expositiva e a argumentativa. Assim, para um bom desenvolvimento do gênero (G), era preciso explorar os dados dos textos motivadores de forma que contribuíssem para a construção do argumento do autor. Esse conjunto de fatores, de forma organizada e consistente, proporciona notas mais altas. Para contribuir com as análises desta pesquisa, apresentamos, primeiramente, três redações com os comentários da banca avaliadora: uma acima da média, uma mediana e uma anulada. Essas redações foram retiradas do documento oficial da Comvest¹³, publicado pela Unicamp, disponível para todas as pessoas na internet.

Para nossa primeira análise, vejamos um exemplo de redação acima da média, de acordo com a prova comentada pela Comvest (2019).

Redação acima da média | 2019

Às 13:45 de hoje, Amante da Geografia postou:

Boa tarde pessoal! Busquei seguir o roteiro indicado pela professora e quero expor minhas reflexões:

O Brasil se encontra em 47º lugar no ranking do PIB e em 79º no do IDH. Notem, porém, que a Índia e a China, as quais apresentam os 1º e 2º lugares, respectivamente, no ranking do PIB, apresentam posições muito mais abaixo no IDH, se comparadas com o Brasil. Sob meu ponto de vista, esses dados representam o constante conflito entre tipos de investimentos que os países realizam: enquanto os grandes asiáticos tem implantado políticas que estimulem fortemente o consumo nos últimos anos, o Brasil, ate recentemente, tem direcionado seus esforços em medidas sociais.

¹³

Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2019/08/Reda%C3%A7%C3%A3o-2019.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Vocês, assim como eu, devem ter ficado entusiasmados com o texto 5. Para mim, este é o caminho que o Brasil deve seguir, uma vez que investimentos privilegiados em qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social aumentarão expressivamente a posição no ranking do IDH. Tal índice avalia elementos como educação, expectativa de vida e outros itens afins. Como visto, a Noruega vem investindo nesse campo e, ao longo do tempo, conseguiu não apenas o 1º lugar do IDH, como também aumentou sua renda. Assim, conclui-se que aplicações em políticas que estimulam a distribuição uniforme de rendimentos aumenta a potência de uma democracia por fornecer não só uma melhor qualidade de vida aos seus contribuintes, como também a potência de ampliar o PIB.

Sei que nosso país tem passado por uma recessão econômica angustiante, mas comparem os textos 3 e 4. A ABVTEX informa que houve melhoras nos ânimos consumidores; o que gerará uma maior movimentação da economia, posto que os investimentos nacionais, agora, estão direcionados basicamente ao consumo. Mas queremos um cenário de ampliação das desigualdades no Brasil? Certamente é necessário o investimento nesse campo para que a riqueza nacional aumente, porém, esse não deve ser um ciclo fechado em si mesmo, posto que o investimento apenas no consumo gera a retração do desenvolvimento social, pois, assim como descreve o texto 3, ele gera incentivos a trabalhos escravos nos quais os funcionários realizam suas atividades com extensas jornadas de trabalho, além dos ínfimos salários, como vistos na China e na Índia. Ou seja, essa busca a todo custo por um maior PIB gera um menor IDH, devendo, portanto, o Brasil manter seus esforços em medidas sociais para que siga o traçado caminhado pela Noruega.

Comentários da banca avaliadora:

O texto é acima da média por mais de um motivo: a) o candidato demonstra ter elaborado previamente um projeto de texto, o que se pode depreender, por exemplo, pela retomada produtiva, na antepenúltima linha, de “Índia e China”, países mencionados na quarta linha; b) o texto corresponde a uma resposta efetiva ao fórum no ambiente virtual da disciplina de Geografia. Embora não houvesse obrigatoriedade de dialogar com a professora e com os colegas, o candidato faz isso na sua redação de forma produtiva, já que é por meio do diálogo com os colegas que seu texto apresenta o que há de melhor: a articulação das diferentes leituras dos elementos presentes na coletânea.

É no diálogo com os colegas e com seus possíveis argumentos que o candidato aborda, na primeira linha do último parágrafo, a polêmica apresentada na coletânea para, na sequência, explicitar seu ponto de vista: depois de pedir que os colegas comparem os textos 3 e 4 e de parafrasear o texto 3, explicando-o para os colegas (uma boa estratégia para demonstrar a compreensão), o candidato introduz uma pergunta retórica: “mas queremos um cenário de ampliação de desigualdades no Brasil?”. Com a palavra “cenário”, o candidato retoma tanto as informações do texto 4 quanto o cenário recente do Brasil (mencionado no final do primeiro parágrafo), que direcionava “seus esforços em medidas sociais”.

O texto atinge as expectativas da banca elaboradora na medida em que o candidato: a) compara o Brasil a outros países presentes nos dois gráficos; b) expõe seu conhecimento e seu ponto de vista sobre a situação econômica do Brasil e c) articula diferentes questões a que chegou a partir de uma leitura proficiente dos excertos da coletânea da prova.

Vale salientar que as remissões explícitas aos excertos da coletânea, que costumam ser consideradas negativas em gêneros solicitados em situação de vestibular, são bem-vindas no gênero da proposta 2. Mais do que funcionar como estabelecimento do diálogo com a professora e com os colegas, essas remissões ao gráfico e aos demais textos contribuem para a configuração do gênero “postagem no fórum do ambiente virtual da disciplina daquela professora de Geografia”, que havia postado aqueles textos, não outros, para os seus alunos.

Em relação ao critério *Convenções da escrita e Coesão* (CeC), alguém poderia alegar que não se trata de um texto impecável quanto ao uso da norma culta.

Poderíamos destacar, por exemplo, a estranha escolha de “privilegiados”, na segunda linha do segundo parágrafo, ou a ausência de acento em “têm” e em “até”, no final do segundo parágrafo. O Vestibular Unicamp não espera, porém, um “texto perfeito”, mas sim que o candidato demonstre domínio das convenções de escrita. Como exemplo desse domínio, destacamos o mesmo trecho em que há falta de acentos: o final do segundo parágrafo. Sugerimos atenção especial à produtividade da sintaxe e à manutenção da coesão textual mesmo com as intercaladas: “esses dados representam o constante conflito entre tipos de investimentos que os países realizam: enquanto os grandes asiáticos tem implantado políticas que estimulam fortemente o consumo nos últimos anos, o Brasil, ate recentemente, tem direcionado seus esforços em medidas sociais”.

O fato de a Comvest privilegiar e observar o projeto de texto elaborado pelo candidato corrobora com a ideia de que um gênero, como tecnologia, precisa de planejamento, mesmo que se domine a técnica (escrita), é preciso organizar diferentes saberes para tal produção.

Assim, entendemos que a comissão se preocupa em analisar a capacidade escrita dos candidatos considerando que eles entendem o gênero como ação social, conforme os estudos de Swales, Miller e Bazerman, apontados anteriormente, em que vimos que o texto deve ser analisado em seu contexto na sociedade. A comissão avaliadora considerou em sua análise o fato de o candidato ter “incorporado” a situação (S), elaborando o autor do texto (Amante da Geografia) como uma figura contextualizada socialmente. Além disso, o candidato citou também o horário do comentário postado, o que apareceria apenas no suporte digital. Entendemos que tal ideia torna a produção textual em prova de vestibular mais “viva” e interativa, pressupondo um contexto real.

A banca avaliou também que, apesar de algumas escolhas linguísticas equivocadas pelo candidato, isso não depreciou a produção, porque “o Vestibular Unicamp não espera, porém, um ‘texto perfeito’, mas sim que o candidato demonstre

domínio das convenções de escrita”. Tal ponto se relaciona com a teoria de Swales, ao observar o texto em seu meio social, entendendo que sua concepção se organiza com base onde ele circula, e não simplesmente analisado somente por elementos linguísticos. Além disso, o texto se manteve coeso, permitindo o entendimento por parte dos leitores.

Observando o propósito comunicativo do gênero comentário em fórum de internet, que é o de interagir com um grupo de pessoas, numa plataforma digital, contribuindo com seu ponto de vista para o debate de um assunto pré-estabelecido, o candidato atingiu esse propósito trazendo informações sob a forma de “Vocês, assim como eu, devem ter ficado entusiasmados com o texto 5. Para mim, este é o caminho que o Brasil deve seguir [...]”. Nesse ponto, o autor apresentou seu ponto de vista e na sequência embasou sua perspectiva com elementos retirados dos textos motivadores, demonstrando argumentos consistentes para defender sua opinião. Foi possível observar também que o texto do candidato, apesar de ter sido escrito para uma banca de avaliadores, considerou a perspectiva de que quem estivesse lendo faria parte da comunidade do fórum – seus colegas de sala e professora. A banca como comunidade experiente considera se colocar nesse lugar de leitor de fórum e não apenas como professores avaliadores.

Traremos agora uma redação considerada mediana pela banca avaliadora, para que possamos observar em quais aspectos linguísticos e/ou do gênero o candidato deixou a desejar de acordo com a banca.

Redação mediana | 2019

Conforme pedido, após a análise dos gráficos e leitura dos textos e depois de ler os significados de PIB e IDH, é possível saber que caso o Brasil opte por privilegiar aspectos como qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social, sua posição no ranking de IDH certamente subiria. Ao priorizar o consumo vemos que muitos países acabam negligenciando o desenvolvimento social geral da população. Isso pode ser confirmado com um exemplo da Índia, que possui atualmente o maior crescimento do PIB contudo isso é efetuado através de casos onde trabalhadores da indústria têxtil possuem uma carga horária de 12 horas e ganham menos do que 100 dólares por mês e menos de 2% das mulheres, que representam 80% da mão de obra, não ganham o suficiente para sobreviver. Deve-se salientar que a indústria da moda é uma grande responsável pelo crescimento do PIB logo o aumento do consumo desses produtos afeta diretamente o crescimento do PIB. Através do texto 5, é possível prever que quando um país preza pelo crescimento da renda de forma igual a todos, distribuindo os rendimentos de forma uniforme o aumento do IDH se torna a consequência. Com esses

dois exemplos fica claro que a prioridade deve ser o desenvolvimento social para que toda a população seja beneficiada. Postagem do aluno 5 do 3º ano A.

Comentários da banca avaliadora:

O texto cumpre parcialmente o que foi solicitado: o candidato parte da análise dos gráficos para comparar a classificação do Brasil com a dos dois conjuntos de países presentes nos dois gráficos, Índia e China (retomado como Índia, na terceira linha do segundo parágrafo), por um lado, e Noruega (apresentado de forma genérica: “um país preza pelo crescimento de renda de forma igual a todos”, no penúltimo parágrafo), por outro. Com base nessa comparação, e na leitura superficial que faz da coletânea, o candidato chega à conclusão de que o Brasil deveria priorizar “o desenvolvimento social para que toda a população seja beneficiada”.

Para entender o que avaliamos como “leitura superficial”, vale observar a articulação simplificada entre os excertos 3 e 4 (segundo e terceiro parágrafos da redação): “a indústria têxtil” havia sido mencionada no segundo parágrafo e, no terceiro, o candidato trata da “indústria da moda” sem estabelecer a relação com a questão anterior. O candidato não demonstra ter percebido que há duas visões em conflito sobre o “aquecimento da economia pelo consumo”: a indústria da moda (que no excerto 4 da coletânea aparece no interior de um discurso que prioriza o consumo e minimiza suas consequências sociais e ambientais) é apresentada como uma questão à parte, a ser “salientada”, e não como uma posição antagonista à criticada no excerto 3, por meio dos dados negativos ali elencados. Perceber esse antagonismo seria um indício de uma leitura adequada da prova como um todo; pela ausência dessa percepção, esse texto perdeu pontos no critério Lt. Pode-se afirmar que o candidato não se preocupou em elaborar um projeto de texto para, a partir dele, escrever seu texto. A sua estratégia foi seguir, parágrafo a parágrafo, os excertos da coletânea, na sequência em que apareceram na prova, com a ressalva de ter, no primeiro e no último parágrafos, construído uma espécie de “moldura” para o texto, o que o levou a receber uma nota mediana e não uma nota mínima, que seria atribuída a um texto totalmente desorganizado. O candidato deixa registrado, também, que está escrevendo um texto com as características do gênero solicitado: inicia a redação com “conforme pedido”; menciona explicitamente os gráficos (na primeira linha do texto) e um dos textos postados pela professora (“Através do texto 5”, na primeira linha do penúltimo parágrafo); e conclui com uma simulação do registro automático que acompanha as postagens de fóruns virtuais (“postagem do aluno 5 do 3º ano A”). Faltou, porém, argumentar em função de seu ponto de vista; além disso, sua conclusão é uma paráfrase do primeiro parágrafo, sem que tenha havido uma progressão argumentativa em seu texto. Por esses motivos a redação se situa no nível mediano: a leitura superficial a impede de avançar, mas, por cumprir parcialmente a Proposta temática (Pt) e desenvolver o Gênero (G) corretamente, configura-se como uma redação mediana.

A partir dos comentários da banca, compreendemos que, de certa forma, o candidato atingiu parcialmente às expectativas, isso porque alguns elementos

característicos do gênero solicitado foram apresentados, como uma breve interação com o interlocutor ao citar “Conforme o pedido”, fazendo inferência ao pedido feito pela professora de Geografia indicado no enunciado da proposta, e a finalização do texto com “Postagem do aluno 5 do 3º ano A.”, que indica a personificação de um estudante escrevendo para o fórum. Porém, não se percebe o uso de 1.^a pessoa do singular na produção, que indicaria o ponto de vista do autor, e não há momentos de interação com os demais membros da comunidade. Portanto, conforme aponta a grade de correção (Figura 1 – Grade analítica de correção de redação da Comvest, p. 63), o texto atinge 1 ponto por cumprir “parcialmente” a Pt e 2 pontos por desenvolver G, não de forma totalmente satisfatória, por não ter explorado melhor a situação (S).

O texto do candidato não explorou bem a situação, em razão da leitura insuficiente que fez dos textos da coletânea. Isto é, ele abordou exemplos citados nos textos motivadores, como a menção ao “texto 5” e informações relacionadas ao Brasil, à China e à Índia, mas não fez uma conexão clara entre elas e as informações foram apresentadas brevemente e não bem exploradas, os dados não foram relacionados entre si, sendo apenas “repetidos”. Além disso, a banca cita que o candidato fez uma “leitura superficial” dos textos motivadores: “vale observar a articulação simplificada entre os excertos 3 e 4 (segundo e terceiro parágrafos da redação): ‘a indústria têxtil’ havia sido mencionada no segundo parágrafo e, no terceiro, o candidato trata da ‘indústria da moda’ sem estabelecer a relação com a questão anterior.” Assim, o motivo pelo qual o texto não se desenvolveu bem foi pela Lt inadequada, atingindo apenas 1 ponto nesse quesito.

Os argumentos utilizados para embasar a opinião do autor foram frágeis, não aprofundados e não contribuíram significativamente para o debate “proposto pela professora” no enunciado. De acordo com a teoria de Swales (1990; 1992 apud GAETE-SAKATA, 2009, p. 196), os propósitos comunicativos precisam contribuir para o “crescimento da comunidade discursiva, servindo à divulgação e à troca de informações, à manutenção do sistema de valores da comunidade discursiva, ao aumento do espaço da comunidade discursiva, etc.”

Portanto, considerando as expectativas de interação, a elaboração de argumentos consistentes com dados para referência, o estilo de escrita mais formal, apesar de alguns termos escritos fora da norma padrão, e a falta de referências a

outros textos, o texto desse candidato não cumpre o propósito comunicativo desse gênero com êxito.

A seguir, apresentamos um exemplo de redação anulada para verificarmos de que forma a banca avalia que o candidato não atingiu nenhum dos critérios analisados por eles e quais elementos linguísticos não foram contemplados no texto.

Redação anulada | 2019

Bem, primeiramente, na forma natural da natureza o Brasil é o melhor país para se viver, é um país agrícola e tudo o que planta nasce, só não é o melhor país ainda por falta de investimento na educação e para o povo, algo que torna ele um país perigoso, violento, onde a taxa de natalidade é maior que a de mortalidade. No Brasil a falta de conhecimento sobre os assuntos é um problema, pois não existe um senso comum para o progresso do país como na Noruega.

Comentários da banca avaliadora:

O texto acima trata genericamente da qualidade de vida no Brasil, afirmando que o nosso país seria o melhor lugar para se viver, graças à sua natureza. Com isso, dialoga com o conhecido clichê do país “bonito por natureza”. Em seguida, o candidato aponta nossos problemas: a violência e a falta de investimento em educação, o que faz com que o Brasil não progrida como a Noruega. Considerando os elementos que deveriam ser levados em conta no desenvolvimento do texto, observa-se que o candidato deixou de cumprir as etapas mínimas necessárias: a) desconsiderou os indicadores econômicos; b) ao mencionar os problemas brasileiros, desconsiderou os apontados na coletânea da prova e mencionou outros dois (educação e segurança), sem integrá-los a um texto que abordasse efetivamente o tema. Alguém poderia ficar em dúvida se o texto deveria ser, de fato, anulado, pois ele inclui uma breve comparação entre o Brasil e a Noruega, países mencionados na coletânea de textos. Tal comparação não é pertinente para o desenvolvimento da Proposta temática (Pt), que exigia que o candidato respondesse a duas questões. Além disso, o texto não é uma postagem no fórum da disciplina em resposta à professora de Geografia. Para que a redação se caracterizasse como uma resposta às questões da professora, seria necessário levar em conta a situação de produção. Seria necessário comparar, minimamente, as posições dos países nos gráficos e tentar responder em qual dos rankings o Brasil subiria, ou em qual deles poderia vir a ter pior classificação, caso incentivasse o consumo. Em outras palavras, não há nada na redação que permita ao leitor que desconheça a prova saber qual foi a tarefa solicitada: o leitor hipotético não poderia depreender nem a Proposta temática (Pt) nem o tema da prova.

Para a banca avaliadora, o texto não atingiu nenhum dos critérios avaliados por eles. Percebe-se que não é possível identificar elementos característicos do gênero

solicitado, como construções linguísticas que remetessem que é um comentário em fórum na internet para o entendimento do leitor, não apresenta interação com os demais membros do grupo, nem apresenta o ponto de vista do autor. Assim, de acordo com a tabela de correção (Figura 1 – Grade analítica de avaliação de redação da Comvest, p. 63), a banca considerou que o candidato “não apresenta sequer traços de T do gênero da prova”, portanto não atingiu nenhum ponto nesse critério.

Para além disso, as informações dos textos motivadores não foram usadas para embasar qual argumento exposto no texto, como a própria banca cita “O texto [...] trata genericamente da qualidade de vida no Brasil, afirmando que o nosso país seria o melhor lugar para se viver, graças à sua natureza. Com isso, dialoga com o conhecido clichê do país ‘bonito por natureza’”. Para a banca, é importante que o candidato elabore um texto que tenha um embasamento consistente, com dados de referência e não apenas citações de senso comum e, conforme a grade analítica, o candidato fez “uso insuficiente do(s) texto(s): realiza simples menções ou paráfrase [...]”.

Em nossa análise, observamos que o texto não atende à temática do contexto de comentário em fórum da internet, pois não é possível perceber “a resposta” à postagem anterior (proposta pela professora no enunciado da questão), assim não há uma contribuição significativa com a discussão em andamento. O texto do candidato se apresenta como uma declaração geral, sem conexão com o contexto de fórum e sem clareza de suas ideias. O candidato não apresenta recursos linguísticos que deixem seu texto coeso, como no primeiro enunciado: “na forma natural da natureza o Brasil é o melhor país para se viver”. A escolha dos termos “natural” e “natureza” parece redundante, e é preciso um pouco de esforço para compreender que o autor quis dizer que o “Brasil é um bom país para se viver, em virtude dos seus recursos naturais”. Na sequência, o candidato apresenta dados que não se relacionam entre si, como a falta de investimento na educação e a taxa de natalidade ser maior que a da mortalidade, o que demonstra falta de coerência entre os argumentos apresentados.

Percebemos também a falta de leitura eficiente do candidato quanto aos textos da coletânea, pois um dos objetivos da proposta era o de usar os dados apresentados como argumentos para o ponto de vista do autor. Portanto, concordamos com a banca quanto à anulação, conforme cita o ponto “2. O candidato terá sua redação anulada (zero) se não cumprir nem a Pt nem o G”. E assim, por falta de todos os elementos

comentado anteriormente, ele não atinge o propósito comunicativo para essa produção textual.

4.1.2.2 Proposta da prova de 2020

A prova de redação da Unicamp de 2020, que consta no Anexo 2, apresentou duas propostas para que os candidatos escolhessem uma delas. A primeira delas era escrever um *podcast*, e por se tratar de um gênero digital, é o que nos interessa neste trabalho. A segunda proposta, apenas a título de conhecimento, referia-se a um gênero bastante tradicional, a crônica.

O enunciado da proposta apresentava o contexto em que o gênero solicitado deveria ser produzido.

Figura 3 - Enunciado da proposta de 2020

REDAÇÃO	PROPOSTA 1
<p>Você trabalha como colunista em uma revista eletrônica brasileira, bastante acessada por ambientalistas de diferentes países. Esse público demanda, constantemente, matérias sobre a <i>biodiversidade</i> e sobre o <i>caráter multiétnico e multicultural</i> do Brasil. O editor da revista encomendou a você um <i>podcast</i> que aborde a inter-relação entre esses dois temas e sua importância para a sustentabilidade.</p> <p>Para se preparar para o seu <i>podcast</i>, você escreve o texto que lerá no dia da gravação. Nele você deve: a) relacionar biodiversidade e sociodiversidade, b) tratar da importância da preservação do patrimônio cultural e ambiental para o crescimento sustentável do Brasil e c) argumentar de modo a convencer seus ouvintes.</p>	

Fonte: https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/09/prova_comentada_redacao_2020.pdf

O tema sugerido para nortear a produção do *podcast* faz parte do repertório contemporâneo. O candidato deveria elaborar um texto convencendo os ouvintes do *podcast* sobre a importância da relação entre biodiversidade e sociodiversidade para o crescimento sustentável do Brasil. Assim, observamos que se trata de um texto argumentativo. Além disso, os estudantes precisavam se apropriar da coletânea de textos, que traziam informações pertinentes sobre o assunto. Ressaltamos novamente que tais informações não deveriam ser meramente copiadas na redação e que tal feito resultaria na anulação da redação.

No enunciado da proposta, foi apresentado brevemente a que se refere o gênero *podcast*:

Figura 4 - Explicação de podcast da prova de redação da Unicamp 2020

Podcasts são arquivos digitais de áudio publicados na internet e que podem ser ouvidos, até mesmo em celulares, a qualquer momento, por qualquer pessoa. São considerados “textos para ouvir”.

Fonte: https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/09/prova_comentada_redacao_2020.pdf

Consideramos que dificilmente os candidatos não soubessem do que se trata, por ser um gênero atual e que faz parte do cotidiano, porém a descrição do gênero poderia auxiliar minimamente na produção, já que ela não apresentou as características estruturais desse formato de texto.

Para as análises com base na prova do ano de 2020, apresentamos primeiramente as três redações comentadas no documento oficial da Comvest publicado pela Unicamp e disponibilizadas na internet¹⁴ e, nos Anexos¹⁵, mais catorze redações que compõem o “livrinho de redação”¹⁶ publicado pela Editora da Unicamp.

A primeira redação da prova de 2020 a ser analisada é a que foi considerada acima da média pela banca examinadora e também comentada no *site* da Comvest.

Redação acima da média | 2020

Bom dia, queridos ouvintes! Estamos aqui em mais um podcast, trazendo informação e reflexão para você. O tema de hoje é a importância das comunidades tradicionais brasileiras para a preservação da nossa biodiversidade. Em primeiro lugar, você sabe o que é erosão genética? Esse conceito relaciona-se à perda do patrimônio genético, que tem sido ocasionada pela eliminação de espécies. Imagine que uma área de vegetação nativa passe a abrigar plantações de soja. Toda a biodiversidade presente ali é perdida, juntamente com os genes desses seres vivos, que poderiam originar cosméticos, alimentos, medicamentos e outros produtos biotecnológicos. Infelizmente, as 200 mil espécies descritas nos biomas brasileiros, além daquelas ainda desconhecidas, estão ameaçadas pelo avanço da monocultura, da mineração e da atividade madeireira. Nesse contexto, as populações indígenas e comunidades locais, como caiçaras, quilombolas e seringueiros, mantêm uma relação não apenas

¹⁴ Disponível em: https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/09/prova_comentada_redacao_2020.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

¹⁵ As redações apresentadas nos Anexos foram analisadas de forma resumida no Quadro 3, da página 105.

¹⁶ Nos Anexos, foram apresentadas catorze redações que constam em *Vestibular Unicamp: Redações 2020*, que é chamado também de “livrinho de redação”, uma publicação feita pela própria Comvest com trinta redações selecionadas (quinze de cada proposta feita na prova) pela Comissão entre aquelas que ficaram com a nota acima da média. A primeira redação dessas quinze apareceu anteriormente nesta pesquisa junto do comentário da banca, sob o título *Redação acima da média | 2020*.

econômica com a terra, mas também simbólica. Portanto, a luta pela preservação dos biomas faz parte de sua cultura.

Em relação a isso, a ONU tem mostrado que a preservação da natureza é maior onde vivem os povos indígenas, devido ao profundo conhecimento que eles detêm sobre a dinâmica ambiental. Antes de todos, eles identificam uma área exaurida e passam a não explorá-la, permitindo sua recuperação. No entanto, a permanência deles está ameaçada. Lembremos o atual desmonte financeiro da Funai. Além disso, a contaminação por mercúrio tem inviabilizado a sobrevivência dos indígenas e, conseqüentemente, da floresta. Ao ouvir floresta, aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo? Porém, o Cerrado brasileiro está em maior risco de extinção. Aquelas árvores retorcidas são responsáveis pela manutenção de nove importantes bacias hidrográficas brasileiras e pela estabilidade do clima do Centro-Sul. Isso significa que o fim do Cerrado deixará a região mais populosa do país sem água. A razão do desmatamento do Cerrado é a expansão da soja, commodity com alto valor no mercado. Porém, a que custo socioambiental?

Desse modo, vimos que precisamos de políticas para proteger as comunidades tradicionais e preservar a nossa biodiversidade. Isso não significa deixar de plantar soja, mas utilizar a tecnologia para aumentar a produção, de modo que não seja necessário desmatar novas áreas. Além disso, devemos priorizar atividades que conciliam economia e manutenção da biodiversidade, como a coleta de castanhas e frutas. Tais atividades podem ainda contribuir para a valorização dos atores sociais locais, com fortalecimento de sua etnia e cultura. Por exemplo, o comércio de pequi e de açaí é bastante lucrativo. E, com certeza, estudos sobre a diversidade revelariam mais itens com potencial econômico e biotecnológico. Portanto, destruir biomas e comunidades tradicionais não pode ser uma opção. Pense a respeito. Até nosso próximo podcast, pessoal.

Comentários da banca avaliadora:

Nesta redação, o candidato, já no primeiro parágrafo, opta por marcar a interlocução com seus ouvintes em um tom de conversa, o que é autorizado pelo *podcast*. Em seguida, anuncia o tema de que vai tratar no *podcast* do dia (“a importância das comunidades tradicionais brasileiras para a preservação da nossa biodiversidade”), deixando claro que entendeu parte da discussão central proposta pelo tema (Pt): *a inter-relação da biodiversidade e sociodiversidade para a preservação ambiental*. Na sua estratégia argumentativa, o candidato lança uma pergunta retórica para os seus ouvintes (“você sabe o que é erosão genética?”) a fim de respondê-la, didaticamente, no mesmo parágrafo, a partir de informações disponibilizadas nos excertos da coletânea. Explica que a “erosão genética” se refere à “perda de patrimônio genético, que tem sido ocasionada pela eliminação das espécies” e exemplifica o desastre ambiental sugerindo a imagem de “uma área de vegetação nativa” que é devastada para “abrigar plantações de soja” (excertos 2 e 3). Adverte que “toda a biodiversidade presente ali é perdida, juntamente com os genes desses seres vivos”, e é desse modo que “as 200 mil espécies descritas nos biomas brasileiros, além daquelas ainda desconhecidas, estão ameaçadas pelo avanço da monocultura, da mineração e da atividade madeireira” (excertos 1 e 4). Por fim, o candidato demonstra que entendeu plenamente a Proposta temática (Pt) ao concluir que a perda dessa biodiversidade impede o desenvolvimento de “cosméticos, alimentos, medicamentos e outros produtos

biotecnológicos”, ou seja, impede um *crescimento sustentável*, e que “as populações indígenas e comunidades locais (como caiçaras, quilombolas e seringueiros) mantêm uma relação não apenas econômica com a terra, mas também simbólica. Portanto, a luta pela preservação dos biomas faz parte de sua cultura” (excertos 1 e 4). O candidato termina seu primeiro parágrafo retomando a ideia inicial que relaciona sociodiversidade e biodiversidade, mas agora completa seu argumento: essa inter-relação é importante não apenas para a preservação ambiental, como também para a *preservação cultural*.

O segundo parágrafo dá continuidade a essa preocupação com os povos indígenas, não apenas em nível nacional (é preciso ficar atento ao perigo que representa o “desmonte financeiro da Funai”), como em nível mundial, já que a ONU, em seu relatório, reconhece que a necessidade de “preservação da natureza é maior onde vivem os povos indígenas, devido ao profundo conhecimento que eles detêm sobre a dinâmica ambiental. Antes de todos, eles identificam uma área exaurida e deixam de explorá-la, permitindo sua recuperação. No entanto, a permanência deles está ameaçada” (excerto 4). O diálogo com os ouvintes do *podcast* não é esquecido, então, ao acusar o mercúrio de inviabilizar a sobrevivência dos indígenas e, conseqüentemente, da floresta, o candidato lança mais uma pergunta retórica (“Ao ouvir floresta, aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo?”). A pergunta serve, novamente, como estratégia argumentativa para desviar os holofotes da Amazônia para o Cerrado (“Porém, o Cerrado brasileiro está em maior risco de extinção”): leitura importante, nuclear nesta proposta de redação, e que é realizada de maneira proveitosa pelo candidato, quando, por exemplo, mobiliza o excerto 3 para argumentar que “Aqueles árvores retorcidas são responsáveis pela manutenção de nove importantes bacias hidrográficas brasileiras e pela estabilidade do clima do Centro-Sul. Isso significa que o fim do Cerrado deixará a região mais populosa do país sem água” e que “A razão do desmatamento do Cerrado é a expansão da soja, commodity com alto valor no mercado”. O candidato aponta aqui as conseqüências da destruição do Cerrado para o ecossistema e critica a lógica capitalista do mercado, que investe na expansão do agronegócio, mais especificamente, da soja (excerto 2), “porém, a que custo ambiental?” – questiona, em mais uma artimanha retórica de seu *projeto de texto*.

O terceiro e último parágrafo ratifica a tese desenhada pelo candidato desde o início e sustentada pelos seus argumentos ao longo do seu texto: a urgência de se cuidar da relação *sociodiversidade-biodiversidade* (“precisamos de políticas para proteger as comunidades tradicionais e preservar a nossa biodiversidade” e “destruir biomas e comunidades tradicionais não pode ser uma opção”) e a defesa de um *crescimento sustentável* (“Isso não significa deixar de plantar soja, mas utilizar a tecnologia para aumentar a produção, de modo que não seja necessário desmatar novas áreas”). O desenvolvimento sustentável é, portanto, a saída proposta pelo candidato, que sugere “priorizar atividades que conciliam economia e manutenção da biodiversidade, como a coleta de castanhas e frutas” – nesse sentido, “o comércio de pequi e de açaí é bastante lucrativo” (excerto 2) – para concluir que “Tais atividades podem ainda contribuir para a valorização dos atores sociais locais, com fortalecimento de sua etnia e cultura. (...) E, com certeza, estudos sobre a diversidade revelariam mais itens com potencial econômico e biotecnológico”. Em seguida, o candidato encerra seu *podcast* solicitando a reflexão dos ouvintes a respeito e se despede.

Nota-se que em nenhum momento de seu texto o candidato perdeu de vista a Proposta temática (Pt): relacionou biodiversidade e sociodiversidade, destacou a importância da preservação ambiental e cultural, e defendeu o crescimento sustentável. Soube, com maestria, mobilizar todos os excertos da coletânea para usá-los em prol de seu *projeto de texto*. Para tanto, não obedeceu à ordem sequencial dos excertos, tampouco “copiou e colou” partes da coletânea sem se preocupar com a progressão temática e com a força argumentativa de sua redação. Ao contrário, o candidato se apropriou dos excertos, isto é, valeu-se das informações ali disponíveis para construir seus argumentos, sabendo aproveitar até mesmo os versos do poema de Nicolas Behr, ignorado por muitos. Trouxe ainda argumentos “de fora”, de sua leitura de mundo (“conceito de erosão genética”, “a contaminação de mercúrio na floresta Amazônica”, “o desmonte da Funai”, “a soja como commodity de alto valor no mercado”), *inferências* produtivas para seu *projeto de texto* e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da sua redação. Não se trata de avaliar a *quantidade*, mas sim a *qualidade* da Leitura dos textos (Lt) da prova, e para além da prova, realizada pelo candidato. Uma leitura crítica da Proposta temática (Pt) e da coletânea, portanto.

Vale ressaltar também o bom domínio de *texto argumentativo* por parte do candidato, que soube explorar o Gênero (G) e sua circulação em um *podcast*. Primeiramente, é possível perceber sua estratégia quando marca formalmente a interlocução em todos os parágrafos a fim de manter uma conversa sobre o tema com seu suposto público. O candidato, entretanto, extrapola a marca meramente formal quando lança perguntas aos seus ouvintes (“Em primeiro lugar, você sabe o que é erosão genética?”, “Ao ouvir floresta, aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo?” e “Porém, a que custo socioambiental?”) e quando se despede do público apelando para uma reflexão acerca do que foi dito (“Pense a respeito”). As perguntas retóricas são bastante persuasivas em se tratando de um texto argumentativo e aqui funcionaram bem; o mesmo acontece com a solicitação final, uma vez que o *podcast* tem continuidade, como indica o candidato: “Até nosso próximo *podcast*, pessoal”.

Em relação às Convenções da escrita e Coesão (CeC), destacam-se nesta redação, as escolhas lexicais e sintáticas do candidato notadamente produtivas, tais como: “abrigar plantações de soja”, “produtos biotecnológicos”, “avanço da monocultura, da mineração e da atividade madeireira”, “as populações indígenas e comunidades locais (...) mantêm uma relação (...) simbólica”, “Lembremos o atual desmonte financeiro da Funai”, “a contaminação por mercúrio tem inviabilizado a sobrevivência dos indígenas”, “commodity com alto valor no mercado”, “custo socioambiental”, “valorização dos atores sociais locais”. São igualmente produtivos os recursos coesivos (anafóricos e catafóricos) usados pelo candidato, que garantem não apenas a tessitura do texto (“Em primeiro lugar”, “Nesse contexto”, “mas também”, “Portanto”, “Em relação a isso”, “Além disso”, “No entanto”, “Porém”, “Isso significa”, “Desse modo”, “Tais atividades”, entre outros), como também contribuem para a clareza e fluência da leitura da redação.

Podemos observar pelo comentário da banca que a expectativa era a de que o candidato de fato incorporasse o personagem participando de um *podcast*, criando assim sua “máscara discursiva”. A banca indica como ponto assertivo a marcação da interação com o “ouvinte” do *podcast*: “[...] já no primeiro parágrafo, opta por marcar a interlocução com seus ouvintes em um tom de conversa, o que é autorizado pelo *podcast*”. Dessa forma, o candidato atinge pontos, de acordo com a grade analítica, ao marcar a interlocução solicitada.

Na sequência, o candidato expõe o tema a ser debatido, que diz respeito ao que foi solicitado na proposta, e se apresenta com o propósito comunicativo de trazer informações e reflexões sobre o assunto. As referências utilizadas pelo candidato mostram a compreensão de leitura dos textos motivadores. Podemos identificar também o tom de conversa no texto, aproximando-se do público-alvo do *podcast* a partir de enunciados interrogativos, que não esperam necessariamente respostas, como nos seguintes trechos: “Em primeiro lugar, você sabe o que é erosão genética?” e “Ao ouvir floresta, aposto que você se lastima pelo desmatamento da Amazônia, não é mesmo?”. Assim, a construção composicional prevista como ponto a ser atingido na grade da Comvest, também é contemplado, ao apresentar uma progressão textual, seguindo os elementos do gênero, ou seja, podemos identificar a introdução, com uma saudação e apresentação do tema, na sequência são apresentados conceitos pertinentes ao tema, como o que é erosão genética e a relação com a perda da biodiversidade – não deixando “os ouvintes” sem entender sobre do que se trata.

Além desses elementos, a banca prioriza que as argumentações sejam bem embasadas e coerentes, conectando as informações. Assim, entendemos que a organização escrita para ser bem avaliada pela Comvest precisa “fazer sentido” numa trama que é enredada com frases, seguindo, conforme Swales (1990) indica, os macropadrões de discurso (problema-solução). No texto produzido, o autor traz a reflexão sobre a importância das comunidades tradicionais brasileiras na preservação da biodiversidade e busca engajar os ouvintes, levando-os a considerar a necessidade de proteger os biomas e promover atividades econômicas sustentáveis que valorizem as comunidades locais – tal ponto é reforçado, no comentário da banca, como importante. No fim, a intenção de criar uma conexão com os ouvintes, estimulando-os a acompanhar os próximos episódios do *podcast*.

Sabemos que esse gênero é oral, utilizado em um suporte digital, entretanto ele necessita de um roteiro, da elaboração de um projeto de texto, que atenda aos requisitos de coesão e coerência para que o “ouvinte”/leitor compreenda a mensagem. Porém, precisamos ressaltar que a elaboração de um roteiro para um *podcast* no dia a dia não prevê um texto corrido como o apresentado na prova. Em geral, essa elaboração acontece em tópicos, em que o narrador acaba tomando por base, mas há muita improvisação, por se tratar de um gênero oral, como aponta Marcuschi (2010), a língua escrita acaba por ser “monologada” e a língua oral “dialogada”.

Levando em conta os propósitos comunicativos da prova de vestibular, podemos concordar que o candidato tenha atingido seu objetivo, apresentando um texto conforme a solicitação do enunciando, com determinadas características do gênero *podcast*, mas também com construções argumentativas que já são esperadas em provas como essa. Os movimentos retóricos do texto podem identificar de forma sutil o uso em um contexto real, sendo assim o gênero solicitado acaba por mascarar a situação.

Redação mediana | 2020

No podcast dessa semana, a Eco Life traz à tona a importância da associação entre biodiversidade e sociodiversidade dentro do território brasileiro. Sabemos que nosso país apresenta uma riqueza biológica na qual ganha destaque internacional. Por isso que nossos amigos franceses, alemães, americanos, ou seja, todos, querem proteger a Amazônia, não é mesmo? Porém, não é somente a Amazônia que merece atenção como um todo, e sim o que as influências acerca da exploração sobre grupos sociais e sobre espécies nativas nos trazem para a manutenção de certo equilíbrio socioambiental. Assim, o podcast dessa semana abordará justamente essa inter-relação. Em primeiro lugar, é necessário frisar a crescente violência com a qual minorias étnicas vêm sofrendo no Brasil. O elevado número de índios mortos no ano de 2019 evidencia o caminho contrário que nosso país está tomando no que se refere à preservação do patrimônio cultural. Não é só aquilo que está morto que deve se proteger, mas também o que se encontra nas pequenas comunidades espalhadas por todo o país, que mantêm um equilíbrio com a natureza. Nesse aspecto, a extinção dessas comunidades abre margem à exploração predatória, ou seja, indústrias e interesses se estabelecem no local e, com isso, toda a riqueza ali presente está automaticamente ameaçada, como se observa no Cerrado, assunto do próximo tópico. A destruição do Cerrado é um dos eventos mais tristes da realidade brasileira. Isso porque o senso comum vê nessa região um ambiente propício para a exploração, só que a predominância de galhos retorcidos passa a ideia de que tal ambiente é homogêneo. No entanto, nossos ambientalistas ouvintes dizem o contrário: o Cerrado é extremamente rico em biodiversidade, sendo considerado um hotspot ecológico. Assim, o avanço do agronegócio nessa região ameaça não somente os pequenos proprietários, como também ameaça esse patrimônio

cultural que é o Cerrado. Com isso, é importante que todos reflitam sobre as queimadas que vêm sendo noticiadas ao redor do mundo. Esse tipo de desmatamento é o que mais prejudica a biodiversidade local, como vem sendo constatado no Cerrado brasileiro e na Austrália. Isso comprova que não somos os únicos a enfrentarem esse problema, mas temos o fator dificultante que é a ameaça constante às diversidades sociais. Portanto, preservar a sociodiversidade é manter a harmonia com os ecossistemas, mantendo nossa rica biodiversidade. Fica tal reflexão, caros ouvintes. Encerra-se, assim, mais um podcast.

Comentários da banca avaliadora

Logo no início da redação, o candidato contextualiza seu *podcast* semanal – batizado criativamente de “Eco Life”, por meio do qual vai falar da “importância da biodiversidade e sociodiversidade dentro do território brasileiro”. No entanto, diferentemente do texto anterior, opta por não explicitar nessa introdução a interlocução com seus ouvintes, o que não configura um problema, apenas um estilo. Nesse primeiro parágrafo, o candidato destaca que “nosso país apresenta uma riqueza biológica na qual ganha destaque internacional” e faz questão de frisar os países interessados na proteção da Amazônia (“amigos franceses, alemães, americanos”) para, em seguida, advertir que não “é somente a Amazônia que merece atenção como um todo”, mas que a “as influências acerca da exploração sobre grupos sociais e sobre espécies nativas nos trazem para a manutenção de certo equilíbrio socioambiental” e é “justamente essa inter-relação” de que vai tratar em seu *podcast*. Apesar de as escolhas coesivas atrapalharem um pouco a clareza de seu primeiro parágrafo, nota-se que o candidato está, desde então, respondendo a parte da Proposta temática (Pt) quando, por exemplo, inter-relaciona biodiversidade e sociodiversidade: destaca a riqueza da primeira (excerto 1) e critica a exploração da segunda alertando para a importância de se manter um equilíbrio entre ambas. O segundo parágrafo avança nessa crítica quando o candidato denuncia a “violência com a qual minorias étnicas vêm sofrendo no Brasil”, como é o caso do “elevado número de índios mortos no ano de 2019”, e argumenta que esse caminho que o Brasil está tomando é contrário ao da preservação cultural. Na tentativa de explicar a importância dessas “pequenas comunidades espalhadas por todo o país” para manter um “equilíbrio com a natureza” (excerto 4), o candidato acaba enunciando algo que soa estranho: “não é só aquilo que está morto que deve se proteger”; mas, em seguida, recupera a ideia e completa seu argumento, que nós, leitores-avaliadores, com certo esforço, entendemos: “a extinção dessas comunidades abre margem à exploração predatória”, ou seja, abre espaço para as “indústrias” de “interesses” escusos que “se estabelecem no local” onde vivem essas comunidades “e, com isso, toda a riqueza ali presente” é “automaticamente ameaçada, como se observa no Cerrado” (excertos 2 e 3). O final do segundo parágrafo é o tópico do terceiro, conforme anuncia o candidato, que o inicia afirmando que “A destruição do Cerrado é um dos eventos mais tristes da realidade brasileira”. Para dar sequência ao argumento, explica que “o senso comum vê nessa região um ambiente propício para a exploração, só que a predominância de galhos retorcidos passa a ideia de que tal ambiente é homogêneo”. Aqui, as escolhas lexicais (“homogêneo”) e coesivas (“só que”) do período não ajudam o leitor-avaliador a entendê-lo, mas o restante do parágrafo cumpre com essa tarefa: “o Cerrado é extremamente rico em biodiversidade, sendo considerado um hotspot ecológico”; logo, “homogêneo”

foi usado como oposto de “diversidade”, tendo em vista que o Cerrado é rico nesse aspecto, por isso, “um hotspot ecológico”. Com relação ao “ambiente propício para a exploração” entendemos no final do parágrafo que o candidato se refere ao “avanço do agronegócio nessa região”, o qual “ameaça não somente os pequenos proprietários, como também ameaça esse patrimônio cultural que é o Cerrado” (excertos 2 e 3). Vale ratificar que a clareza do texto até aqui, sobretudo nesse terceiro parágrafo, deve-se a um esforço na leitura, pois, como já dito, algumas escolhas lexicais e sintáticas do candidato na elaboração desse período foram infelizes, e tais problemas de Convenções da escrita e Coesão (CeC) acabam, de certa forma, enfraquecendo a argumentação, como dizer “o senso comum vê nessa região”, ou ainda, “só que a predominância de galhos retorcidos passa a ideia de que tal ambiente é homogêneo”. Quem/o que seria “o senso comum”? O agronegócio? Por que a “predominância de galhos retorcidos” implica necessariamente um “ambiente homogêneo”? Essa relação dos “galhos retorcidos” com a “homogeneidade” da natureza do Cerrado parece não fazer muito sentido. Contudo, se, por um lado, essa falta de articulação coesiva no texto prejudica a clareza dos argumentos, por outro, não há dúvidas de que o candidato leu os excertos da coletânea (Lt) para a construção desses, principalmente o 3 e o 4, embora os excertos 1 e 2 também estejam presentes na sua redação. Essa leitura dos textos da prova (Lt) foi avaliada como mediana, pois demonstra que ele compreendeu globalmente o tema proposto e soube aproveitar os excertos da coletânea em função do seu projeto de texto; porém, diferentemente da redação anterior, não há no segundo texto inferência(s) que permita(m) considerá-lo acima da média. A referência ao “hotspot ecológico” é bem-vinda, mas é uma contribuição muito pontual, assim como a das queimadas na Austrália no parágrafo seguinte; não caracterizam, portanto, uma leitura inferencial.

No último parágrafo, o candidato chama a atenção do Brasil para o desmatamento no Cerrado, e do mundo para as queimadas na Austrália; além disso, solicita a reflexão de seus ouvintes – interlocutores que são evocados apenas nesse final – para o que “prejudica a biodiversidade local”, explicando que esse prejuízo conta com um “fator dificultante que é a ameaça constante às diversidades sociais”. Desse modo, conclui seu texto atendendo, em parte, à Proposta temática (Pt) ao afirmar que “preservar a sociodiversidade é manter a harmonia com os ecossistemas, mantendo nossa rica diversidade”, mas não avança no sentido de apontar a importância dessa preservação socioambiental para o crescimento sustentável do Brasil – uma das exigências que foi ignorada pelo candidato em sua redação. Em suma, nessa redação o candidato cumpre parcialmente a Proposta temática (Pt), lê medianamente os textos da prova (Lt) e desenvolve o gênero textual argumentativo (G) configurando-o de acordo com seu projeto de texto. A simples referência ao *podcast* nos primeiro e último parágrafos e o breve apelo aos ouvintes no final não garantem uma avaliação diferenciada do critério Gênero (G). Os problemas de Convenções da escrita e Coesão (CeC) também comprometem pontualmente a compreensão do seu texto, por isso a sua avaliação é mediana.

Nessa produção textual, avaliada pela banca como mediana, podemos perceber que, apesar de o candidato atender, de certa forma, ao critério de Gênero (G), aplicando alguns elementos linguísticos que remetem ao *podcast*, como a

interlocução com o ouvinte (“Fica tal reflexão, caros ouvintes”) e a própria citação a ele “Encerra-se, assim, mais um podcast.”, o candidato peca na organização textual e na argumentação. Ou seja, pela grade analítica, a situação de produção e a interlocução são reconhecidas no texto, mas a construção composicional e a argumentação – pontos importantes para o desenvolvimento desse texto – não são bem respaldadas. Sabemos que em um contexto real, não necessariamente é preciso argumentar de forma coerente quando se participa de um *podcast*. Entretanto, para a situação de prova de vestibular, podemos observar que esse é um dos pontos principais a serem avaliados.

A banca comenta sobre a falta de coesão entre os enunciados e o uso de termos que não contribuem para o sentido do texto: “algumas escolhas lexicais e sintáticas do candidato na elaboração desse período foram infelizes, e tais problemas de Convenções da escrita e Coesão (CeC) acabam, de certa forma, enfraquecendo a argumentação.” O autor da redação mistura alguns conceitos e ideias retirados dos textos da coletânea, e isso dificulta a compreensão do leitor. Além disso, percebemos mudanças repentinas dos tópicos citados: relação entre biodiversidade e sociodiversidade, logo em seguida a citação sobre a violência contra as minorias étnicas e, por fim, a destruição do Cerrado e o comentário sobre as queimadas. Dessa forma, a banca avalia que faltaram elementos linguísticos que mantivessem a consonância textual – e ressaltamos que esses pontos são importantes para um gênero escrito.

A banca também considera que o candidato não fez uma leitura eficiente dos textos da coletânea, apresentando generalizações simplistas, como quando cita que “todos os estrangeiros” têm interesse em proteger a Amazônia, isso acarreta em uma construção enfraquecida dos argumentos. Assim, o candidato não utiliza os dados e as fontes disponibilizados nos textos da coletânea de forma a contribuir para elaboração de argumentos consistentes e que transmitam credibilidade.

Dessa forma, podemos observar que, mesmo que alguns elementos estruturais do gênero tenham sido minimamente contemplados, as escolhas linguísticas para a construção do texto não foram coerentes e plausíveis, o que prejudica a identificação do propósito comunicativo do texto em contexto de vestibular.

Por fim, ressaltamos o fato de a banca não ter tecido comentário sobre os erros gramaticais, a falta de concordância e o uso inadequado da pontuação em alguns

trechos, o que entendemos que podem ser pontos avaliados, mas que não são priorizados na avaliação feita pela comissão. Contudo, para avaliar a qualidade de um *podcast*, consideramos que seria necessário aplicá-lo num contexto real, em que fosse possível realizar a gravação.

Redação anulada | 2020

O Brasil é um dos países mais diversificados do mundo. Contando com um número de espécies que pode chegar a mais de 1 milhão e 800 mil, sendo que apenas 200 mil delas são registradas, e mais de 305 etnias indígenas e inúmeras comunidades tradicionais e locais. Isso tudo ajuda a ter um sistema de acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais, além de seu papel no desenvolvimento de novos produtos. Apesar da enorme importância da diversidade na sociedade, ela está diminuindo cada vez mais, seja pela extinção de espécies (uma a cada oito está ameaçada) ou pelo desmatamento (o cerrado tem cerca de metade do seu tamanho original). Usando o exemplo do cerrado, ele é o mais importante sistema de captação e reserva de água do Brasil. Para a Amazônia, e tem nove das principais bacias hidrográficas do país. Se o desmatamento continuar nesse ritmo pode-se acontecer a maior extinção de plantas já registrada no mundo. A expansão da agricultura, a urbanização, a mineração e a construção de novas infraestruturas são as principais ameaças ao ecossistema. Nota-se também que essas destruições são mais lentas em terras onde vivem os povos indígenas, já que eles têm uma percepção muito antecipada das mudanças ambientais, provando que é possível viver sem desmatar mais. Como diz o poema "O cerrado é milagre" de Nicolas Behr, "[...] daqui a cem anos estaremos todos mortos, / disse alguém. / certo. estaremos todos mortos / mas nossos netos, não [...]".

Legenda:

	Excerto 1
	Excerto 2
	Excerto 3
	Excerto 4

Comentários da banca

Essa redação foi anulada por um motivo descrito em nossa grade analítica de correção: trata-se de uma redação que copia os textos da prova, mais especificamente, copia os excertos da coletânea, como é possível constatar a partir da legenda acima, que associa as cores aos respectivos excertos copiados. Diferentemente de outros processos seletivos, não contamos número de linhas ou de palavras, calculando matematicamente o que foi ou não literalmente copiado da prova de redação. Como já dito aqui na análise da redação acima da média, não avaliamos a quantidade e sim a qualidade da leitura que o candidato faz da coletânea de textos da prova e dos argumentos que seleciona para a elaboração do seu texto. O mesmo vale para a análise desta redação, que foi anulada por ter sido

escrita a partir apenas de cópias mal-ajambradas dos excertos da coletânea. A primeira afirmação do texto (“O Brasil é um dos países mais diversificados do mundo”) é tão ampla que não é possível sequer dizer que o candidato se refere ao tema da prova. “Diversificado” em quê? Provavelmente, em número de espécies e etnias, já que essa é a informação que vem em seguida, quando o candidato “copia e cola” os dados do excerto 1, sem articulá-los de maneira lógica: “número de espécies que pode chegar a mais de 1 milhão e 800 mil, sendo que apenas 200 mil delas são registradas, mais de 305 etnias indígenas e inúmeras comunidades tradicionais e locais. Isso tudo ajuda a ter um sistema de acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais, além de seu papel no desenvolvimento de novos produtos”. Isso tudo o quê? De que forma “isso” ajudaria a ter acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais? Qual seria o papel mencionado no desenvolvimento de novos produtos e quem o teria? Quais seriam esses novos produtos? Essas são apenas algumas das perguntas que surgem ao ler essa primeira parte do texto que simplesmente justapõe períodos copiados do excerto 1, sem que haja muito sentido. Na sequência, o candidato reconhece a “enorme importância da diversidade na sociedade” e constata que “ela está diminuindo cada vez mais, seja pela extinção de espécies (uma a cada oito está ameaçada) ou pelo desmatamento (o cerrado tem cerca de metade do seu tamanho original)”. O argumento associa causa (extinção de espécies ou desmatamento) e consequência (diminuição da diversidade da sociedade), logo, entendemos que o candidato está no tema da prova procurando estabelecer, a seu modo – e com certa benevolência do leitor-avaliador – uma relação entre biodiversidade e sociodiversidade, uma das tarefas da Proposta temática (Pt). Portanto, o motivo da anulação (conforme consta na grade analítica de correção) não é:

1. abordar outro tema que não o da prova ou 2. não cumprir a Pt nem o G, mas sim: 3. a cópia. Note-se que o argumento de causa e consequência anteriormente mencionado vem acompanhado de trechos copiados do excerto 4 (“uma a cada oito está ameaçada”) e do excerto 3 (“o cerrado tem cerca de metade do seu tamanho original”), o que indica que o trabalho com a coletânea do texto se reduz à cópia. Ao trazer o exemplo do Cerrado para a sua redação, o candidato emenda partes copiadas do excerto 3: “ele é o mais importante sistema de captação e reserva de água do Brasil, Para a Amazônia, e tem nove das principais bacias hidrográficas do país. Se o desmatamento continuar nesse ritmo pode-se acontecer a maior extinção de plantas já registrada no mundo”. E, então, notadamente se atrapalha no ato de “copiar e colar”, escrevendo, no meio do caminho, um “Para Amazônia” entre vírgulas. Ao fim, questionamos: essas informações são da Amazônia ou do Cerrado? Imaginamos ser mesmo do Cerrado, tendo em vista que o candidato copiou, em seguida, um trecho do excerto 4: “A expansão da agricultura, a urbanização, a mineração e a construção de novas infraestruturas são as principais ameaças ao ecossistema. Nota-se também que essas destruições são mais lentas em terras onde vivem os povos indígenas, já que eles têm uma percepção muito antecipada das mudanças ambientais”. Para dar acabamento à “colcha de retalhos” e não faltar cópia de nenhum excerto da coletânea, o poema O cerrado é milagre, de Nicolas Behr (excerto 2), encerra a redação: “[...] daqui a cem anos estaremos todos mortos, / disse alguém. / certo. estaremos todos mortos / mas nossos netos, não [...]”. Indiscutivelmente, o texto do candidato se resume a cópias dos excertos fornecidos pela prova, por isso a redação foi anulada.

O principal motivo pelo qual a redação foi anulada se deve às cópias feitas pelo candidato. Tal critério é ponto incontestável pela banca, que cita em seu edital que isso acarretaria em anulação. A coletânea tem o papel de dar suporte ao autor do texto, para que ele possa a partir dela ativar conhecimentos prévios sobre o assunto e usar essas informações como elementos para embasar seu texto.

Também não é possível definir se o candidato se ateuve ao tema proposto na redação: “A primeira afirmação do texto (“O Brasil é um dos países mais diversificados do mundo”) é tão ampla que não é possível sequer dizer que o candidato se refere ao tema da prova”. Porém, ainda o que prevalece para a anulação é a cópia.

Além desse ponto incontestável para a banca avaliadora, podemos observar que o texto tal como está apresenta características de um texto descritivo e informativo, sem a apresentação de um ponto de vista pessoal por parte do candidato. Há também que se observar que o gênero *podcast* tem como uma de suas características a interação com o ouvinte, o que não é possível perceber nesse texto, não há elementos que indiquem diálogo com o público. O autor não apresenta uma introdução do tema que será discutido no episódio do *podcast*, e por fim não apresenta um resumo para concluir suas ideias. Assim, não encadeamento sequencial para formar enunciados, conforme apontado na teoria de Benveniste (2005), para que resultasse em fazer sentido ao leitor.

Assim, para além das cópias dos trechos da coletânea, a redação tem deficiências quanto à organização das ideias – que não estão coesas –, deficiências de recursos linguísticos – elementos que interliguem os enunciados – e de embasamento das informações apresentadas – já que os trechos foram copiados, sem inferências a outras informações ou aprofundadas a partir do repertório do candidato.

Com isso, entendemos que, caso o candidato tivesse apresentado elementos linguísticos característicos do gênero solicitado, ou até mesmo que seu texto tivesse sido elaborado de forma consistente e coerente, ainda assim a redação seria anulada, conforme podemos verificar no comentário da banca avaliadora: “Portanto, o motivo da anulação (conforme consta na grade analítica de correção) não é: 1. abordar outro tema que não o da prova ou 2. não cumprir a Pt nem o G, mas sim: 3. a cópia.”. A leitura do enunciado frisava essa informação, o que demonstra a falta de interpretação

ou consideração do candidato a esse trecho, sendo também ponto a avaliado pela banca.

4.1.2.3 Proposta da prova de 2022

Nas produções da última proposta a serem analisadas nesta pesquisa, que se refere à prova do ano de 2022 (Anexo 3), foi solicitado um *post*, também muito conhecido por “textão” nas redes sociais. Nessa proposta, a banca esperava que o candidato elaborasse um texto em parte narrativo e em parte argumentativo. Isto é, ele deveria narrar sua trajetória e argumentar sobre a atuação de crianças e adolescentes como influenciadores digitais.

Figura 5 - Enunciado da proposta da prova de 2022

REDAÇÃO	PROPOSTA 1
<p>Você tem 15 anos e tem conta em redes sociais desde os 13 anos. Há seis meses, contudo, seu número de seguidores quintuplicou e alcançou a marca de quase um milhão. Desde que se tornou um/a <i>digital influencer</i>, vários parentes e amigos passaram a alertar seus pais sobre os perigos de sua superexposição na internet, enfatizando a importância de eles (seus responsáveis legais) acompanharem todas as postagens e todos os comentários recebidos nas suas redes. Seus pais foram até mesmo aconselhados por alguns amigos a fecharem as contas que você mantinha, sob a alegação de que a atividade poderia configurar um tipo de trabalho infantil (isto é, uma atividade que envolve crianças com idade inferior a 16 anos). Outros não viram problema com a sua fama e até perguntaram se seus pais já tinham se informado sobre como “monetizar” os seus perfis.</p> <p>Após refletir sobre essas opiniões divergentes, você decide escrever, em um de seus perfis, um extenso <i>post</i> (“textão”) a respeito. No seu texto, você a) narra a sua trajetória até se tornar <i>digital influencer</i> e b) relata suas impressões acerca dessa experiência, assumindo um posicionamento sobre o fato de crianças e adolescentes atuarem como <i>digital influencers</i>.</p>	

Fonte: <https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2022/01/2022F2redporingcorrecao.pdf>

O *corpus* de análise da proposta de 2022 contempla apenas as quinze redações presentes no “livrinho de redação” da Unicamp, pois não se encontra disponível na internet as três redações comentadas pela banca. Assim, apresentamos para conhecimento o texto da expectativa da banca (2022, p. 51-57), para que a partir dele possamos analisar os elementos linguísticos esperados para as produções da prova do ano citado e, na sequência, selecionamos três redações que compõem o “livrinho” para serem analisadas – as demais redações presentes no “livrinho” contam nos Anexos.

Expectativa da banca

Na primeira proposta, os candidatos devem assumir a máscara discursiva de um/a *digital influencer* adolescente, de 15 anos, que se tornou famoso/a e que, de alguma forma, se sente incomodado/a com comentários e perguntas feitas por parentes e amigos a seus pais sobre seu sucesso na internet, por isso resolve escrever um *post* (“textão”) em um de seus perfis de rede social. Nesse *post*, o então *digital influencer* deve redigir um texto em parte **narrativo**, em parte **argumentativo**, no qual narra sua trajetória de atuação em mídias sociais até se tornar um *digital influencer*, relata suas impressões acerca dessa experiência (sejam aspectos positivos e/ou negativos) para, por fim, posicionar-se sobre a atuação de crianças e adolescentes como *digital influencers*.

Para escrever o seu *post*, os candidatos devem ler criticamente os textos disponíveis na coletânea da prova em favor de seu projeto de texto. O primeiro é um texto retirado de uma reportagem publicada no site do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), que apresenta uma definição do termo *cyberbullying*: um dos perigos a que estão suscetíveis crianças e adolescentes expostos à internet. A leitura desse verbete pode sugerir aos candidatos a inclusão desse tema tanto na narrativa de sua trajetória (contando se já sofreu esse tipo de agressão, por exemplo), quanto em sua argumentação ao se posicionar sobre a atuação de crianças e adolescentes como *digital influencers* (apontando os perigos do *cyberbullying* a que estão expostos os menores de idades em mídias sociais), ou ainda, ao discorrer sobre as formas de prevenção a serem adotadas pelos pais para evitar esse tipo de violência nas redes.

O segundo texto defende a importância do papel das famílias e escolas no acompanhamento de crianças e adolescentes nas redes sociais. A reportagem, assinada por Mariana Mandelli, publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, faz uma distinção entre proibição e controle no uso das mídias sociais, manifestando-se favorável ao diálogo dos pais com os menores de idade no intuito de ajudá-los a criar uma relação saudável e segura com essas mídias. Ao estabelecer essa distinção e constatar a inevitável presença do “universo digital” na cultura das crianças e adolescentes de hoje, o texto fornece bons argumentos para a defesa da superexposição do público *teen* na internet. Por outro lado, a reportagem também pode ser aproveitada para sustentar um posicionamento contrário, já que alerta sobre a fragilidade dos nativos digitais diante do inúmeros riscos e perigos ocultos nas redes sociais. É possível ainda, os candidatos se valerem, em sua narrativa, da existência ou não do controle dos seus familiares e/ou da sua escola, da presença ou ausência de diálogo com seus pais e/ou professores, por exemplo, ao relatarem seu percurso até se tornarem um *digital influencer*, destacando, assim suas impressões acerca dessa experiência (que pode ter sido positiva, ou mesmo traumática).

O terceiro texto vem acompanhado da fotografia de uma *digital influencer* de 13 anos (na época do registro, em 2018). Nele, os candidatos conhecerão um pouco a trajetória dessa adolescente, reconhecida como a primeira YouTuber surda oralizada no Brasil. A. C. se tornou celebridade nas redes sociais por compartilhar seu cotidiano com outras crianças e adolescentes, postando desafios, vídeos de brinquedos e *vlogs* em seu canal (“Vida de Amy”), que conta com milhares de inscritos e milhões de visualizações. Trata-se de um exemplo que pode inspirar os candidatos na construção do/a narrador/a-personagem *digital influencer*, bem como propiciar argumentos para discussões em torno da ética implicada na superexposição de crianças e adolescentes na internet, no trabalho infantil, na “monetização” de seus perfis etc.

Por fim, o quarto texto caracteriza como trabalho infantil a atuação de crianças e adolescentes no YouTube. No texto, extraído da matéria originalmente publicada no site do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI), Cristina Sena apresenta duas situações em que os youtubers mirins prestam serviços apropriados economicamente por terceiro: quando fazem propaganda de determinados produtos em seus canais ou quando são inseridos anúncios publicitários em seus vídeos. De acordo com o texto, a publicidade infanto-juvenil é considerada prejudicial tanto para quem atua nela quanto para quem a consome, uma vez que estimula práticas como o consumismo e o materialismo, diminui as brincadeiras criativas, promove a erotização precoce, a violência e a segregação de gênero. Os candidatos que optarem por criticar esse tipo de trabalho encontram aqui um rol de argumento, e pode, ainda, construir narrativas que espelhem essas experiências negativas.

Vale dizer que, em se tratando da produção de um extenso texto (“textão”) a ser postado nas redes sociais, são esperadas marcas linguísticas relativamente informais na escrita dos candidatos, conferindo à redação um tom coloquial característico do gênero discursivo solicitado (um **post**).

A expectativa é que as melhores redações sejam aquelas em que os candidatos consigam, a partir da perspectiva discursiva de um *digital influencer* adolescente, atrelar a narrativa da sua trajetória em redes sociais e as impressões extraídas dessa experiência vivida a argumentos relativos à atuação de crianças e jovens como *digital influencers*. Para isso, eles devem se apoiar nos textos disponíveis na coletânea que abordam os perigos do *cyberbullying* (texto 1), da superexposição na internet (texto 2) e do trabalho infantil (texto 4) e alertam para a importância do controle de pais e escola (texto 2) nessa atuação, além de trazerem um exemplo de uma *digital influencer* de 13 anos (texto 3).

A partir da leitura da expectativa da banca, podemos alinhar os critérios apontados com a proposta da BNCC, que, como mencionado anteriormente, está voltada para a formação de indivíduos capazes de compreender e analisar contextos e circunstâncias de produção de sentido em práticas sociais de linguagem, observando as condições para tal produção.

Assim como nas propostas anteriores, a banca espera que os candidatos incorporem o personagem (“um/a *digital influencer* adolescente, de 15 anos, que se tornou famoso/a e que, de alguma forma, se sente incomodado/a com comentários e perguntas feitas por parentes e amigos a seus pais sobre seu sucesso na internet”), atentando-se para a tipologia textual (narração e argumentação), e desenvolvam um texto a ser publicado em meio digital (situação dada no enunciado). Os candidatos deveriam considerar esses três elementos contextuais para atingir seu propósito comunicativo. Além disso, dado o gênero solicitado ser para o meio digital e o suporte em que geralmente ele aparece, a linguagem deveria ser de acordo com o tom coloquial, sendo essa uma das marcas linguísticas do gênero textual *post*.

Nas três redações¹⁷ apresentadas a seguir, retiradas do “livrinho de redação” de 2022, vamos analisar os elementos linguísticos utilizados pelos candidatos para terem sido considerados textos acima da média. Essas redações foram escolhidas por apresentarem características do gênero *post* mais evidentes ao leitor, as demais redações que compõem o “livrinho de redação” constam nos Anexos e foram analisadas de forma concomitante para compor o Quadro 3, da página 107.

Redação 1 | 2022

Olá, “seguimores”, recentemente, venho recebendo críticas devido ao nível de exposição a que venho me submetendo nas redes, tendo apenas 15 anos. Nos comentários dos meus últimos posts, tem ocorrido um debate caloroso entre defensores do meu trabalho e pessoas preocupadas com a minha falta de maturidade para lidar com os perigos da superexposição e a possibilidade de eu estar enquadrado em trabalho infantil. Então, decidi fazer esse post para poder esclarecer o que eu acho desse escândalo todo. Antes, gostaria de agradecer a todos que têm me apoiado nessa jornada maluca e me ajudaram a bater a meta de 2 milhões de seguidores na semana passada. Amo vocês e digo desde já que não vou parar.

Para os recém-chegados, “bom dia, ‘mana’! Já botou a cara no sol hoje?”. Meu nome é Daniel e eu sou uma das quebradoras de tabu mais novas que você vai ver por aqui hoje. Com o apoio da minha família, venho gravando vídeos de comédia e dança desde os meus 13 anos. Depois de atingir 100 mil seguidores, comecei a fazer algumas parcerias para conseguir pagar por equipamentos e produtos para melhorar meus conteúdos, mas foi uma caminhada lenta. Só seis meses atrás que eu viralizei depois de botar aquele salto agulha finíssimo e dar uma incrementada de respeito na “make” da “gata”.

Meus pais sempre me ajudaram nas negociações com os patrocinadores, mas nunca pediram nada em troca nem ganharam um tostão do dinheiro acordado. Tudo é reinvestido no perfil para fazê-lo crescer e para eu poder correr atrás do meu sonho de mostrar para o mundo tudo o que eu tenho para oferecer. Aqui eu não sou obrigado a nada, estou apenas fazendo meu “corre” de forma honesta. Eu entendo discussões que foram despertadas sobre trabalho infantil. Afinal, quantas crianças têm seus direitos violados pelos próprios pais desesperados para ganhar dinheiro em cima delas? Mas, no meu caso, impedir-me de fazer o meu trabalho é impedir uma pessoa de fazer uma diferença significativa no mundo. Ontem mesmo eu recebi o depoimento de uma “mana” contando sobre o impacto do meu perfil na história de aceitação da identidade dela. Eu posso ser só uma adolescente, mas, se eu posso ajudar pessoas nesse nível, eu não vou parar tão cedo.

“Ah, mas você não tem maturidade para lidar com cyberbullying, seus pais deveriam saber disso melhor do que ninguém.” “Amore”, olha a minha cara e me fala: você acha que esta “bichona” afeminada não sofre bullying na vida real? Posso só ter 15 anos, mas eu tenho casca grossa e não um anônimo desocupado nos comentários dos meus posts que vai fazer eu desistir do meu sonho. Sigo

¹⁷ As redações foram numeradas conforme a ordem que aparecem no “livrinho de redação”.

mostrando a minha verdade e inspirando pessoas como eu puder. Obrigada àqueles que leram até o final e vejo vocês no próximo *post*.

Podemos observar ao longo da redação 1 o uso frequente de gírias, termos comuns utilizados em ambientes de redes sociais, onde o gênero *post* circula. Citamos o uso da palavra “seguimores”, que faz referência à junção dos termos “seguidores” (usuários das redes sociais que acompanham a página pessoal de alguém”) e “amores” (forma carinhosa de chamar); do termo “viralizei”, que faz referência a vídeos “virais”, ou seja, que se espalha pela internet com rapidez e atinge um grande alcance de usuários da rede; da interlocação “mana”, para se referir aos “conhecidos” da rede social, dos termos “make” em vez de “maquiagem”, e “gata”, forma carinhosa e empoderada muito utilizada nas redes sociais para se referir a alguém. Assim, entendemos que o candidato “desenvolve bem G: explora S e I e C de acordo com o projeto de texto”, conforme aponta a grade analítica (Figura 1, p. 63).

Esses termos foram grafados pelo autor sempre entre aspas, indicando a informalidade do texto, atentando-se para a finalidade na qual ele realmente foi escrito – prova de vestibular. Consideramos que no ambiente virtual não se teria o mesmo cuidado e as aspas não teriam sido utilizadas.

Além da linguagem informal, característica do gênero solicitado, o autor elabora a contextualização de sua produção, mencionando “as críticas que vem recebendo devido à sua exposição nas redes sociais”, além de destacar a idade (15 anos) e a preocupação com a falta de maturidade para lidar com os perigos da superexposição na internet. O candidato faz menção também a um agradecimento aos seus possíveis seguidores, por todo apoio durante a jornada dele nas redes sociais e por ter alcançado um número considerável de seguidores.

O texto cumpre também com a solicitação de narrativa feito na proposta, com a apresentação pessoal do autor e um breve resumo da sua trajetória nesse meio: “Meu nome é Daniel e eu sou uma das quebradoras de tabu mais novas que você vai ver por aqui hoje. Com o apoio da minha família, venho gravando vídeos de comédia e dança desde os meus 13 anos.” Ademais, ele cita sua ascensão e a “viralização” de seu conteúdo. Então, antes de defender seu ponto de vista – a favor do uso das redes sociais por adolescentes –, o autor descreve o suporte que recebe, tanto familiar quanto financeiro, e depois expõe sua defesa contra o trabalho infantil: “Eu entendo

discussões que foram despertadas sobre trabalho infantil. Afinal, quantas crianças têm seus direitos violados pelos próprios pais desesperados para ganhar dinheiro em cima delas? Mas, no meu caso, impedir-me de fazer o meu trabalho é impedir uma pessoa de fazer uma diferença significativa no mundo.”

O autor elabora inúmeras perguntas retóricas, demonstrando a interação com seu público: “Ah, mas você não tem maturidade para lidar com cyberbullying, seus pais deveriam saber disso melhor do que ninguém.’ ‘Amore’, olha a minha cara e me fala: você acha que esta ‘bichona’”.

Portanto, consideramos que o propósito comunicativo desse texto se apresenta com o posicionamento do autor com relação às críticas recebidas devido à sua exposição precoce nas redes sociais. O candidato defende sua ideia de se manter ativo na internet ressaltando suas conquistas, seu apoio familiar e o impacto positivo que ele acredita estar causando em outras pessoas. O autor apresenta elementos que o conectam ao leitor-alvo, compartilha informações pertinentes e fundamentadas – extraídas dos textos da coletânea – e argumenta em favor do seu ponto vista expondo experiências pessoais.

Na sequência, vamos analisar a Redação 12, que consta no “livrinho de redação”. Escolhemos essa redação para ser analisada por trazer elementos diferentes dos vistos nas demais redações pertinentes a serem observados.

Redação 12 | 2022

Gente, como assim quase 1 milhão? Nem consigo acreditar! Tenho pensado nisso nos últimos dias. Há seis meses, postei a famosa entrevista com o elenco do filme Homem-Aranha sem volta para casa. Eu estava nervoso e não sabia se conseguiria. Sabem quem me ajudou? A minha família! Sim, meus pais talvez não tivessem noção dos milhares de nerd-amigos que já me acompanhavam, nem de que eu ganharia cinco vezes mais após o vídeo, mas eles sabiam que aquilo era a realização de um sonho e me apoiaram da forma possível (educando e conscientizando, mostrando onde eu estava pisando, no mundo!).

No início da pandemia, vi no Insta uma chance de escapar do lockdown. Eu só tinha 13 anos, e meus pais, que já acompanhavam a rotina do meu irmão, perceberam a importância de cuidar também da minha saúde diante do mundo digital. Eles até pediram para eu parar ou fazer uma conta privada voltada só para minha família, mas eu precisava me abrir com alguém que entendesse meu mundo nerd, contar minhas piadas e reflexões. Então, lembrei de uma das minhas maiores inspirações, a A. C. do canal Vida de Amy (eu tinha crush nela desde que eu era um mini-influencer na minha escola; hoje, que já nos conhecemos, costumamos rir disso); ela, que começou bem cedo, teve apoio da família, enfrentou os desafios da surdez e se tornou um exemplo para muita gente. Eu queria ser como

ela, do meu jeitinho, é claro. Apresentei a história dela para os meus pais e isso abriu a mente deles, era possível ser pai de um influencer digital e ser alguém responsável nesse processo. Obrigado @Amy! (:~). Eles logo montaram uma rotina, horário para dormir, para produzir conteúdo, para estudar e para me exercitar! Alertaram sobre os comentários maldosos que eu poderia receber e como agir (você sabem como eu fico mais tranquilo agora e ao mesmo tempo denuncio qualquer cyberbullying. A gente não pode ficar quieto!).

Enfim, eu posso ter só 15 anos, mas já passei por muita coisa nesses últimos digitais anos, vi muitos familiares que me seguem alertarem meus pais da proporção que o meu projeto tomou, alguns perguntaram para eles se eu já estava monetizando, outros até falaram para fecharem as minhas contas, pois poderia configurar trabalho infantil! Pois fiquem despreocupados e digo mais: se vocês, crianças ou adolescentes, têm o sonho de ser digital influencers, então corram atrás dele, mas não escondam da sua família, ela vai amar fazer parte do seu sonho, conversar é fundamental [Continua nos comentários.], e paciência também! Comentem aqui se eu já inspirei vocês e qual o sonho de vocês, vou amar ler. E desculpa pelo textão! Haha, mas eu precisava me abrir e esclarecer as coisas.

E rumo a 1 milhão, faltam só 10 mil! E amanhã tem live, vou falar um pouco mais sobre isso. Falou!

Na Redação 12, também encontramos características de linguagem informal e usual das redes sociais. Nesse texto, podemos identificar elementos retóricos e um propósito comunicativo voltado para a interação com determinado público e a expressão pessoal do autor. Tais elementos foram solicitados na proposta e fazem parte das características do gênero *post*, atendendo à Pt (Proposta temática).

O candidato elaborou um texto em que compartilha sua experiência como um jovem influenciador digital, que recebe apoio da família para realizar o seu sonho (S - situação). Ele utilizou elementos linguísticos que remetem ao contexto das redes sociais, como o uso do sinal de “@” antes de um nome, indicando de forma visual essa interação, a sequência de sinais gráficos “(:~)”, que quando digitados em um computador se transformam em um *emoji* sorrindo, e fez menção à indicação “[Continua nos comentários]”, que é usada frequentemente em *posts* no momento em que se dá o limite de caracteres escritos e o autor pretende dar sequência ao texto utilizando o espaço destinado aos comentários dos leitores (C – construção composicional). Além disso, o autor também se atenta a manter a interlocução com seu público, fazendo solicitações como “Comentem aqui se eu já inspirei vocês e qual o sonho de vocês, vou amar ler” (I – interlocução).

O candidato atendeu à expectativa da banca ao elaborar sua máscara discursiva, contemplando as características do personagem solicitado na proposta,

faz também bom uso das informações retiradas da coletânea (Lt – Leitura do(s) textos(s)) para elaborar seus argumentos de maneira coerente e consistente. Ele apresentou seu posicionamento a favor do uso de redes sociais por adolescentes com a ciência da família, ao citar: “Pois fiquem despreocupados e digo mais: se vocês, crianças ou adolescentes, têm o sonho de ser digital influencers, então corram atrás dele, mas não escondam da sua família, ela vai amar fazer parte do seu sonho, conversar é fundamental”. No fim, ele se despede de seus “seguidores” e “pede desculpas pelo textão”, já que, geralmente, no contexto da rede social, os textos que exigem muito tempo para a leitura não são comuns.

A terceira redação escolhida para ser aqui analisada chama a atenção por a máscara discursiva ter sido elaborada com base em informações específicas da coletânea, isto é, o autor soube utilizar o que leu na coletânea para criar o personagem solicitado na proposta, assim, demonstra que mesmo que a situação solicitada para a produção de texto fosse distante da realidade dos candidatos, eles poderiam usar a coletânea como subsídio para elaborar o contexto e sua máscara discursiva.

Redação 14 | 2022

Bom dia, seguidores. Hoje, não será um post sobre desafios, brinquedos ou vlogs. Tenho um assunto mais sério para compartilhar com vocês. Comecei a usufruir da plataforma há dois anos e usei-a como um refúgio contra todas as dificuldades e os preconceitos que estava sofrendo. Desviei-me do *bullying* do colégio, tive contato com o *cyberbullying*, compartilhei o meu dia a dia com vocês, desabafei sobre a falta de representatividade em brinquedos, comentei sobre os meus medos acerca do futuro e, acima de tudo, construí uma amizade verdadeira com cada um de vocês. Como a primeira surda oralizada, cada passo que eu dou já é uma conquista não só para mim, mas para todos os deficientes. Portanto, só tenho a agradecer por todo carinho que me dão constantemente. Mas, hoje, estou sendo cancelada e recebendo muitas ameaças, pois estão falando que não sou deficiente e que inventei isso para ganhar dinheiro e fama. Fiquei chateada com a quantidade de pessoas que estão acreditando e me acusando disso ou, pior, me ameaçando em razão de uma mentira. Para aqueles que não sabem, nasci surda e, desde meus 3 meses, sou treinada por fonoaudiólogos; é por isso que falo e escrevo bem. Sou deficiente com muito orgulho e quem me acompanha há mais tempo conhece os desafios pelos quais passei nesses últimos dois anos. Não escuto o som do mar, de pássaros cantando, e decidi que não vou ficar escutando essas mentiras. Meus pais transformaram meu lazer em trabalho, mas não vou mais assumir essa responsabilidade. Embora seus amigos avisassem, meus pais caíram na ganância e me pressionaram para aceitar inúmeras “publis”. Eles erraram, sabem disso e, como minha rede é de apoio e de amor, não precisam ser julgados incansavelmente por vocês. Então, vim neste textão comunicar que estou me distanciando da realidade virtual, por agora, para cuidar da minha saúde

mental e voltar a ser uma criança. Acredito que ser uma *digital influencer* antes dos 16 anos é uma responsabilidade profissional imensa que nenhum jovem está preparado, se houver constantes ataques. Espero que entendam e que, futuramente, possamos reconstruir a nossa família de 1 milhão e meio de pessoa com mais respeito e amizade. Beijos da Amy.

O autor dessa redação valeu-se do Texto 3 apresentando na coletânea para elaborar sua máscara discursiva. Ele incorporou as características apresentadas como suporte para atender à solicitação da proposta de produzir o texto como se fosse “um digital influencer de 15 anos” e narrar sua trajetória, colocando-se no papel de “surda oralizada”. Percebemos que o texto não apresenta cópias do Texto 3, e sim que as informações foram organizadas inspiradas nele para desenvolver o contexto. Portanto, o candidato fez “uso produtivo do(s) texto(s); leitura crítica que caracteriza uma apropriação de acordo com o projeto de texto”, atingindo 3 pontos de acordo com a grade de correção (Figura 1, p. 63).

A informação na primeira linha que cita “Hoje, não será um post sobre desafios, brinquedos ou vlogs” foi usada como inferência retirada do Texto 3 para auxiliar na composição do cenário do *post*, demonstrando saber se valer das informações dispostas na prova. Tal ponto fazia parte da expectativa da banca, conforme o texto:

Trata-se de um exemplo que pode inspirar os candidatos na construção do/a narrador/a-personagem *digital influencer*, bem como propiciar argumentos para discussões em torno da ética implicada na superexposição de crianças e adolescentes na internet, no trabalho infantil, na “monetização” de seus perfis etc. (COMVEST, 2022, p. 57).

O candidato manteve a interlocução com seus supostos seguidores no decorrer do texto, por meio de enunciados como “Bom dia, seguidores” e “Tenho um assunto mais sério para compartilhar com vocês” e “Espero que entendam e que, futuramente, possamos reconstruir a nossa família de 1 milhão e meio de pessoa”. Essa introdução se propõe em chamar a atenção dos leitores e “prepará-los” para o assunto que será abordado, seguindo a proposta temática.

Na sequência, o autor compartilha sua experiência ao usar a plataforma como um refúgio contra os preconceitos que sofria. Essa informação foi retirada de um dos textos que faziam parte da coletânea e, assim, observamos que o candidato não copia meramente as informações para elaborar sua narração, mas as utiliza de forma

coerente para criar seu personagem. Esse movimento demonstra a intenção de estabelecer conexão com seus seguidores, ponto comum nas produções textuais das redes sociais.

Além disso, o autor usa expressões típicas do contexto das redes sociais, como “publis”, que remete à publicidade – ação comum de usuários que têm grande visibilidade –, e a expressão “estou sendo cancelada”, que visa de alguma forma ignorar ou banir pessoas das redes sociais. Na sequência, o autor expressa seu ponto de vista, que considerou ser pertinente e mais responsável que um adolescente, nesse caso, afaste-se das redes sociais: “Acredito que ser uma *digital influencer* antes dos 16 anos é uma responsabilidade profissional imensa que nenhum jovem está preparado, se houver constantes ataques”.

Dessa forma, podemos perceber que o autor manteve a interlocução solicitada, atendeu à proposta temática e utilizou informações dos textos da coletânea, demonstrando leitura eficiente. Entendemos que esses elementos contribuíram para que a redação fosse bem avaliada pela banca, seguindo o propósito comunicativo do gênero *post*.

Para complementar nossa análise, elaboramos um quadro para descrever e apresentar os elementos linguísticos que apareceram como ponto comum nas 29 redações que constam nos Anexos (4 a 29), esses pontos podem ser considerados prototípicos dos textos, demonstrando que pertencem ao mesmo gênero.

Quadro 3 – Elementos linguísticos predominantes considerados nas redações acima da média pela banca avaliadora da Unicamp – Proposta 2020 (podcast) e proposta 2022 (post)

Elementos linguísticos	Proposta 2020 (Podcast)	Proposta 2022 (Post)
Marcação da interlocução	As redações de 2 a 15 apresentaram marcas de interlocução com os supostos ouvintes. Os textos <i>Redação 6 2020</i> (Anexo 8) e a <i>Redação 9 2020</i> (Anexo 11) são os únicos que não iniciaram com saudação, mas apresentaram marcas de interação com os interlocutores, por meio do modo verbal e perguntas retóricas.	As redações iniciaram com saudação aos seus supostos seguidores, com tratamento informal e utilizaram a 1. ^a pessoa do singular.

Elementos formais para a ação retórica	As redações apresentaram tom amigável e saudação aos ouvintes; contextualização temporal; título para o <i>podcast</i> ; apelo a determinadas autoridades sobre o assunto; apresentação dos dados e fatos; citação do poema de forma contextualizada; apelo emocional; convite para tomar atitude e finalização com agradecimento e despedida.	As redações apresentaram tom amigável e saudação aos seguidores; contextualização temporal; uso de termos específicos do ambiente virtual, especialmente de redes sociais, além de gírias, geralmente grafadas entre aspas. Apossaram-se da máscara discursiva de influenciador digital, apresentando dados narrativos para contar sua trajetória nessa posição.
Propósito comunicativo	Todas as redações seguiram a mesma linha de propósito comunicativo, que foi de sensibilização e informação sobre a importância da preservação da biodiversidade e sociodiversidade brasileiras para o crescimento sustentável do país.	As redações dessa proposta dividiram-se entre dois propósitos comunicativos: defender o uso das redes sociais por adolescentes e restringir o uso das redes por esse público. Por meio de narrativas pessoais, os autores dos textos apresentaram argumentos para defender seu ponto de vista.
Traços característicos dos gêneros	Além da saudação aos ouvintes, as redações transmitiram as informações pertinentes ao assunto definido, gerando entretenimento e debatendo a questão da biodiversidade e sociodiversidade (temas relevantes para a sociedade), e no fim estabelecendo uma conexão com os supostos ouvintes.	Além da saudação aos seus seguidores, as redações apresentaram linguagem informal, argumentação sobre determinado ponto de vista (elemento característico do “textão”), opinião pessoal, elementos visuais que remetem ao contexto da rede social e finalização com despedida.

Fonte: Autoria própria

Alguns pontos que gostaríamos de ressaltar sobre as análises, a fim de contribuir com a finalização dessa etapa. Na *Redação 2 | 2020* (Anexo 4), a saudação aos supostos ouvintes: “Bom dia, boa tarde, boa noite pessoal”, marcando a interação

com público, não apresenta a vírgula separando o vocativo, observamos que isso não depreciou a redação, pois não é considerado extremamente relevante para a banca, ainda mais que se trata de um gênero oral. Para a banca, o fato de o autor ter tratado do tema com coerência, ter mantido a interação com o ouvinte e ter apresentado os dados de forma consistente são mais válidas do que eventuais erros gramaticais. Assim, compreendemos que erros ortográficos e gramaticais que não comprometem o entendimento do texto não prejudicam o candidato.

Como mostrado no Quadro 3, a *Redação 6 | 2020* (Anexo 8) e a *Redação 9 | 2020* (Anexo 11) foram as únicas redações do “livrinho” que não iniciaram com a marcação da saudação, característica do gênero *podcast*. As únicas marcas linguísticas que identificamos no texto que demonstram a interação com os “ouvintes” são: na *Redação 6 | 2020* quando o autor cita: “Ainda que você desconsidere a inerente importância cultural indígena e o valor da diversidade, tenha em mente que [...]”; e na *Redação 9 | 2020*, encontramos a forma imperativa: “Observe os índios, por exemplo”. Ressaltamos que, pela banca, esse ponto não era obrigatório, mesmo sendo elemento característico do gênero *podcast*, assim os candidatos “desenvolve[m] G: configura[m] S e/ou I e C de acordo com o projeto de texto”. Isto é, os textos cumpriram com seus propósitos comunicativos de informar (S – situação dada no enunciado da prova) e apresentar reflexões sobre o tema explanado (Pt – Proposta temática). Portanto, compreendemos a ação retórica do gênero, que, conforme pontua Miller (2012), tem a capacidade de ser moldado de acordo com a situação e com o contexto social em que está sendo aplicado. E, como citamos quanto à teoria de Swales (1990), o gênero não é restrito a seus aspectos linguísticos, mas, de forma mais abrangente, considerando seu conteúdo textual em determinado contexto e levando em conta também a relação autor-leitor, ou seja, os gêneros não seguem uma estrutura fixa.

Concluimos, portanto, que o aspecto primordial para a avaliação dos textos produzidos nesse contexto não é necessariamente a suposta “novidade” do gênero em si (por circular no meio digital), mas o modo como o candidato interpreta e produz marcas essenciais para a indicação de que domina o jogo discursivo, sobretudo em seu papel de produtor de textos. Entender as características do gênero solicitado, ser capaz de ler com adequação os textos motivadores para então produzir o próprio texto é um percurso essencial para se alcançar uma boa nota no vestibular em questão.

Tal ponto parece evidenciar que, além do gênero solicitado, é preciso atentar-se para a formação do estudante como alguém que compreende como marcas linguísticas são capazes de caracterizar um texto, evidenciando seu propósito, seus interlocutores, sua situação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, sendo uma análise descritivo-interpretativa, de cunho qualitativo, com base na análise de redações e da avaliação da banca de vestibular de uma das universidades mais concorridas e conceituadas do país, objetivou, a partir da coleta de dados, compreender de que forma os gêneros digitais têm sido tomados e incorporados às práticas de ensino como ação social. Sendo este um trabalho com base em uma amostra qualitativa, os resultados apresentados precisam considerar a limitação de dados.

É importante lembrarmos o objetivo desta pesquisa para traçarmos os pontos entre as teorias apresentadas e os dados analisados. A partir do interesse de compreender como os gêneros textuais digitais têm sido incorporados a processos seletivos para o ensino superior, de que forma a banca avalia esses textos e quais aspectos linguísticos ela considera, foi definido o *corpus* deste trabalho, sendo três provas de uma das universidades mais qualificadas do país em que os gêneros digitais foram solicitados.

De forma a subsidiar a análise dos critérios de avaliação utilizados pela Comvest, a partir da teoria de John Swales, Charles Bazerman e Carolyn Miller, nos aprofundamos nos estudos sobre os elementos formais e funcionais dos gêneros, com foco especial no propósito comunicativo e ações sociorretóricas. Entendemos que os textos podem apresentar mais de um propósito comunicativo, em camadas, e que nem sempre ficará claro para o interlocutor o propósito principal. Porém, ao analisarmos os textos em conjunto, identificamos propósitos semelhantes, com características que se repetem em cada gênero. Conforme pontua Miller (apud CARVALHO, 2005), os gêneros englobam um conjunto de textos, elaborados socialmente, que apresentam similaridades e repetições para que possam ser identificados por outros membros como pertencentes a determinado grupo de gênero. Na análise retórica dos textos, não nos detivemos apenas ao contexto do cenário a ser elaborados pelos candidatos, mas também à motivação e os efeitos pretendidos por eles.

Assim, observamos que a banca considera que os candidatos que desenvolvem seus textos contemplando a proposta temática, mantendo a interlocução adequada conforme o gênero definido, utilizando informações da coletânea e se

atentando às escolhas lexicais para manter a coesão e a coerência, atingem notas altas.

O caderno de redações, publicado anualmente pela Comvest com a seleção de quinze redações de cada uma das propostas do ano da prova em questão, pode ser entendido para os candidatos do ano seguinte como parte dos membros experientes da comunidade discursiva, pois entendemos que a Comvest, ao fazer tal publicação, não pretende que as produções selecionadas sejam “imitadas”, mas que embasem o trabalho de formação dos candidatos.

Acreditamos que, por se tratar de um exame classificatório, no qual implica a carreira profissional dos estudantes, e também pela redação, especialmente em instituições públicas, ser grande parte da nota do candidato, sendo decisiva muitas vezes pela aprovação ou não, esta pesquisa seria pertinente e contributiva com outras pesquisas que exploram a linguagem em um de seus contextos de uso, considerando sua materialidade sócio-histórica. O contato com os resultados deste trabalho pôde apontar redirecionamentos sobre a elaboração das provas de redação dos exames classificatórios para a universidade e também a abordagem de produção de textos realizada no ensino médio.

Ressaltamos que a pesquisa não se limitou à intenção de comprovar se os gêneros textuais digitais estão sendo pouco ou muito explorados, mas, sim, de analisar se a partir das demandas comunicativas da sociedade atual se observa a conscientização da abordagem das novas produções de linguagem, principalmente as relacionadas com a evolução tecnológica, já reconhecidas e destacadas em diferentes teorias.

Apresentamos também conceitos importantes para os estudos na área das linguagens, como a explicação dos termos *linguagem*, *língua* e *escrita* e nosso entendimento de *técnica* e *tecnologia*, com base nos estudos filosóficos dos termos, pois, neste trabalho, consideramos a escrita como uma tecnologia e os gêneros textuais também são ferramentas tecnológicas, que ajudam a sociedade a melhorar sua comunicação. Isto é, algo inventado pelo ser humano, com a intenção de facilitar sua vivência e que necessita de processos para ser aprendida e ensinada (COULMAS, 2014). Podemos considerar também os gêneros como ferramentas tecnológicas que proporcionam formas de comunicação que são revistas e adaptadas para atender novas demandas sociais.

Outro ponto importante levantado foi a perspectiva da BNCC quanto aos gêneros textuais digitais, pois este é o documento que baliza os temas de estudo atuais e propõe habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes. A BNCC considera relevante que os gêneros novos sejam incorporados ao ensino, para que a aprendizagem aconteça por meio das práticas cotidianas dos alunos, sendo eles uma geração que tem contato com os aparatos eletrônicos desde que nasceram.

A pesquisa se propôs a estabelecer relações entre as tecnologias de informação e comunicação e o ensino de Língua Portuguesa a partir dos gêneros textuais, especificamente os digitais, ressaltando-se a importância de acompanhar as transformações que ocorrem na sociedade. As diferentes contextualizações e conexões com o tema, com base na fundamentação teórica, mostraram-se coerentes para legitimar esta pesquisa e esperamos que tais apontamentos possam contribuir para a perspectiva do ensino de Língua Portuguesa nas escolas, especialmente para o ensino médio, quanto aos gêneros textuais e suas atualizações.

Com base nas análises feitas das redações e dos comentários da banca avaliadora, pudemos observar que há uma intenção de apresentar propostas com gêneros textuais digitais, que são gêneros da sociedade atual e considerados novidade, entretanto ainda devemos considerar que é uma prova de vestibular – uma ferramenta de avaliação tradicional. Além disso, não podemos descartar que o propósito comunicativo principal das produções das provas da Unicamp apresenta como fim atingir uma nota alta, que proporcione a entrada no ensino superior, portanto precisamos observar que elementos do contexto e até a maneira como os gêneros foram apresentados (suporte) podem afetar a forma como os propósitos comunicativos “pretendidos” são incorporados pelos candidatos. Citando Biasi-Rodrigues e Bezerra (2012, p. 236),

Por exemplo, o que dizer do propósito comunicativo de um soneto quando este é retirado de um livro de poesia e transportado para um livro didático, sendo utilizado como base para um exercício de compreensão textual ou para a exemplificação das características de algum estilo literário? Um documento histórico como a Carta de Pero Vaz de Caminha, ao ser lida hoje, terá o mesmo propósito que teve ao ser redigida?

Portanto, entendemos que o propósito comunicativo ocorre a partir de um processo de construção na sociedade, e não pode ser considerado somente como a intenção do autor, já que o texto terá impacto em determinado grupo comunicativo.

Mesmo que o texto apresente intenções pessoais, ele terá um propósito comunicativo que será reconhecido socialmente, podendo, então, um texto apresenta múltiplos propósitos.

Assim, pudemos observar tantos textos que apresentaram a máscara discursiva de forma explícita, deixando clara a interlocução, quanto textos que foram bem elaborados, mantiveram a coesão e coerência, utilizaram dados dos textos da coletânea, mas não explicitaram a interlocução e ainda assim atingiram notas altas.

Com relação à comunidade discursiva, podemos identificar que os membros mais experientes poderiam ser a banca, que se enquadraria nessa classificação, pois eles apresentam o mesmo conjunto de objetivos, alinhados com a grade analítica a que têm acesso para realizarem as avaliações.

Imaginamos, por exemplo, que em um contexto de *podcast* as falas seriam menos formais e apareceriam mais gírias, mas precisamos lembrar que esse seria o roteiro a ser seguido e que esses elementos não seriam descritos no texto de toda forma. Destacamos que um dos objetivos das propostas de redação da Unicamp é criar situações de comunicação que façam parte do repertório cotidiano dos candidatos, assim a coletânea escolhida pela banca examinadora tem papel significativo para a simulação de situações autênticas de comunicação, nas quais os autores podem se basear em enunciados de terceiros para criar sua máscara discursiva. Essa é uma situação do exame do vestibular, em que a redação não está sendo avaliada como um enunciado em situação real, mas, sim, como um texto que deve cumprir as instruções da proposta. Portanto, a situação comunicativa é o próprio exame, e não o contexto social real de comunicação.

Não podemos desconsiderar que os gêneros são importantes ferramentas de aprendizagem, em que os sentidos são construídos, e por isso, conforme pontua Bazerman (2005), são ações sociais, alinhando-se à nossa perspectiva sociorretórica sobre os gêneros textuais. Concluímos que as propostas de redações do vestibular da Unicamp são práticas de escrita acerca de temas relevantes da sociedade e provenientes de diferentes contextos sociais, em que os candidatos devem produzir textos que demonstrem suas habilidades de leitura eficiente – já que precisam ler e compreender tanto a proposta temática quanto as informações dispostas nos textos da coletânea –, e de planejamento e organização das ideias na escrita, mantendo a interlocução adequada e a coerência ao defender seu ponto de vista. Nos textos

analisados, pudemos perceber elementos linguísticos semelhantes que caracterizam o gênero, como marcação da interlocução, cenário elaborado para o decorrer do texto, assim como a incorporação da máscara discursiva. Percebemos que a ação retórica de escrever um texto para uma proposta de redação no contexto do vestibular tem relação com a noção de gênero e seus autores, para que atendam às expectativas da comunidade experiente (banca avaliadora). Além disso, os textos bem avaliados foram os que atingiram seus propósitos comunicativos, tanto do que exige o gênero selecionado quanto do que se espera de uma redação de vestibular. Conforme cita Biasi-Rodrigues (2009, p. 61), “essa organização tem uma funcionalidade retórica que se sustenta nos propósitos comunicativos de cada gênero e se orienta por mecanismos de natureza variada convencionados na comunidade discursiva dos interlocutores”. Assim, a organização do texto ocorre a partir de estratégias de comunicação específicas para alcançar determinados objetivos, ao empregar técnicas já dominadas que são aceitas e reconhecidas pela comunidade, como determinadas estruturas retóricas, termos linguísticos e argumentos.

Sabemos que não há como prever como serão as próximas provas de redação e quais mudanças poderão ocorrer nas grades de avaliação, mas consideramos que a Unicamp provavelmente seguirá no caminho de alinhar seu exame com as demandas da sala de aula e se atualizar de acordo com as realidades sociais, de maneira a contribuir para o aprimoramento das práticas de escrita e leitura.

A pesquisa pôde oferecer contribuições para a reflexão sobre a produção e organização dos exames classificatórios atuais da Unicamp, observando a valorização da multiplicidade de gêneros surgidos no contexto das tecnologias de informação e comunicação para o aprendizado linguístico dos estudantes. Ressaltamos, entretanto, que apesar desse cuidado da Comvest em apresentar temas e gêneros atuais, que circulam efetivamente na sociedade, ainda assim a banca avalia essencialmente o poder de argumentação dos candidatos, como os demais vestibulares e também o Enem.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- AMOSSY, R. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- BENVENISTE, É. Da subjetividade da linguagem. *In: Problemas de linguística geral I*. 2. ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1988.
- BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. de. **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (Coleção Leitura, Escrita e Oralidade).
- BIASI-RODRIGUES, B.; BEZERRA, B. G. **Propósito comunicativo em análise de gêneros**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/Z8X5dZZgcTMCmTs5H3LnDXb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2023.
- CARVALHO, G. de. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. *In: MEURER, J. L.; BONINI, A. MOTTA-ROTH, D. (orgs.). Gêneros – teoria, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. 3. ed. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 2021.
- COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES (COMVEST). **Anuário Vestibular Unicamp 2019**. Disponível em: https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2021/03/anuario-2019_WEB.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.
- COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES (COMVEST). **Anuário Vestibular Unicamp 2020**. Disponível em: https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2021/03/anuario-2020_WEB.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.
- COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES (COMVEST). **Anuário Vestibular Unicamp 2022**. Disponível em: https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2023/02/comvest2022_31_01_2023.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.
- COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES (COMVEST). **Unicamp vestibular 2019: 2ª fase – Redação**. Campinas, 2019. Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2019/08/Reda%C3%A7%C3%A3o-2019.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.
- COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES (COMVEST). **Unicamp vestibular 2020: 2ª fase – Redação**. Campinas, 2020. Disponível em:

https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2020/09/prova_comentada_redacao_2020.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES (COMVEST). **Redações 2020**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES (COMVEST). **Redações 2022**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.

COULMAS, F. **Escrita e sociedade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FISHER, S. R. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

GAEDE-SAKATA, C. R. A comunidade discursiva virtual: Sociedade Senhor dos Anéis. *In*: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. de. (orgs.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e Willian Vieira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HEMAIS, B; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A. MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros – teoria, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KOCH, I. V. **Hipertexto e construção de sentido**. *In*: Alfa, São Paulo, 51 (1): 22-38, 2007.

MARCUSCHI, L. A; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais – novas formas de construção de sentidos**. São Paulo: Cortez, 2010.

MENDONÇA, M.; NEVES, C. A. de B. (orgs.) **A redação no vestibular da Unicamp: O que e como se avalia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

MOTTA-ROTH, D.; HERBELE, V. M. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hassan. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A. MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros – teoria, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditação sobre a técnica**. Lisboa: Fim de século, 2009.

RIBEIRO, A. E. **Escrever, hoje** – Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.

RIBEIRO, A. E. **Multimodalidade, textos e tecnologias** – Provoações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

STREET, B. **Letramentos sociais**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VIEIRA PINTO, Á. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro, Contraponto: 2005.

WALTY, I. L. C. Linguagens e tecnologias: relações impertinentes. *In*: RIBEIRO, A. E. et al. **Leitura e escrita em movimento**. São Paulo: Peirópolis, 2010.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital**: Os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.

XAVIER, A. C. dos S. Leitura, texto e hipertexto. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C dos S. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ANEXO 1 – PROPOSTA 2 DE REDAÇÃO UNICAMP 2019



REDAÇÃO

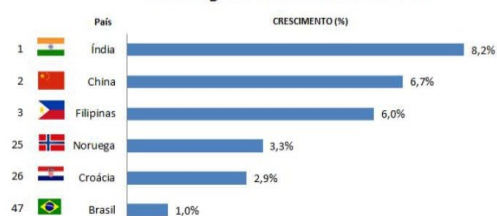
PROPOSTA 2

Sua professora de Geografia abriu um fórum no ambiente virtual da disciplina para discutir o tópico "IDH e crescimento do PIB como indicadores de desenvolvimento" e propôs as seguintes questões: a) Observe a classificação do Brasil nos *rankings* apresentados nos gráficos 1 e 2; b) Interprete os textos 3, 4 e 5; e c) Indique se haveria diferenças no desenvolvimento social do Brasil caso o país optasse por uma política econômica que tenha como consequência a melhor classificação no *ranking* do IDH ou no *ranking* do crescimento do PIB.

Publique uma **postagem** nesse fórum, na qual, a partir da leitura dos textos indicados abaixo, você deve: **a)** apontar em qual *ranking* o Brasil subiria se privilegiasse os aspectos qualidade de vida e igualdade no desenvolvimento social; **b)** apresentar as consequências de priorizar o consumo para o desenvolvimento social; e **c)** argumentar em favor do seu ponto de vista.

1.

Ranking do crescimento do PIB



(Dados disponíveis em <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/brasil-fica-em-ultimo-em-ranking-de-crescimento-com-47-paises,70002481872>. Acessado em 28/06/2018.)

PIB significa Produto Interno Bruto, medida que representa a soma, em valores monetários, de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um determinado período.

2.

Ranking do IDH



(Fonte: PNUD, ed. 14 de setembro de 2018. *Human Development Indices and Indicators - 2018 Statistical Update*.)

IDH significa Índice de Desenvolvimento Humano, medida concebida pela ONU (Organização das Nações Unidas) para avaliar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico de uma população.

3. Um breve conjunto de informações para nos fazer repensar as relações de consumo:

- A indústria da moda é a segunda maior consumidora de água no mundo. Só perde para a do petróleo.
- Estima-se que 17% a 20% da poluição da água industrial vem de tingimento e tratamento têxtil.
- Cerca de 15% a 20% de tecido é desperdiçado a cada peça cortada. E tecido não é reciclável.
- Estima-se que 10% das emissões de gases de efeito estufa provêm da indústria da moda.
- As fábricas de moda consomem mais de 130 milhões de toneladas de carvão/ano para gerar energia.
- Para suprir a demanda do consumo, quase toda matéria-prima utilizada na moda resulta em problema: do algodão, cheio de pesticidas, ao poliéster, oriundo da exploração do petróleo.
- Operários da indústria têxtil em países como China, Índia e Bangladesh trabalham mais de 12 horas por dia e ganham menos do que 100 dólares por mês.
- Cerca de 80% da mão de obra deste mercado são mulheres. E menos de 2% ganham o suficiente para viver em condições dignas. Para ganhar mais, elas chegam a trabalhar mais de 75 horas por semana.

E tem quem ache que o consumismo é um problema individual que só diz respeito à própria conta bancária...

(Adaptado de Nina Guimarães, O consumismo destrói o meio ambiente e incentiva o trabalho escravo. *Metrópoles*, 19/04/2017.)

4. As principais redes de varejo de moda do país associadas à ABVTEX (Associação Brasileira do Varejo Têxtil) já notam a melhora no ânimo dos consumidores. "O cenário é mais favorável, a partir do momento em que há maior disponibilidade de crédito; a inflação está abaixo do esperado, com aumento no poder de compra; e há uma leve redução do desemprego. Esses fatores somados ajudam a elevar a intenção de compra", aponta Lima, diretor executivo da ABVTEX. A FGV estima que, em 2018, o PIB cresça 2,5%. Esse crescimento deve permanecer liderado pelo consumo.

(Adaptado de Em 2018, crescimento permanecerá liderado pelo consumo, diz FGV. Disponível em <http://www.abvtex.org.br/>. Acessado em 04/05/2018.)

5. Pelo 12º ano consecutivo, só deu ela: a Noruega foi novamente eleita pela ONU como o melhor país do mundo para se viver. Segundo Jens Wandel, diretor do departamento administrativo do Programa de Desenvolvimento da ONU, o sucesso do país consiste em combinar o crescimento de renda com um elevado nível de igualdade. "Ao longo do tempo, a Noruega conseguiu aumentar sua renda e, ao mesmo tempo, garantir que os rendimentos sejam distribuídos de modo uniforme".

(Adaptado de Índice de Desenvolvimento Humano: o que faz da Noruega o melhor lugar para se viver? *Huffpost Brasil*, 17/12/2015.)

ANEXO 2 – PROPOSTA 1 DE REDAÇÃO UNICAMP 2020



REDAÇÃO

PROPOSTA 1

Você trabalha como colunista em uma revista eletrônica brasileira, bastante acessada por ambientalistas de diferentes países. Esse público demanda, constantemente, matérias sobre a *biodiversidade* e sobre o *caráter multiétnico e multicultural* do Brasil. O editor da revista encomendou a você um *podcast* que aborde a inter-relação entre esses dois temas e sua importância para a sustentabilidade.

Para se preparar para o seu *podcast*, você escreve o texto que lerá no dia da gravação. Nele você deve: a) relacionar biodiversidade e sociodiversidade, b) tratar da importância da preservação do patrimônio cultural e ambiental para o crescimento sustentável do Brasil e c) argumentar de modo a convencer seus ouvintes.

Podcasts são arquivos digitais de áudio publicados na internet e que podem ser ouvidos, até mesmo em celulares, a qualquer momento, por qualquer pessoa. São considerados “textos para ouvir”.

Para redigir seu texto, leve em conta os excertos apresentados a seguir.

1) O patrimônio genético nacional e os conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade brasileira contribuem para o desenvolvimento de novos produtos, muitos deles patenteados para ser comercializados. Isso porque o Brasil é um dos poucos países que reúnem as principais características para ter um sistema de acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais a ele associados, de modo a promover o desenvolvimento sustentável. A primeira característica é a *biodiversidade*: são mais de 200 mil espécies já registradas em seus biomas (Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa) e na Zona Costeira e Marinha. Este número pode chegar a mais de 1 milhão e oitocentas mil espécies. A segunda característica é a *sociodiversidade*: são mais de 305 etnias indígenas, com cerca de 270 diferentes línguas, além de diversas comunidades tradicionais e locais (quilombolas, caiçaras, seringueiros, etc.) e agricultores familiares, que detêm importantes conhecimentos associados à biodiversidade. (Adaptado de Patrimônio Genético e Conhecimentos Tradicionais Associados. Disponível em <https://www.mma.gov.br/patrimonio-genetico.html>. Acessado em 02/08/2019.)

2) o cerrado é milagre, como toda a vida
(é também pedaço do planeta que desaparece)
abraço meu irmão pequizeiro
(...) os jatobás sorriem
as perobas não dizem nada, apenas sentem
(...)
agora prepare seu coração:
correntão vai passar e levar tudo
ninho de passarinho rasteiro também
depois do correntão,
brotou o que tinha que brotar
mas já era tarde – faça fina do arado cortou a raiz
pela raiz e aí não brotou mais nada. aliás, brotou
coisa melhor: soja, verdinha, verdinha

que beleza, diziam
(...)
antes de terminar pergunto: quem vai pagar
o preço de tamanha destruição?
“daqui a cem anos estaremos todos mortos”,
disse alguém.
certo. estaremos todos mortos
mas nossos netos, não

o cerrado é milagre, minha gente

(Nicolas Behr, O cerrado é milagre, em *Primeira Pessoa*. Brasília: LGE Editora, 2005, p. 109.)

3) O Cerrado é o lugar onde a sabedoria popular se materializa em planta. Lá as aparências, de fato, enganam. Onde se veem arbustos de galhos retorcidos há o mais importante sistema de captação e reserva de água do Brasil fora da Amazônia. Um sistema baseado em vegetação e que garante nove das principais bacias hidrográficas do país. Ameaçado pela expansão do agronegócio, reduzido a cerca da metade de seu tamanho original, ele agora caminha para a maior extinção de plantas já registrada no mundo, com consequências para a oferta de água e a regulação do clima do centro-sul do país. Falamos de perda de biodiversidade, de segurança hídrica e climática. Um hectare desmatado de Cerrado tem mais impacto hoje do que um hectare desmatado na Amazônia. Não se trata de impedir a produção agrícola. Ao contrário, ela tem condições de aumentar sem precisar desmatar mais – frisa Bernardo Strassburg, diretor do Instituto Internacional para a Sustentabilidade. (Adaptado de Ana Lucia Azevedo, Desmatamento do Cerrado pode levar à extinção de 1.140 espécies de plantas. Disponível em *O Globo*, 14/10/2018. Acessado em 02/08/2019.)

4) O último relatório da ONU que alerta sobre a velocidade com que as espécies estão se extinguindo (uma de cada oito está ameaçada) assinala que essa destruição da natureza é mais lenta nas terras onde vivem os povos indígenas do que no resto do planeta. Mas também destaca a crescente ameaça que ronda essas comunidades na forma de expansão da agricultura, urbanização, mineração, novas infraestruturas. O Brasil, que abriga a maior parte da Amazônia e o ecossistema mais rico do mundo, é um dos países onde essa ameaça é mais evidente. Segundo Nurit Bensusan, da ONG Instituto Socioambiental (ISA), o papel dos indígenas ganha uma dimensão importante: “Por conhecerem tão intimamente as florestas, eles têm uma percepção muito antecipada das mudanças ambientais. Sabem como lidar com isso. Por exemplo, param de caçar em uma área durante um tempo e assim aliviam o impacto antes que quaisquer outros.” Os indígenas são parte essencial dos alertas rápidos e da prevenção. (Adaptado de Naira Galaraga Gortázar, Por que os indígenas são a chave para proteger a biodiversidade planetária: a ONU destaca que nas terras habitadas pelos povos originários o desaparecimento de espécies é mais lento que no resto do mundo. Disponível em *E! País*, 06/05/2019. Acessado em 04/08/2019.)

ANEXO 3 – PROPOSTA 1 DE REDAÇÃO UNICAMP 2022



REDAÇÃO

PROPOSTA 1

Você tem 15 anos e tem conta em redes sociais desde os 13 anos. Há seis meses, contudo, seu número de seguidores quintuplicou e alcançou a marca de quase um milhão. Desde que se tornou um/a *digital influencer*, vários parentes e amigos passaram a alertar seus pais sobre os perigos de sua superexposição na internet, enfatizando a importância de eles (seus responsáveis legais) acompanharem todas as postagens e todos os comentários recebidos nas suas redes. Seus pais foram até mesmo aconselhados por alguns amigos a fecharem as contas que você mantém, sob a alegação de que a atividade poderia configurar um tipo de trabalho infantil (isto é, uma atividade que envolve crianças com idade inferior a 16 anos). Outros não viram problema com a sua fama e até perguntaram se seus pais já tinham se informado sobre como “monetizar” os seus perfis.

Após refletir sobre essas opiniões divergentes, você decide escrever, em um de seus perfis, um extenso *post* (“textão”) a respeito. No seu texto, você a) narra a sua trajetória até se tornar *digital influencer* e b) relata suas impressões acerca dessa experiência, assumindo um posicionamento sobre o fato de crianças e adolescentes atuarem como *digital influencers*.

Para escrever seu *post*, leve em conta a coletânea de textos a seguir:

1. *Cyberbullying* é o *bullying* realizado por meio das tecnologias digitais. Pode ocorrer nas mídias sociais, plataformas de mensagens, plataformas de jogos e celulares. É o comportamento repetido, com intuito de assustar, enfurecer ou envergonhar aqueles que são vítimas. (Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/cyberbullying-o-que-eh-e-como-para-lo>. Acessado em 13/09/2021.)

2. Apesar de a maior parte das plataformas exigir idade mínima de 13 anos para a criação de um perfil, não há um controle rígido, o que faz com que o acesso de crianças e adolescentes às redes sociais seja livre. E é justamente por isso que o papel das famílias e das escolas é crucial para protegê-los e conscientizá-los dos riscos da superexposição. A premissa de que as novas gerações “nascem sabendo” lidar com a tecnologia é totalmente enganosa e mascara a fragilidade delas perante os inúmeros riscos e perigos que as mídias sociais escondem. Os jovens precisam de controle parental, acompanhado de diálogo, para desenvolverem uma relação saudável com as redes. Controlar o uso não significa proibi-lo, mesmo porque o universo digital é parte fundante da cultura e sociabilidades juvenis contemporâneas. Entre os conteúdos deliberadamente nocivos e os construtivos, há uma gama imensa de riscos implicados, como os próprios comentários de estranhos – diversas plataformas, inclusive, já permitem que o usuário não receba mensagens de desconhecidos. (Adaptado de Mariana Mandelli, Morte de adolescente reacende debate sobre exposição digital. 05/08/2021. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/08/morte-de-adolescente-reacende-debate-sobre-exposicao-digital.shtml>. Acessado em 13/09/2021.)

3.



A. C.

Celebridade brasileira do YouTube que ficou conhecida por seu canal “Vida de Amy”, onde posta desafios, vídeos de brinquedos e *vlogs*, a adolescente A. C. ganhou mais de 550.000 inscritos e ainda foi reconhecida como a primeira YouTuber surda oralizada do Brasil.

Antes da Fama

Aos três meses, ela começou a ser treinada por fonoaudiólogos, e aprendeu a falar e escrever em português.

Curiosidades

Em julho de 2014, ela postou o vídeo “Novos presentes para minha boneca Reborn”, que teve mais de 4 milhões de visualizações logo depois de postado.

(Texto adaptado. Imagem editada. Disponível em <https://pt.famousbirthdays.com/people/amanda-carvalho.html>. Acessado em 20/11/2021.)

4. A ampliação do acesso de crianças e adolescentes a celulares, *tablets* e outras telas portáteis criou uma nova modalidade de trabalho infantil: os *youtubers* mirins. Nessa atividade, crianças e adolescentes gravam vídeos periodicamente em seus canais no *YouTube* e são remunerados por fabricantes de produtos para os quais fazem propagandas, ou são remunerados pela própria rede social, quando há anúncios inseridos ao longo do vídeo. A atividade é prejudicial tanto para a criança ou adolescente que mantém o canal, quanto para o público infantojuvenil que o assiste. A advogada do Programa Criança e Consumo do Instituto Alana, Lívia Cattaruzzi, lista o consumismo e o materialismo, a diminuição de brincadeiras criativas, a obesidade infantil, a erotização precoce, a violência e a segregação de gênero como algumas consequências da exposição à publicidade infantil. (Adaptado de Cristina Sena, Matéria originalmente publicada no site do Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPET). Disponível em <https://livredetrabalho infantil.org.br/noticias/reportagens/youtubers-mirins-forum-nacional-discute-nova-modalidade-de-trabalho-infantil/>. Acessado em 11/09/2021.)

ANEXO 4 – REDAÇÃO 2 | 2020

Bom dia, boa tarde, boa noite pessoal, em pleno mês da conscientização ambiental, o nosso primeiro podcast da série “o verde da bandeira nacional” traz como pauta a inter-relação entre biodiversidade e o caráter multiétnico e multicultural do Brasil, discutindo sobre sua importância para o crescimento sustentável do país.

Muitos de vocês sabem que o Brasil é um dos países com maior biodiversidade natural – são mais de 200 mil espécies já registradas em todos os seus biomas –, ou seja, que a ampla variedade de espécies constitui um dos mais complexos patrimônios gênicos da humanidade. Entretanto, o que pouco se expõe para o mundo é que, atrelado ao contato com os diversos produtos advindos da natureza, a sociodiversidade nacional consolida o conhecimento tradicional e empírico, que as diferentes comunidades – indígenas, quilombolas, de agricultores familiares, entre outros – detêm sobre os usos racionais dessa biodiversidade. Quem já ouviu falar em chá de boldo para curar dores de cabeça ou folha de samambaia para refrescar irritações na pele? Acredito que poucos de vocês. Portanto, é notório que uma pequena parcela da sociedade conhece o real potencial de nossa vasta sabedoria popular, com relação àquilo que provém do meio ambiente. Contudo, alerta-se que esse cenário vem sofrendo grandes riscos de inferiorização, pois o avanço desmedido do agronegócio está afetando drasticamente um dos principais biomas brasileiros: o Cerrado, destruindo, assim, o dimensionamento sustentável das relações com o ambiente, e impossibilitando o contato com as espécies.

Vejam um trecho do poema de Nicolas Behr, chamado “O Cerrado é milagre, em Primeira Pessoa”, recitado por Marcos Palmeira, um dos principais ativistas nacionais a favor do meio ambiente (reprodução do áudio). Nessa passagem, nota-se que a divinização do Cerrado como lugar de obtenção da vida, visto seu potencial de biodiversidade, é ameaçada pelas práticas irracionais do agronegócio, as quais desmatam grandes áreas, aclimatam espécies exóticas, como a soja, e interferem no ciclo climático, provocando a desertificação do ecossistema e diversas outras perdas irreparáveis. Logo, sabendo dessa configuração atual, é de suma importância a preservação do patrimônio cultural e ambiental do Brasil para se garantir o desenvolvimento sustentável da produção, a fim de possibilitar a transmissão de conhecimentos populares às gerações futuras, visto que “estaremos todos mortos, mas nossos netos não”.

Desse modo, a conscientização das grandes empresas, com relação à readequação das atividades agrícolas, corrobora o enaltecimento do real propósito do verde em nossa bandeira nacional, o respeito à natureza. Sendo assim, de acordo com Bernardo Strassburg, diretor do Instituto Internacional para a Sustentabilidade, não se trata de impedir a população agrícola, mas sim de remodelar as condições de produção para se garantir a integridade da biodiversidade local, a ponto de enaltecer o papel social do conhecimento na integração harmônica com o meio ambiente. Espero ter ajudado em sua reflexão sobre o assunto e te aguardo para o nosso próximo episódio da série.

ANEXO 5 – REDAÇÃO 3 | 2020

Olá! Caros ouvintes, sou colunista da revista “Planeta” e nesse “podcast” semanal vamos abordar um tema muito relevante no Brasil atual: a sociodiversidade e a sustentabilidade ambiental como importantes fatores para a manutenção da nossa incrível biodiversidade e crescimento econômico. Para começar, gostaria de definir esses três termos, pois mesmo que a maioria de vocês já conheça, é sempre importante situar o ouvinte leigo e interessado. Bom, a sociodiversidade, como o nome já diz, consiste na multiplicidade de etnias e culturas que integram o nosso país, como os indígenas e quilombolas, sendo que, segundo o governo brasileiro, encontram-se mais de 305 grupos daqueles em nosso território. A sustentabilidade é um conceito mais brando, visto que é o conjunto de práticas que visam ao desenvolvimento humano com pouco impacto ambiental. Agora, a biodiversidade comporta a múltipla constituição da longa lista de espécies – animais e vegetais – que compõem uma região.

Tendo isso em vista, meus queridos ouvintes, gostaria de fazer algumas considerações que abranjam o tema deste “podcast”. Conversei via “Skype”, esta semana com a brilhante ambientalista Naiara Gortázar, sobre sua matéria publicada no “El País” em maio deste ano, que pode ser acessada na íntegra no site da nossa revista. Nesse nosso diálogo, ela me disse que os indígenas habitantes da Amazônia são imprescindíveis para a preservação da floresta, posto que suas práticas milenares de subsistência fazem com que eles tenham uma noção apurada do clima regional, o que dita sua caça e plantio. Assim, quando percebem problemas, param de utilizar a área, aliviando a pressão ambiental e servindo como alerta para as autoridades. Além disso, ela me destacou também que as terras onde vivem os indígenas e populações tradicionais têm sua depredação ambiental reduzida, fazendo-me pensar na necessidade de cada vez mais haver terras demarcadas e áreas de proteção permanente no Brasil.

Além disso, além da manutenção da biodiversidade feita pelas populações tradicionais diversas, a prática de sustentabilidade é uma importante aliada no crescimento econômico brasileiro, uma vez que o agronegócio é uma importante parte do nosso PIB. Apesar da aparente contradição, ambas as áreas estão conectadas. Sobre isso, é importante notar que o desmatamento do Cerrado e da Amazônia afeta diretamente a lavoura de soja do Centro-Oeste, uma vez que esses biomas permitem

que ocorra o abastecimento das bacias hidrográficas da região, importantes para a navegação e irrigação das lavouras. Portanto, público de casa, a manutenção do patrimônio animal, vegetal e cultura é a base do desenvolvimento da agricultura brasileira, uma vez que engloba transporte e produção, sendo, por isso, necessário o crescimento sustentável.

Vamos ficando por aqui, mas antes de finalizar gostaria de fazer uma paráfrase do grande poema “O Cerrado é milagre”, de Nicolas Behr, para contemplar a relevância desses assuntos aqui tratados: A biodiversidade, a sustentabilidade e a sociodiversidade são milagres, minha gente! Muito obrigado, até logo.

ANEXO 6 – REDAÇÃO 4 | 2020

Olá, amigos da revista Naturueb! Está começando mais um podcast Bio é vida! Nesta edição iremos tratar sobre a biodiversidade e a sociodiversidade no território tupiniquim e como essas temáticas auxiliarão no crescimento sustentável do Brasil. Então, venha comigo em mais um episódio que luta pela preservação da natureza. Em primeiro lugar, vale a pena esclarecer o que é biodiversidade. Para os nossos parceiros da ONG Florestas esse conceito é atrelado à diversificação da fauna e flora nos biomas. Logo, representa o potencial biótico de um ecossistema. Já a sociodiversidade representa o caráter multiétnico e multicultural de uma nação. Segundo o site do Ministério do Meio Ambiente, a pluralidade das etnias indígenas – vista nos costumes e nas línguas –, as comunidades quilombolas e os agricultores familiares representam o patrimônio social brasileiro, que busca na manutenção da biodiversidade a resolução para as querelas que enfrentam. Logo, a sociodiversidade garante prosperidade da fauna e da flora, pois respeita o tempo e os limites da natureza.

Infelizmente, os grandes latifundiários estão na contramão do preservacionismo. Durante o ano de 2019, diversos agrotóxicos foram liberados. A bancada ruralista conseguiu que diversos produtos químicos fossem dispensados em nossos solos e em nossos corpos d'água. Como consequência dessa política, os rios que nascem no Cerrado – berço das águas – já apresentam concentrações de metais tóxicos, como chumbo e mercúrio, acima das recomendadas pela OMS. Assim, como já dizia João Cabral de Melo Neto, a morte é a parte que cabe para os menos abastados nas grandes fazendas brasileiras. Calma, colegas ambientalistas! Apesar dessas notícias que nos envergonham, a esperança continua. Exemplo da preservação do meio ambiente, a comunidade indígena dos Paumaris, na Amazônia, triplicou a produção de peixes com técnicas que não causam a contaminação para os peixes criados em tanques próximos às margens dos rios. Essa prática sustentável garantiu a emancipação financeira da aldeia, além de melhorar o consumo de proteínas e ômega 3, essenciais para uma vida saudável. Ademais, a preservação das culturas dos povos nativos e dos populares ultrapassa os aspectos econômicos, uma vez que a relação entre os povos da sociodiversidade e a natureza é horizontal. Os índios, por exemplo, sabem o momento de diminuir as caças, para que o equilíbrio do ecossistema seja mantido.

Desse modo, para que as mudanças climáticas não coloquem a biodiversidade em risco, é de suma importância que os patrimônios culturais e ambientais sejam preservados. A comunidade dos Paumaris, com suas técnicas sustentáveis, demonstrou que é possível alcançar o crescimento econômico sem colapsar um bioma. Além disso, manter a sabedoria dos povos multiculturais é uma forma de resistência que visa à manutenção da história de um país e propicia um futuro próspero.

Assim, me despeço. Obrigado pelo seu tempo e pela a sua atenção. Até o próximo Bio é vida!

ANEXO 7 – REDAÇÃO 5 | 2020

Bom dia, queridos ouvintes!

Abordada desde a Carta de Descobrimento de Pero Vaz de Caminha, a enorme diversidade dos biomas brasileiros sempre foi um dos elementos de destaque do nosso país. Ao longo dos anos, os povos que aqui habitaram foram aprendendo a usá-la a seu favor, acumulando importantes acontecimentos, transmitidos de geração para geração. Quem nunca ouviu falar dos poderes de cura do chá de boldo? Ou que própolis com gengibre faz bem para garganta? Dessa maneira, em cada região, deste vasto país, a cultura foi se desenvolvendo de forma alinhada à biodiversidade local, resultando em um patrimônio socioambiental gigante, que, entretanto, vem sendo ameaçado por práticas econômicas predatórias.

De início, caros ouvintes, precisamos entender que a conservação ambiental não é um obstáculo ao crescimento econômico de um país; na verdade, ela pode se configurar como uma aliada, sendo o alicerce da Economia Verde. Mas vocês podem estar se perguntando como isso funcionaria, certo? Então, é nesse ponto que os conhecimentos tradicionais da comunidade entram. A incrível sociodiversidade brasileira nos garante a chance do desenvolvimento de novos produtos a partir do patrimônio genético nacional, que inclusive poderão ser comercializados. Por exemplo, na região da Mata dos Cocais, a sabedoria da população tradicional a respeito do coco babaçu foi incorporada por empresa de cosméticos, como a Natura, para a criação de um creme capilar derivado de se vegetal. Além disso, tal patrimônio pode e eu usado também na indústria farmacêutica e alimentícia. Dessa maneira, podemos compreender que a preservação ambiental é viável financeiramente a um país.

Entretanto, após os inúmeros desastres ambientais ocorridos no Brasil, nos últimos anos, como rompimento das barragens de Mariana e de Brumadinho e o aumento das queimadas na Amazônia, percebemos que a nossa política econômica vai de encontro a essa perspectiva sustentável, necessitando de mudanças imediatas. De acordo com o filósofo Byung Chul-Han e o seu Princípio da Responsabilidade, a preservação ambiental é imprescindível para garantir qualidade e viabilidade de vida para gerações futuras. Ou seja, se o atual ritmo de exploração predatória da natureza não for alterado, serão os nossos netos e bisnetos os mais prejudicados com a possível deterioração e falta dos recursos naturais.

Por isso, digo a todos vocês, se quisermos (e nós queremos!) que o Brasil cresça de forma sustentável e equilibrada, devemos preservar tanto nosso patrimônio cultural, quanto ambiental, porque só assim conseguiremos alinhar as nossas maiores riquezas; a biodiversidade e a sociodiversidade em prol de uma Economia Verde.

Agradeço a atenção de todos e tenha um bom dia!

ANEXO 8 – REDAÇÃO 6 | 2020

É comum associarmos a atividade humana à degradação da natureza e ao desequilíbrio dos ecossistemas, talvez por conta da sociedade industrial capitalista na qual estamos inseridos. Não é para menos: com um ritmo de extinção de espécies inédito e destruição de biomas em níveis alarmantes, às vezes nos parece que a natureza, da qual originamos, é incompatível com a humanidade. Mas sem nem mesmo sair do país podemos encontrar uma vasta variedade de povos que vivem em uma relação sustentável com o ecossistema que ocupam, em modelos econômicos milenares. Representados principalmente pelos povos autóctones, os ditos genericamente índios, não só convivem melhor com o ambiente que ocupam, como impedem que os não indígenas o destruam. Um exemplo claro é o do Estado de Rondônia, atingido pela fronteira do agronegócio, em que quase a totalidade dos remanescentes florestais está em reservas indígenas: não fosse a ainda rica sociodiversidade brasileira, e as ações tomadas para protegê-la, o Estado de Rondônia estaria virtualmente sem Amazônia, perdendo as inúmeras espécies que a habitam. Esta é a importância de proteger a diversidade, humana e biológica.

Ainda que você desconsidere a inerente importância cultural indígena e o valor da diversidade, tenha em mente que sua preservação é essencial para o crescimento sustentável do país e a manutenção da sua economia, pois na proteção destes patrimônios reside também a regulação hidrológica e pluvial de boa parte do Brasil, da qual dependem a agropecuária e o abastecimento humano. Nos planaltos do Cerrado, por exemplo, estão as nascentes de muitas das principais bacias hidrográficas nacionais. O mesmo Cerrado já perdeu metade de sua área para pasto, soja e gente, sendo um bioma com inúmeras espécies ameaçadas, e assim perdemos organismos únicos que poderiam fornecer produtos economicamente aproveitáveis, como fármacos em potencial e diversas outras patentes.

Portanto, ao reservarmos espaços para comunidades tradicionais, conseguimos proteger sua cultura e língua, e ainda preservar o tão importante patrimônio natural. Impedir a mineração e a agropecuária nessas regiões é essencial para que a antiga parceria de povos e matas funcione. No fim, ainda precisamos de muito mais que “dar um centímetro de terra para índio”.

ANEXO 9 – REDAÇÃO 7 | 2020

Olá, ouvinte do Biomas, nosso podcast semanal sobre biodiversidade e preservação, disponível em todas as plataformas e no nosso site em www.revistabio.com.br. Eu sou X e, antes de falar do Cerrado brasileiro, vou falar de um hidratante francês que eu avistei aqui na redação. Aloe Vera, dizia a embalagem e era uma marca cara. Mas em uma visita a qualquer farmácia vemos fileiras e fileiras de produtos caros e baratos à base dessa que sua avó costumava chamar de babosa. Muito antes de ser descoberta pela indústria de cosméticos, a babosa já era usada por avós nos subúrbios de qualquer cidade brasileira. Menos conhecida fora do Cerrado, de onde é nativa, é a semente de sucupira, muito eficaz para tratar dores de garganta, ou o chá de barbatimão, excelente antisséptico genital feminino. Se você achou babosa trivial mas se surpreendeu com essas outras plantas, vai ficar ainda mais surpreso quando souber que a maioria dos especialistas estima em milhares o número de plantas com propriedades medicinais no Cerrado que são pouco ou não exploradas pela comunidade científica. Séculos de medicina indígena, baseada em plantas, criaram um vasto conhecimento sobre as espécies de um dos biomas mais biodiversos do mundo. As comunidades sertanistas, misturas étnicas e culturais dos povos que atravessaram os sertões ao longo desses muitos anos, foram capazes de preservar uma grande parte desse conhecimento pela tradição oral. Nesses lugares, velhas senhoras ainda hoje receitam chás amargos para as mais diversas moléstias. A biodiversidade e a sociodiversidade do Cerrado brasileiro o tornaram o lugar de excelência para o redescobrimto de plantas que, a exemplo da babosa, irão tomar de assalto a cosmetologia ou a medicina e provocar grandes impactos econômicos na saúde. Infelizmente essa possibilidade é cada dia mais remota, porque os dois elementos formadores desse potencial, a diversidade de espécies e a de culturas do sertão, estão ambos fortemente ameaçados. A destruição do Cerrado e a mudança no perfil sociodemográfico dos habitantes dessas regiões põem em risco a manutenção desse conhecimento e a sua possível exploração comercial. O que é irônico é que o próprio potencial econômico das plantas poderia ser suficiente para conter a destruição do Cerrado, para estimular governos e empresas a ampliarem os esforços de preservação. É por isso que vou aproveitar o episódio de hoje para promover o projeto da Dra. Y, que está percorrendo as comunidades do Mato Grosso para documentar a medicina sertanista. Entre no site da revista para acessar e

contribuir para esse projeto que pode contribuir para que entendamos que o Cerrado tem mais valor como bioma do que como fazenda de soja. Um abraço a todos e até o próximo programa!

ANEXO 10 – REDAÇÃO 8 | 2020

Olá, caros ouvintes da comunidade científica! Hoje inauguramos a tão esperada série de podcasts da nossa revista com um tema de grande relevância, em especial nesse ano de 2019: a biodiversidade associada à sociodiversidade no Brasil.

Primeiramente, não é novidade a assombrosa biodiversidade presente no país, com suas mais de 200 mil espécies catalogadas, dispersas por seus variados ecossistemas, desde a exuberante Amazônia até a semiárida Caatinga. No entanto, também é fato consensual, pelo menos no meio científico, ao que parece, que a destruição desses mesmos ecossistemas tem se alastrado de forma alarmante, como comprova o relatório da ONU de maio de 2019.

Curiosamente, esse mesmo relatório constata que, em territórios onde habitam povos indígenas, a devastação é retardada. Não é difícil compreender essa constatação se analisarmos a fundo os aspectos culturais das comunidades tradicionais brasileiras. Chegamos, enfim ao tema da sociodiversidade. Indígenas, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos: todos povos tradicionais que há séculos se dedicam ao extrativismo ou à agricultura familiar, modalidade de maior participação no abastecimento do mercado interno. Graças ao contato histórico com a natureza, bem como à dependência dela para sua subsistência, e à própria cosmovisão, no caso dos indígenas, principalmente, esses povos aprenderam os caminhos de uma economia sustentável, por meio de uma relação saudável com o meio ambiente e, por isso, deveriam servir de modelo para os sistemas produtivos modernos. Assim, fica claro que a larga sociodiversidade é vetor da preservação da biodiversidade.

Porém, um fator em comum tem ameaçado tanto o meio ambiente quanto a legitimidade e a existência das comunidades tradicionais. Se me permitem os ouvintes a alusão a Nicolas Behr, passa o correntão que leva tudo, mas para brotar coisa melhor: soja, verdinha, verdinha. De fato, a expansão da fronteira agrícola, associada ao agronegócio, ainda é o principal veto de devastação ambiental, em especial do Cerrado, que comporta 9 bacias hidrográficas, e conflitos fundiários, sob justificativa de aumentar a produção. Aí está, caros ouvintes, a grande inconsistência! Se os biomas brasileiros são responsáveis pela manutenção dos recursos hídricos e pelo regulamento climático, sem os quais o agronegócio no Centro-Oeste brasileiro não seria viável, como se espera ampliar a produção destruindo esses mesmos biomas?

Assim, reafirmando a importância da biodiversidade, além de agradecendo pela atenção, os chamo para a ação enquanto ambientalistas e encerro este podcast.

ANEXO 11 – REDAÇÃO 9 | 2020

O Brasil é dotado de uma ampla diversidade biológica e social que se reflete na existência de diversos biomas e agrupamentos sociais, os quais se relacionam de maneira surpreendente. A princípio, a sociodiversidade abrange um conjunto de conhecimento e práticas culturais que colaboram para a compreensão e a preservação do meio ambiente e, conseqüentemente, da biodiversidade. Além disso, constituem meios de crescimento sustentável.

Observe os índios, por exemplo. Segundo relatório da ONU, nas regiões por eles habitadas, a destruição da natureza ocorre de modo mais lento do que em outros locais do planeta. Isso ocorre porque utilizam de seu repertório sociocultural para explorar a natureza de modo mais sustentável, ou seja, não extraem recursos de modo arbitrário e predatório, dando tempo para o meio natural se regenerar e diminuindo os prejuízos a ele. Portanto, tal “consciência verde”, proveniente dos conhecimentos e práticas de diferentes grupos humanos, é indispensável. Como fazem parte do patrimônio sociocultural, é dever nacional garantir sua preservação em prol da sustentabilidade e da biodiversidade local.

Além disso, é importante reforçar a necessidade de preservação do patrimônio ambiental. Primeiro, é dele que é extraída a maior parte dos recursos inerentes ao desenvolvimento humano. Tais produtos, entretanto, possuem limites naturais e podem se esgotar, afetando as gerações futuras. Segundo, os biomas desempenham papel decisivo no funcionamento de fatores geográficos e climáticos locais, como umidade, regime de chuvas, nutrição dos solos e o tempo em si. Portanto, destruí-los gera desequilíbrios em âmbito social, ou seja, em larga escala, afetando diversos setores da vida humana.

Garantir o crescimento sustentável é garantir a preservação dos patrimônios culturais e socioambientais. É saber usar o conhecimento e a cultura que residem nos “povos brasileiros” em prol de um desenvolvimento menos agressivo e que respeite as necessidades e diversidades naturais. É saber ser índio de vez em quando.

ANEXO 12 – REDAÇÃO 10 | 2020

Script do Podcast a ser gravado

Olá a todos, sejam muito bem-vindos. No podcast de hoje, trazido a vocês pela Revista Brasil-Bio, colocaremos em pauta o tema “As Relações entre biodiversidade e a sociodiversidade no Brasil”, explicando a importância das interações desses fenômenos e suas implicações para o desenvolvimento sustentável do país.

Em primeiro lugar, vamos definir os principais termos em questão. “Biodiversidade” se refere a uma diversidade de espécies biológicas em determinado ambiente, enquanto “sociodiversidade” se refere a uma multiplicidade de etnias e culturas em um espaço geográfico. Pensando nesses aspectos, sabe-se que o Brasil é rico em ambas e, apesar de não parecer à primeira vista, elas se relacionam entre si. De fato, em muitos casos, a interação entre elas é necessária para a manutenção do equilíbrio da natureza e da sobrevivência de culturas. Tomemos como exemplo os indígenas das mais variadas tribos que habitam a floresta Amazônica. Cada tribo vive em uma porção da floresta e dela retira os recursos para sua sobrevivência, de modo que a destruição do bioma acarretaria o extermínio de indivíduos e de dezenas de saberes. Por outro lado, os indígenas, com seus saberes acumulados ao longo de gerações, desfrutam de um modo de vida que busca danificar a mata o mínimo possível, o que contribui para a sua preservação.

Mas, então, como tudo isso se relaciona com o desenvolvimento sustentável? Bem, sabemos que os índios não são os únicos povos que vivem nessa intensa interdependência com a natureza: populações ribeirinhas, quilombolas, pescadores, castanheiros e muitos outros grupos também interagem intensamente com o ambiente; por isso, desenvolvem técnicas para explorá-lo sem destruí-lo. É exatamente nisto que consiste o desenvolvimento sustentável, utilizar recursos do meio, mas preservá-los para as futuras gerações. Agora pense, caro ouvinte, quão valiosas são essas técnicas, principalmente considerando as devastações que temos observado nestes últimos anos? Imagine se empresas incorporassem esses conhecimentos, realizando uma exploração do meio?

Por isso, fica evidente a importância da preservação do patrimônio cultural e ambiental brasileiro, visto que ela permite a proteção de nossas riquezas naturais e de saberes históricos extremamente úteis, os quais dependem um do outro. Afinal,

para construir o futuro das próximas gerações, temos que usar e valorizar o que temos hoje.

Nosso podcast chegou ao fim. A Revista Brasil-Bio agradece pela sua preferência. Fique ligado para mais conteúdos em breve! Adeus!

ANEXO 13 – REDAÇÃO 11 | 2020

Olá, ouvintes! Hoje o tema do nosso podcast será o desenvolvimento sustentável. Discutirei os fatores que devem ser considerados quando se fala sobre o assunto. Então continue comigo e vamos nos debruçar sobre um tema tão essencial.

Gostaria de começar ressaltando a relação entre biodiversidade e sociodiversidade. É do conhecimento de todos que o nosso país possui uma enorme riqueza natural, com uma grande quantidade de espécies distribuídas em diversos biomas, sendo que apenas pouco mais de 10% dessas espécies são registradas. Diante dessa abundância natural, identifica-se o papel das comunidades tradicionais no crescimento sustentável do país, que é possibilitar a exploração sustentável desse patrimônio ambiental, pois elas detêm conhecimentos associados a ele e, dessa forma, podem contribuir para o desenvolvimento de novos produtos, como, por exemplo, medicamento, que impulsionem a indústria brasileira.

No entanto, hoje, quando se fala em preservação do nosso patrimônio cultural e ambiental, esse discurso é logo associado a uma posição contrária ao crescimento do país. É comum que se pense que o desenvolvimento econômico depende de uma exploração indiscriminada dos recursos naturais, além de ser comum o descarte da importância das populações tradicionais nesse processo. Assim, é necessário combater esse ponto de vista equivocado com informação. Em primeiro lugar, destaca-se a relevância da conservação da biodiversidade para o abastecimento hídrico e regulação climática. Como exemplo, toma-se o Cerrado, o qual é ameaçado pela expansão da agropecuária. Nota-se que esse bioma possui as nascentes de importantes rios que integram várias bacias hidrográficas pelo país, os quais impactam a oferta de água e a geração de energia elétrica. Além disso, percebe-se a importância da Amazônia para a manutenção do regime de chuvas na região Centro- Sul, as quais impactam a produção agrícola que é tão fundamental para o crescimento do PIB brasileiro. Em segundo lugar, é necessário também incluir nesse discurso de preservação as comunidades tradicionais, como os indígenas, os quais, segundo relatório da ONU, contribuem para a diminuição da destruição da natureza. Eles também são muito mais sensíveis a alterações do ambiente e, assim, podem ser poderosos aliados para o alerta de possíveis problemas ambientais e para a consequente conservação ambiental.

Diante das informações expostas, é possível afirmar que a preservação da natureza e da diversidade étnica do Brasil é essencial para o desenvolvimento sustentável do Brasil. Agradeço a todos pela audiência e espero ter a companhia do ouvinte em um próximo podcast. Até mais.

ANEXO 14 – REDAÇÃO 12 | 2020

Caros cidadãos brasileiros, ambientalistas nacionais, internacionais e todos os atuais administradores da Terra, o assunto de hoje é de ampla circulação global: o meio ambiente e seus correlatos, em especial, agora, o do Brasil, país multiétnico e multicultural, e que está, infelizmente, em tantas manchetes internacionais que denunciam a falta de prioridade deste para com as questões de preservação da biodiversidade.

Não é novidade que, no atual cenário político e social brasileiro, o meio ambiente tem sido relegado a enésimo plano. Por trás de frase como “Queimadas são naturais, não é preciso se preocupar!” repetidas por tantos brasileiros, há uma certa ignorância sobre a biodiversidade que está, literalmente, queimando, e a sociodiversidade que está sendo reduzida. A primeira formada pelo amplo patrimônio genético nacional, com mais de 1,8 milhão de espécies dispersas entre seis biomas, além das Zonas Costeira e Marinha. Já a sociodiversidade é constituída por grupos humanos locais como quilombolas e caiçaras, além de 305 etnias indígenas. É possível, inclusive, fazer uma analogia entre mutualismo e a relação entre essas diversidades, a biológica e a social, já que a primeira sustenta a existência da segunda, a qual garante a preservação daquela, como exemplifica Nurit Bensusan, da ONG Instituto Socioambiental, ao dizer que os índios conhecem tão bem as florestas (que os sustentam) que, para não dizimá-las, param de caçar em uma área durante um tempo para aliviar o impacto.

Ademais, os caros ouvintes já devem ter escutado que é preciso desmatar para obter sucesso econômico. Todavia, a realidade é oposta; é justamente preservando o patrimônio cultural e ambiental que o crescimento chega, e chega de forma sustentável. Para compreender melhor isso, cabe analisar o cerrado. Tal ecossistema vem sendo devastado com correntões, fogo e facões, atitude que vem trazendo prejuízo para a oferta de água e a regulação do clima no centro-sul. Caso houvesse respeito e valorização dos habitantes do cerrado, com sua cultura e sabedoria, o progresso econômico poderia chegar por meio da união do saber popular às indústrias farmacêuticas e cosméticas, união que preservaria também a biodiversidade, exigindo medidas públicas a favor da sustentabilidade do país, que não deve colocar crescimento e preservação em pautas divergentes.

Portanto, caro ouvinte, é fundamental que, após esse contato com argumentos sustentáveis, nos aprofundemos no tema para, como efetivos administradores do planeta, agirmos possibilitando legá-lo, em condições adequadas, aos futuros responsáveis.

ANEXO 15 – REDAÇÃO 13 | 2020

Olá, caros ouvintes do Brasil e do mundo! Estamos começando hoje o podcast da nossa revista Brasil Sustentável e iremos discutir um tema que é sempre muito pedido pelos nossos seguidores. Falaremos sobre a relação importantíssima – mas muitas vezes negligenciada – entre a biodiversidade e a sociodiversidade, destacando a necessidade de preservar o nosso patrimônio cultural para que possamos manter nossa riqueza ambiental e desenvolvimento sustentável.

Antes de mais nada, precisamos sempre lembrar que o Brasil possui uma biodiversidade extremamente rica para muito além da Amazônia. Ao somar o Cerrado e os demais biomas, estima-se que o país abrigue mais de 1 milhão e 800 mil espécies, um patrimônio genético de dar inveja a qualquer país pela capacidade de desenvolver e patentear produtos comercializados com diversas nações. Porém, nessa jornada de desenvolvimento, é crucial que haja a participação das comunidades que tradicionalmente ocupam esses espaços, pois elas vêm acumulando conhecimento sobre essas espécies há gerações e já descobriram diversos potenciais usos delas, economizando valores exorbitantes em pesquisas de campo.

Entretanto, de nada adiantará esse potencial de desenvolvimento sustentável gigantesco se estamos perdendo cada vez mais rápido essa diversidade biológica e de conhecimento. Nas últimas décadas, com a expansão da fronteira agrícola, estamos vivenciando proporções alarmantes de desmatamento e conflitos com povos locais no Cerrado e na Amazônia. De acordo com um artigo de Ana Lúcia Azevedo no jornal “O Globo” em 14/10/2018, nota-se que expansão do agronegócio para o Cerrado poderá se tornar a maior extinção de plantas já registrada no mundo e a ameaça à integridade das nove principais bacias hidrográficas do país. Dessa forma, essa destruição não representa apenas deixar de ganhar com a exploração sustentável desse patrimônio, mas também uma verdadeira ameaça à manutenção da integridade de todo o Brasil.

É por isso que é fundamental preservar a sociodiversidade que comentamos anteriormente, uma vez que o último relatório da ONU que aborda essa velocidade de extinção de espécies apresenta essas comunidades – em especial os povos indígenas – como chave para frear esse processo, já que a destruição da natureza ocorre de maneira mais lenta onde se encontram esses povos. Preservar um é a garantia futura da manutenção da integridade do outro.

Portanto, meus ouvintes, reforçamos que o ativismo pela preservação ambiental deve sempre incluir a defesa desses povos e de suas culturas. Esperamos que vocês tenham gostado da nossa conversa de hoje e continuem nos acompanhando nas redes para mais conteúdos sobre sustentabilidade. Até a próxima!

ANEXO 16 – REDAÇÃO 14 | 2020

Uma boa tarde, senhoras e senhores ouvintes! Me chamo Arthur Silva, sou ambientalista e colunista da Bio Brasil há 8 anos e estou aqui hoje para promover uma discussão importantíssima sobre a relação entre a sustentabilidade e a biodiversidade e o caráter multiétnico e multicultural brasileiro. Para enriquecer nossa conversa, convidei meu colega Lucas Rodrigues, também colunista e natural de Goiânia, que trará uma visão mais local e específica sobre o que falaremos adiante.

Primeiramente, todos nós sabemos da exuberância biológica natural brasileira em seus biomas, como a Amazônia, o Cerrado entre outros. Em função dessa biodiversidade, contamos com uma pluralidade sociocultural extraordinária, com mais de 300 etnias indígenas e diversas comunidades tradicionais e locais, as quais detêm conhecimentos específicos associados ao espaço em que estão inseridas. Essa íntima correlação desses dois fatores torna-se um importante meio para promover o desenvolvimento sustentável no país, uma vez que essas populações conhecem os limites naturais das florestas. Caso você desconheça o termo, trata-se, basicamente, do desenvolvimento econômico que não prejudique ou comprometa as futuras gerações.

Vocês devem estar se lembrando da jovem ambientalista Greta Thunberg, que ganhou destaque nas mídias ultimamente. Ela, defensora de um modelo sustentável de crescimento, atacou os modos como os líderes mundiais tratam o ambiente e enfatizou o intenso desmatamento e poluição que o mundo sofre. E são justamente essas ações que estão ameaçando o nosso Cerrado. Somos diariamente bombardeados com notícias elogiando o agronegócio, mas não nos mostram as consequências dessa atividade para o bioma e para a nossa cultura, como a extinção de diversas espécies de plantas, que traz perdas de segurança hídrica, climática e de biodiversidade. Essa última, como já falado, acaba afetando diretamente os saberes populares e culturais dessa região. Além disso, a expansão do agronegócio choca-se frontalmente com inúmeras populações indígenas, as quais acabam, muitas vezes, em massacre e genocídio tanto de pessoas quanto de seus conhecimentos.

É por isso que, para finalizar, eu proponho a vocês, ouvintes, a discussão e a reflexão sobre a importância, falada aqui hoje, da preservação do patrimônio cultural e ambiental na sustentabilidade do Brasil, com o objetivo de minimizar ou até acabar – já pensou? – com a política do desmatamento no Brasil e preservar nossos biomas

e vidas humanas no processo. Muito obrigado pela atenção de todos. Agora vou passar a palavra ao meu colega Lucas. Boa tarde.

ANEXO 17 – REDAÇÃO 15 | 2020

Olá, meu caro ouvinte! Caso você não me conheça, eu sou a Clarisse Amadeu, colunista da “Revista Online Planeta Brasil”. O podcast de hoje será sobre a temática da importância da biodiversidade, da sociodiversidade e da sustentabilidade.

O Brasil é um país com milhares de plantas e animais espalhados pelos diferentes ecossistemas e com uma pluralidade étnico-racial notória. Esses dois elementos – a biodiversidade e a sociodiversidade – se associam e se inter-relacionam, promovendo um desenvolvimento sustentável. Isto é, as comunidades indígenas e quilombolas – conhecedoras do ambiente em que vivem – extraem da natureza aquilo que é essencial para sua sobrevivência e, algumas vezes, produtos medicinais ou estéticos, mas sem destruir o bioma em que habitam. Isso é fundamental para a manutenção do patrimônio ambiental brasileiro e também promove um crescimento sustentável. Nesse sentido, a preservação dos diversos ecossistemas que essas populações realizam, além de se contrapor ao desmatamento protagonizado pelos setores extrativistas e agropecuários, também contribui para que as gerações futuras possam desfrutar das riquezas naturais do país.

Dessa forma, esses povos tradicionais são imprescindíveis para a sustentabilidade nacional, visto que realizam o posto ao que grandes empresas fazem. A partir da Segunda Revolução Verde (que, por meio da biotecnologia, possibilitou a produção de soja transgênica adaptada ao clima tropical), houve o avanço da fronteira agrícola no país sobre o Cerrado e a Amazônia, cujos responsáveis foram sojicultores do agronegócio. Essa expansão agrícola desmatou esses biomas, representando uma perda inestimável da biodiversidade. Além disso, ela deslocou – compulsoriamente – as comunidades tradicionais de seu habitat tradicional. Consequentemente, houve a ampliação da degradação ambiental, uma vez que são esses povos os responsáveis por manter a preservação dos ecossistemas. Assim, os indígenas e quilombolas são elementos essenciais para a manutenção do patrimônio genético, cultural e ambiental do Brasil, assim como para o desenvolvimento sustentável, pois, sem eles, as empresas agrícolas transformariam mais biomas em extensos latifúndios monocultores de soja a fim de reproduzir capital.

Espero que você tenha gostado do podcast e entendido a importância das comunidades tradicionais para a preservação da biodiversidade brasileira e para o

desenvolvimento sustentável, permitindo que as gerações futuras tenham acesso a esses recursos. Até o próximo podcast!!

ANEXO 18 – REDAÇÃO 2 | 2022

Oi, galera! Depois de quase uma semana sumida, o que na internet é traduzido como 300 anos, eu me senti na obrigação de dizer o que está rolando para vocês. Bom, como a maioria que me acompanha sabe, eu fiz 15 anos na semana passada, juntamente com o aniversário de dois anos deste Instagram, que contabiliza mais de 200 vídeos sobre empoderamento feminino publicados, além de 30 *lives* sobre gordofobia e autoestima, das quais me orgulho muito. Apesar desses números e de quase 1 milhão de seguidores que acompanham meu conteúdo, tenho recebido, nas últimas *lives*, comentários extremamente violentos em relação ao meu corpo, que se tornaram gatilhos responsáveis por novas dietas malucas e por episódios recorrentes de compulsão alimentar tão temida pelos meus pais.

Dito isso, vocês podem pensar: “Nossa, a Vi é insegura assim?” ou “Ela não amava seu corpo acima da opinião alheia?”. Pois é, nem sempre foi assim. A garotinha de 13 anos, insegura e vítima do bullying dos “amigos” da sala por ser considerada gorda e feia era minha realidade antes de virar *digital influencer*. Antes desse Instagram como veículo para ensinar o autoamor e o respeito, eu navegava na *deep web* em busca da dieta do ovo e de métodos bulímicos eficazes, lembranças que retornaram depois desses comentários hostis. Falei para minha mãe que eram apenas *haters* sem importância fazendo seu *cyberbullying* diário, mas, ao esconder a verdade sobre como essas contas anônimas me afetavam, mais eu mostrava meu medo em relação ao número crescente desses *haters* proporcional à minha exposição na internet. Diante dessa situação e, com toda preocupação e influência de diversos familiares, meus pais consideraram o fechamento deste perfil, pensando principalmente, na minha saúde mental.

Apesar de preocupados, meus pais entendem que o diálogo é fundamental em situações como esta e medidas extremas não iriam me fazer compreender como o acompanhamento familiar é fundamental para lidar com a pressão virtual. Esta nova era de adolescentes, vulgo “nós”, que domina as redes sociais também é influenciada pela grande presença de violência virtual, erotização infantil e inúmeros crimes que podem se transformar em gatilhos e acarretar posturas cada vez mais violentas sobre si mesmos e sobre os outros. Dessa forma, acredito que um suporte familiar e um amparo terapêutico seriam de grande valia para esta nova juventude *influencer*, de maneira a mostrar como a internet é um meio sumário para a troca culturas e as

sociabilidade, ao mesmo tempo que conscientiza os indivíduos acerca dos riscos da superexposição, ensinando como denunciar e bloquear comentários extremistas em vista de um pensamento mais tolerante, assim como meus pais fizeram comigo ao decidir não fechar esta conta.

Depois deste post enorme, gostaria de ressaltar o apoio terapêutico dos meus familiares e de vocês, é claro! Já estou melhor e pronta para mais post sobre positividade corporal feminina, que virão em breve. Obrigada pelo carinho!

ANEXO 19 – REDAÇÃO 3 | 2022

Enquanto grande parte dos nerds e dos consumidores de cultura pop se encontram em êxtase com o lançamento do mais novo filme do Homem-Aranha, eu preciso dar uma pausa na alegria geral e esclarecer algo aos seguidores do meu canal no YouTube, o Farol Cinéfilo. Em meio a preocupações acerca da minha exposição demasiada nas redes sociais por parte de meus pais e de meus amigos, eu decidi me afastar da internet por tempo indeterminado.

Eu comecei o Farol Cinéfilo quando eu tinha 13 anos de idade como uma forma de me expressar e de falar sobre filmes de que eu gostava, isso nunca foi feito por ambição. Entretanto, meu canal, há seis meses, chegou a quase 1 milhão de seguidores, e, junto deles, vieram também a insegurança e a pressão para que sempre houvesse conteúdo novo relacionado a lançamentos recentes no cinema. Toda essa enxurrada de informações me deixou extremamente sobrecarregado, fato que, aliado ao cyberbullying que eu sofria ao apresentar opiniões contrárias às do público em minhas críticas, conseguiu destruir completamente o meu emocional e todo o meu gosto por sentar à escrivaninha, ligar a câmera e comentar incansavelmente sobre teorias do “Universo Cinematográfico da Marvel” e sobre as apostas para a próxima edição do Oscar.

Por causa de toda essa experiência traumática, hoje, aos 15 anos, posso afirmar que sou definitivamente contra a atuação de crianças e adolescentes como *digital influencers*, visto que, em uma fase de crescimento e amadurecimento tão importante como essa, é imprescindível que haja um ambiente saudável no qual jovens possam se desenvolver (cenário totalmente contrário ao caos encontrado na aba de “comentários” do YouTube). Durante os meus dois anos de produtor de conteúdo na internet, passei por crises de ansiedade e por ataques de pânico, perdi minha individualidade ao moldar minhas opiniões e desperdicei parte da minha adolescência. O que eu mais gostava de fazer se tornou uma cruel fonte de terror, e eu não recomendo essa experiência.

Bom, agora todos podem voltar à euforia de discutir *spoilers* de Homem-Aranha! É exatamente isso o que eu vou fazer – sozinho, com a câmera desligada.

ANEXO 20 – REDAÇÃO 4 | 2022

Oi, “seguimores”! Tudo bem com vocês? Hoje vim aqui no Facebook falar sobre um assunto um pouquinho diferente do meu conteúdo original de maquiagem. Decidi escrever este textão como uma resposta a vários comentários de parentes e amigos sobre minha atividade de digital influencer adolescente. Desde o aumento recente do meu número de seguidores (obrigada de coração a todos que me seguem!), meus pais receberam vários avisos sobre minha superexposição na internet. Alguns os aconselharam a fechar minhas contas para não serem processados por trabalho infantil, enquanto outros sugeriram que eles monetizassem meus perfis.

Primeiro, quero reforçar a todos que meu objetivo nunca foi e nunca será ganhar dinheiro com minhas postagens. Quando comecei a filmar meus vídeos de “make” com 13 anos, eu só queria compartilhar a paixão enorme que tenho por maquiagem. Quanto mais seguidores eu ganhava, mais animada eu ficava, mas nesses dois anos de uso das redes sociais também percebi que com a fama vem o *hate* – os comentários negativos. Lembro de ler o primeiro insulto no YouTube com 14 anos, em que me chamaram de “porca nojenta”. Chorei o dia inteiro e finalmente entendi por que meus pais e minha escola me avisaram dos perigos da internet. Ela pode ser maravilhosa, mas também assustadora.

Por isso entendo o medo dos adultos de que crianças e adolescentes sejam *digital influencers*, mas acredito que proibi-los de tentar seria muito pior, já que as redes sociais fazem parte do nosso dia a dia e queremos participar delas. Os jovens proibidos de usar a internet não vão deixar de acessá-la mesmo sem a autorização dos pais. Isso só os deixa mais vulneráveis aos abusos emocionais. Se eu não tivesse um diálogo aberto com minha escola e com meus pais, não teria falado sobre minha experiência com os comentários negativos e não teria entendido nem denunciado o cyberbullying que sofri. São eles que me dão segurança para continuar postando meu conteúdo.

Agora, mesmo que eu apoie *digital influencers* jovens, sou contra a monetização dos perfis deles (inclusive do meu!). Vivemos um momento de descobrir nossos interesses e de os compartilhar. Não devíamos nos preocupar em ganhar dinheiro e em vender produtos. Vi, em uma reportagem sobre superexposição à publicidade infantil, que essa propaganda pode gerar o materialismo, a erotização

precoce e a segregação de gênero. Isso é horrível. O universo digital precisa ser um lugar de acolhimento e representatividade. Como é o canal Vida de Amy (super-recomendo!).

Enfim, espero que tenham entendido meu posicionamento. Se puderem, compartilhem o texto! Beijinhos, J. W.

ANEXO 21 – REDAÇÃO 5 | 2022

Então, gente, já faz um tempo que eu queria escrever sobre isto, mas estava enrolando. Lá vem textão. Preparem-se! Bom, alguns conhecem um pouco da minha história, só que, como temos carinhas novas por aqui, vou dar uma ideia geral da coisa antes de entrar no que quero falar.

Durante a pandemia in-fi-ni-ta (sério, quando isso vai acabar?), eu comecei a ler mais do que de costume e a experimentar outros tipos de livros além dos YAs e NAs que a gente ama (pra quem não sabe o que é, já fiz um post sobre isso por aqui). Só que eu me sentia muito sozinha, sabe? Não tinha com quem conversar sobre o que eu estava falando de literatura. Então comecei a postar algumas fotos de livros e minha opinião sobre eles. A coisa foi crescendo e, antes que eu percebesse, aqui estamos.

Agora vamos ao ponto principal da conversa. Há alguns meses, uns conhecidos chegaram a falar comigo e com a minha mãe e, enquanto uns falavam que ela deveria deletar minha conta, outros queriam saber quanto a gente ganhava com isso e que tínhamos que monetizar já! Eu fiquei pensando muito e conversei com minha mãe também. Sabe, gente, não foi fácil aprender a lidar com tantas pessoas me seguindo e vendo o que eu postava. No começo, tinha gente me mandando *direct*, falando coisas horríveis ou comentando toda vez que eu não sabia nem escrever e não deveria dar minha opinião. Eu sofri muito e quase decidi parar mesmo. Mas aí minha mãe e minha professora de português (amo vocês, lindas <3) me confortaram e mostraram que o que eu estava fazendo era muito importante para quem gostava de livros e até para os adolescentes que não liam nada, até começarem a me seguir minhas dicas. A professora também mostrou perfis de jovens de todos os lares do país, com gostos diferentes, às vezes com realidades muito difíceis. Ela falou que cada um dava voz a um grupo e ajudava a espalhar uma vivência diferente (vou marcar alguns perfis aqui embaixo). Eu refleti bastante e decidi que queria continuar fazendo tudo isso, independentemente das críticas e de gente que acha que estou sendo explorada (pois é, teve até isso!). No fim das contas, acho que, se você é jovem e quer usar seu perfil para falar de algo, fale! Só não esqueça de que é bom ter apoio e conseguir conversar em casa e na escola. Claro que crianças mais novas precisam de mais supervisão, mas, se você já é mais velho, explica direitinho em casa e continue, desde que esteja fazendo pelos motivos certos. É isso. “XOXO”

ANEXO 22 – REDAÇÃO 6 | 2022

Salve, família! No almoço de Natal aqui em casa, “rolou” uma discussão sobre minha exposição no Instagram e no TikTok, e teve todo tipo de opinião. Vários parentes falaram que meus pais estavam incentivando uma forma de trabalho infantil, enquanto outros estavam superanimados com o engajamento e até perguntaram se meus pais já tinham monetizado o perfil. Bom, tudo isso me fez refletir bastante e decidi conversar com vocês sobre o assunto.

Para começar, acho legal contar um pouco sobre como eu cheguei aqui, especialmente para a galera que começou a me seguir recentemente. Eu cresci no litoral de São Paulo e, desde pequeno, eu pego onda com meu pai e participo de uns eventos de surfe nas praias perto de casa. Aí, há dois anos, tive a ideia de compartilhar minha rotina, mostrando minhas idas para a praia ou a prancha que eu estava usando, e a rapaziada foi curtindo e, quando eu fui ver, uma marca ou outra já estavam me chamando para fazer parceria. Quando chegou na metade de 2021, toda essa relação com as redes ficou muito mais intensa (acho que foi porque o Ítalo Ferreira ganhou o ouro no surfe olímpico e aí o algoritmo do Insta direcionava pessoas novas para o meu perfil todos os dias, aumentando muito o número de seguidores). E, então, chegamos nos dias de hoje, com quase 1 milhão de pessoas me acompanhando (muito obrigado, gente!).

Saindo dessa retrospectiva e voltando para a discussão, preciso dizer que existem muitos desafios e perigos para crianças e adolescentes, como eu, que se tornaram digital influencers; mas isso não significa que devemos ter nossas contas canceladas e excluídas. Meu pai, o mesmo cara que vocês veem na praia comigo todo os sábados, tem total acesso às minhas conversas privadas, e, sempre que alguém manda umas mensagens estranhas – e, acreditem, isso acontece mais do que vocês imaginam – ele vem conversar, ver se eu estou bem e, então, bloqueamos o “fã”. Sem o apoio dele, eu não iria conseguir lidar com esse tipo de coisa e, provavelmente, teria desistido do perfil há muito tempo. Além disso, tem a questão do “trabalho infantil”, que eu só posso responder de um jeito: não faz o menor sentido! Ao contrário do que muitos pensam, eu me divirto demais interagindo aqui, e também não deixo de viver muito bem minha vida na escola, em casa ou na praia. Mas, claro, essa negação à ideia de “trabalho infantil” só pode ser feita se houver um requisito

que, na minha opinião, todo *influencer* mirim deve ter: o acompanhamento e o apoio dos pais.

Desculpa pelo textão, gente. Mas era um assunto que eu senti que precisava colocar aqui. Muito obrigado para quem leu tudo, e vamos em frente que no fim de semana vai sair um vídeo irado lá no TikTok ok!

ANEXO 23 – REDAÇÃO 7 | 2022

Hoje o meu bom-dia será com uma história pessoal! E, sim, começa no início do meu canal. Quando eu tinha 13 anos e me apaixonei pelo YouTube, esse que sempre me mostrava brinquedos, maquiagens, roupas e dicas, ou seja, tudo o que uma adolescente entende como essencial. Preciso confessar também que a revolta já me atingia. Por que meus pais me privaram desse mundo em que eu não era excluída, como na escola? Foi com essa devoção infantil que fiz das redes sociais os canais para a realização de meu novo sonho de vida (muito precipitada, eu entendo agora). Queria virar *digital influencer* e ser como as garotinhas brilhantes que desempacotavam presentes tão legais. Elas pareciam bonecas sorridentes.

Com o passar dos meses, o canal crescia e meus pais pareciam atordoados com as burocracias desse mundo digital e, ao mesmo tempo, aliviados com o dinheiro extra que ele gerava. Eu gravava vídeos mostrando os recebidos do fim de semana, falava de músicas e filmes do momento, mesmo que não fossem meus favoritos. Aprendi a esconder o que me tornava diferente e gerava comentários negativos na caixa de notificação. A grande verdade é que eu tinha pavor da opinião dos meus inscritos e obsessão com a opinião deles.

Aos 15 anos e no auge da minha adolescência, minha mãe deixou o emprego e decidiu investir nossas economias em modos de alavancar a abrangência de meus vídeos. Isso mesmo, não fiquem surpresos! A fama é paga e tem a ver com o distante mundo dos algoritmos. Todavia, com essa parte eu nem me preocupava. Apenas sorria com as inscrições em massa. Quase 1 milhão de pessoas me assistia, minhas colegas me respeitavam e aquela garota que lanchava sozinha não existia mais. E sorria!

Tudo era uma maravilha. Festas, eventos, convenções e marcas me pedindo colaborações. Até não sei mais. Percebi como esses produtos não me representavam. Eu, literalmente, virei uma boneca sorridente e programada por vocês que leem este desabafo! Por vocês que não protegeram suas crianças das propagandas tão ilusórias e irrealistas! Por aqui me despeço de minha precoce profissão de *digital influencer* e clamo por novos olhares sobre esse mercado tão em voga. Beijos!

ANEXO 24 – REDAÇÃO 8 | 2022

Tudo começou como diversão. Eu comecei meu perfil no Instagram com 13 anos, como uma menina apaixonada por fotografia entretenimento, ansiosa para compartilhar fotos interagir com pessoas. Há seis meses, eu aumentei a frequência das minhas postagens já que comecei a fazer aulas de fotografia e edição e, por isso, meu perfil cresceu enormemente, e eu me tornei uma *digital influencer* com quase 1 milhão de seguidores (pelos quais sou muito grata). Isso mudou minha vida para melhor; como sabem, dedico-me mais à fotografia e edição (o que eu amo fazer), mas também afetou a vida de meus pais, que são constantemente abordados por pessoas com opiniões diferentes sobre o que eles deveriam fazer a respeito das redes sociais de sua filha de 15 anos: alguns, com medo da minha superexposição e suas consequências, acham que eu deveria ser supervisionada por eles, outros acreditam que eu deveria apagar meu perfil, pois o que eu faço é “trabalho infantil”, e há quem acredite que meus pais deveriam buscar a melhor maneira de monetizar minhas redes sociais.

Depois de ouvir isso várias vezes, minha família e eu sentamos para discutir e refletir sobre o assunto e, como sou uma personalidade digital com influência, senti-me responsável em expor minha opinião sobre crianças e adolescentes atuarem como *digital influencers* como eu atuo. Desde que eu comecei minhas redes sociais, elas são fiscalizadas pelos meus pais que aprovam minhas atividades mesmo que seja eu que produza conteúdo. Sempre pensei que isso fosse por motivos legais, porque eles são responsáveis por mim e não queriam problemas, mas hoje vejo que não é só isso: eles denunciam comentários maldosos e inapropriados, pesquisam sobre meus patrocinadores de maneira que eu não sou capaz e me poupam de muita maldade que falam sobre mim. Durante nosso diálogo, percebi que é só por causa deles que, até hoje, eu tive uma relação saudável com a internet. Nós, como influenciadores menores de idade, temos que entender que há uma enorme gama de riscos que estão entre conteúdos deliberadamente nocivos e construtivos, a qual muitas vezes não percebemos por falta de maturidade, ou com a qual não sabemos lidar. Mas nos privar de rede sociais também não é a solução: elas são parte essencial da atual cultura mundial e nos permitem fazer aquilo que amamos, como me permitem fotografar e contrate compartilhar meu cotidiano.

Então, resumindo este textão, os perfis de influenciadores menores de idade devem ser fiscalizados para prevenir e proteger os próprios *influencers* (de serem explorados por publicidades infantis e se tornarem trabalhadores e, também, de serem erotizados, desrespeitados e ameaçados) e quem os acompanha, mas não é preciso que eles deixem de existir ou fazer o que amam nas redes sociais.

ANEXO 25 – REDAÇÃO 9 | 2022

Salve, galera! Alguns podem ter achado estranho o comprimento deste *post*, ainda mais vindo de mim, que há tempo não publico algo tão extenso. Bem, aos guerreiros que não se assustaram pelo textão e que continuaram lendo, devo avisar logo que hoje não discutirei acerca de mais uma teoria de *One piece*, nem tratarei de assuntos engraçados, mas sim falarei sobre algo mais sério e mais pessoal: a minha recém-adquirida posição de influenciador (e a de outras pessoas como eu) aqui na plataforma e as minhas reflexões a respeito dessa trajetória no âmbito digital.

O meu recente crescimento nesta rede social era algo, para mim, inimaginável quando ingressei na plataforma há dois anos. Não fazia sentido, na minha perspectiva, alguém de tão pouca idade exercer tamanha influência sobre as pessoas. Foi explorando mais esse meio virtual, contudo, que me dei conta de que isso era muito mais comum do que eu imaginava, mas também bem mais complexo do que inicialmente presumi. Nesse período, passei a partilhar com muitos adultos ao meu retorno a opinião de que as redes sociais são majoritariamente hostis e impróprias para uma socialização juvenil saudável. Afinal, quem permaneceria são em um espaço permeado pelo *cyberbullying*, com frequentes ameaças e agressões verbais, e pela sexualização precoce, como correu com a MC Melody? De qualquer forma, meus seguidores iam crescendo, e os números, atraentes demais, acabaram me prendendo a esse espaço, em que ia me aprofundando e postando cada vez mais, em oposição ao que eu mesmo então pensava.

Desse modo, com a progressão do meu uso das redes e o crescimento da minha popularidade na plataforma, ao mesmo tempo que fui bombardeado, como nunca antes, pelos vícios consumistas propagados aqui e pude me perceber sucumbindo diversas vezes ao materialismo e à superficialidade efervescentes desse ambiente, passei também a observar uma alternativa positiva para o uso desta rede social por jovens como eu: de fato, influenciadores digitais adolescentes e crianças estão sujeitos a uma exposição, em muitos casos, inadequada para sua faixa etária, mas não foi por meio da internet que o canal Vida de Amy, uma representatividade importante para o público infantojuvenil portador de deficiências auditivas, tornou-se popular? Não é mediante tais veículos digitais que milhares de jovens são capazes de se socializarem, rompendo barreiras físicas de isolamento?

O que quero dizer é que, apesar das diversas ameaças à saúde dos jovens, o uso das redes sociais e, até mesmo, a posição de influenciador digital podem ser exercidos de maneira saudável, desde que haja maturidade para separar o joio do trigo, aproveitando a socialização e os conteúdos construtivos que a internet oferece. Para isso, o controle parental, limitando a exposição da criança ou do adolescente e o tempo de uso dos aparelhos digitais, e o diálogo familiar, felizmente bastante presente no meu caso, se fazem, digo por experiência própria, indispensáveis. Enfim, essa é minha opinião e obrigado por lê-la até aqui!

ANEXO 26 – REDAÇÃO 10 | 2022

Pessoal, diante da polêmica discussão sobre crianças e adolescentes atuarem como *influencers* nas redes, que vem crescendo bastante, resolvi contar um pouco da minha história como *influencer* e meu posicionamento sobre isso nos *tweets* abaixo.

Bom, muitos de vocês que me seguem há um tempo já conhecem a história, mas, para quem começou a me seguir recentemente, vou partir do princípio: quando tinha 5 anos, sofri um acidente que, embora não tenha me matado, deixou-me cego. Os anos seguintes foram bastante complicados – tive dificuldade em me adaptar à deficiência. Aos 12 ou 13 anos, meus amigos já navegavam na rede; e, assim, eu me sentia muito excluído. Foi então que meus pais resolveram me inserir nesse meio fazendo uso de todas as ferramentas de acessibilidade disponíveis. Logo comecei, com a ajuda de minha família, a fazer *vlogs* sobre inserção de deficientes visuais na internet, ensinando a cegos e seus familiares tais recursos de acessibilidade; e, no intuito de difundir esperança e visibilidade, meu canal cresceu.

Então, diante dessa experiência, defendo e sou bastante otimista sobre a atuação de crianças e adolescentes como *influencers* e até mesmo sobre a participação infantil nas redes. Contudo, não é possível ignorar as diversas mazelas que a internet pode oferecer aos não adultos, de modo que essa atuação deve ser efetuada por intermédio e monitoração dos responsáveis, como no meu caso. Isso é de extrema importância, pois o controle parental, diferentemente da proibição, que retira da criança uma dinâmica cultural da atualidade, auxilia no processo de maturação e reflexão consciente acerca das problemáticas digitais: os pais podem, por exemplo, proteger os filhos *influencers* de superexposições e publicações controversas das quais estes se arrependeriam quando mais velhos. Inclusive, eu mesmo já fui poupado de embaraços quando minha mãe, fiscalizando meu *vlog* antes da postagem, notou que, no fundo do vídeo, expus meu irmão pequeno sem roupas. São por casos como esse que o olhar parental traz mais segurança aos influencers mirins.

Além disso, a monetização de vídeos e vlogs também deveria, ao meu ver, ser evitada por jovens. Para mim, a internet é um ambiente útil e que pode oferecer ferramentas construtivas ao amadurecimento individual; contudo, a profissionalização desse ambiente pode desvirtuar tais princípios, ao passo que potencializa os aspectos mercadológicos da exposição infantil à erotização precoce e o incentivo ao

consumismo, que são problemas recorrentes na instrumentalização de *influencers* segundo o Programa Criança e Consumo.

Por ser cego, o controle parental foi onipresente em minha experiência digital e, como relatei a vocês, isso me permitiu aprender e amadurecer muito com os conselhos. É por isso que defendo a participação de *influencers* jovens nas redes, desde que sejam monitorados pelos responsáveis.

ANEXO 27 – REDAÇÃO 11 | 2022

Olá, queridos seguidores! Venho aqui escrever sobre minha trajetória nesta rede social e minha ascensão como *digital influencer*. Tudo começou aos meus 13 anos, quando eu e meus amigos estávamos tendo nosso primeiro contato com o universo digital – nessa época em que criei meu perfil. Era na internet que os jovens se comunicavam; é aqui que nós conversamos e nos aproximamos, compartilhando nossa cultura. Conforme o tempo passou, fui gostando cada vez mais das possibilidades que esta rede me proporcionava, o que me levou a postar mais fotos e a produzir vídeos engraçados e outras formas de conteúdo para entreter todos vocês. Foi assim que, nos últimos seis meses, eu atingi quase 1 milhão de seguidores, o que me deixou muito realizada e feliz! Porém, por mais que eu ame produzir conteúdos, essa recente ascensão vem me trazendo muita dor de cabeça, e eu também quero falar disso.

Atualmente, meus parentes e amigos estão divididos em dois grupos, sendo que alguns, notando os perigos acerca da superexposição de minha imagem na internet, aconselham meus pais a controlar o uso desta rede, enquanto outros sugerem aproveitar minha fama para ganhar dinheiro, o que seria trabalho infantil. Esses pontos de vista me fizeram refletir: vocês já pensaram sobre como minha situação é delicada? Existe uma narrativa que afirma que minha geração nasceu sabendo lidar com a tecnologia, mas estar em uma rede social também envolve saber lidar com pessoas! Nos últimos seis meses, eu entrei em contato com muitos comentários de pessoas com diferentes opiniões – a maioria de vocês gostam de meu conteúdo, porém uma parcela me agride de forma gratuita. Assim, como a influenciadora A. C., youtuber surda de que gosto muito, às vezes eu recebo opiniões maldosas que só procuram praticar cyberbullying (ela já foi ridicularizada por ser uma pessoa surda; eu já recebi mensagens que diziam que sou gorda e feia). Como uma jovem deve lidar com isso? Quais os perigos que as pessoas com essas opiniões representam? É por isso que considero o apoio familiar dos meus pais tão importante. Nós, jovens, somos frágeis na internet.

E, vejam bem, eu não vou monetizar meu conteúdo. Eu ainda não tenho idade para trabalhar e ganhar dinheiro. Este perfil é só um espaço de brincadeira e diversão para mim, sendo que meu desejo é me conectar com pessoas legais e divertir vocês. Além disso, imaginem os impactos que a divulgação de um produto em minha rede

social poderia causar: seriam milhares de crianças e adolescentes expostos a práticas de propaganda que incentivam o materialismo e o consumismo. Quando A. C. teve mais de 4 milhões de visualizações no vídeo em que mostrava sua boneca Reborn, grande parte dessas pessoas foram tentadas a comprar esse brinquedo. Essas não são as responsabilidades que uma adolescente deve carregar.

Postado por Giovana, 1.º de março de 2022.

ANEXO 28 – REDAÇÃO 13 | 2022

Oi, pessoal! Conte-me um pouquinho, nos comentários, como vocês estão hoje! Para ser sincera, há algum tempo, eu tenha vontade de vir aqui e falar um pouco sobre o que eu penso a respeito de um assunto bastante polêmico. Conversei com os meus pais e eles me deram liberdade de abrir meu coração a vocês.

Para começar, vou falar rapidamente sobre minha trajetória aqui no Instagram (sei que já falei sobre isso aqui antes, porém há muitos seguidores novos me acompanhando). Vamos lá direto ao ponto: eu tenho 15 anos, estou fazendo o 1º ano do Ensino Médio e sempre sonhei em cursar Medicina. Há dois anos, minhas amigas me deram a ideia de começar a postar sobre minha rotina de estudos, já que eu poderia servir como uma fonte de inspiração para que outras pessoas se dedicassem como eu. No entanto, para a minha mesma surpresa, meu perfil cresceu muito depressa, de tal modo que, hoje, tenho quase 1 milhão de seguidores – sendo honesta, a ficha ainda não caiu. No meu caso específico, eu acho todo esse processo incrível! Além de motivar diariamente a ir em busca do meu sonho de infância, eu posso ajudar pessoas em todo Brasil, é realmente inacreditável o que a internet me proporcionou e sou, sem dúvida, muito grata a cada um aqui.

Por outro lado, galera, o que me incomoda (e o que é, de fato, o motivo de eu estar fazendo este *post*) é que, infelizmente, a internet e todas as suas inúmeras ferramentas não são só flores e precisamos, de verdade, discutir esse assunto, a fim de nos mantermos cautelosos. Certamente, depois do meu curto testemunho, não estou apta a dizer que as redes sociais sejam ruins, mas devo alertá-los para um ponto: não sei iludam, está longe de ser uma tarefa simples crianças e adolescentes atuarem como o dia de *digital influencers*. Em primeiro lugar (eu sei que vocês já devem estar cansados desse debate), ao expor sua vida neste ambiente tão amplo, você deve ter a consciência de que o raro é não ser alvo constante de *cyberbullying*, o porquê vocês sabem, não é? Aqui, cada um fala o que pensa e o que quer, esquecendo-se de que, atrás dessa tela, há uma pessoa, não um robô, e que, portanto, tem sentimentos e que sofre com esses comentários maldosos. Eu, francamente, já me magoei demais com muitas coisas que li aqui; se não fossem os meus pais, eu, certamente, poderia ter desenvolvido transtornos psiquiátricos, porque vocês nem têm ideia do tipo de coisa que sou obrigada a ler, vindo de completos desconhecidos... Além disso, eu vejo que a internet tem roubado a infância das

crianças, tanto de quem está na posição de *digital influencer* quanto de quem consome esse tipo de conteúdo, porque, no lugar de estarem brincando criativamente, estão presas no celular o na frente da TV. Por fim, nós, jovens, precisamos reconhecer que ainda não vivemos tanto quanto nossos pais, nós não adquirimos tanta sabedoria de vida, logo não caiam na armadilha da famosa expressão “as novas gerações já nascem sabendo”! Nesse campo de exposição digital, crianças e adolescentes são um prato cheio para pedófilos, por exemplo, já que o que mais se vê é a erotização precoce dessa nova geração, seja por meio das músicas popularizadas hoje em dia, como as coreografias extremamente sexualizadas, seja pelas roupas pregadas como “estilosas”. Isso me entristece absurdamente. Creio que posso resumir este textão – agradeço a você que tenha lido até aqui – com uma fala que o meu professor de biologia (melhor matéria do universo, ninguém pode negar) sempre diz: “o problema não está nas redes mas no pescador”. Ou seja: vejo problemas em crianças e adolescentes serem *digital influencers*? Não, contudo tenho diversas ressalvas e acredito que o principal segredo esteja em uma relação sólida de confiança entre pais e filhos, com muita conversa e aconselhamento.

ANEXO 29 – REDAÇÃO 15 | 2022

E aí, galera, tudo bem? Aqui é o Luke, mais uma vez! Estou muito feliz em anunciar o nosso quase 1 milhão de seguidores! E, como tem muita gente nova por aqui, queria contar um pouco da minha história e mandar um papo sério sobre como a internet pode afetar os jovens falando também como eu e meus pais organizamos tudo por aqui. Leiam isto para seus pais antes de também abrirem suas contas!

Bem, teve uma época na escola em que todos da minha turma estavam viciados em Minecraft. Eu corri para meus pais e pedi que também me comprassem o jogo. A partir daí, passei a me dividir entre o futebol – paixão antiga – e o Minecraft. Um dia, o Pedro – meu primo – veio em casa e me ensinou a ligar a câmera, a gravar e a editar vídeos, motivando-me a abrir uma conta para postá-los. O Lukegameplays nasceu quando eu tinha 13 anos. A princípio, meus pais não souberam – o que não recomendo mesmo, conversem com seus pais, antes –, a gente brigou feio e eles me deixaram de castigo! Estavam preocupados com a minha “superexposição” na internet: se eu ficaria viciado, sedentário, sem vontade de fazer outras coisas, como brincar “de verdade” ou estudar, e também se eu me sentiria exausto ou explorado. Mas tudo isso lá no começo. Hoje, com 15 anos, dois anos de conta e muito diálogo, eles estão muito mais “de boa”.

Sei que vocês podem achar que é “zoeira”, mas é verdade. Conversar com os pais é fundamental, porque tem coisas que eles sabem e a gente não, e vice-versa. Aliás, até hoje tem gente – parentes e amigos – que vem falar com a gente e pensa em nos alertar com opiniões diversas sobre essa “superexposição”. “Mandando a real”, o importante é bom senso! Eu gravo tudo por diversão, faço conteúdo, edito e posto. Meus pais olham tudo antes de eu publicar – dando palpites – e, desde que ganhamos mais seguidores, eles passaram a cuidar da monetização também. Mesmo assim, nada mudou por aqui: vou para a escola, jogo, gravo, estudo e ainda “bato bola” com a turma. Sou o mesmo Luke de sempre, exceto que, agora, 7 centímetros mais alto.

Enfim, espero com isso ter ajudado toda galera que também quer abrir sua conta. Pessoal, é bem tranquilo, mas é importante se informar, se organizar e conversar com os pais antes de tudo. Papais, não tenham medo, apoiem o sonho de seus filhos e conheçam a tecnologia da nova geração. Por último, obrigado por todo o apoio, por terem lido até aqui e rumo ao milhão!

Beijão, galera!